



MONTEIRO LOBATO

NA
ANTEVESPERA

REACÇÕES
MENTAES
DUM INGENUO

COMPANHIA EDITORA NACIONAL - S. PAULO

6ms/7h/

NA ANTEVESPERA

1623

M O N T E I R O L O B A T O

NA
ANTEVESPERA

**REACÇÕES
MENTAES
DUM INGENUO**

1933

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusmões, 26, 28 e 30 — São Paulo

CHINA

AREA

1
2
3
4

1900000

1000000

P r e f a c i o

PG
9697
L59
N3

Escrever é anotar reacções psychicas. O escriptor funciona qual antena — e disso vem o valor da literatura. Por meio della fixam-se aspectos da alma dum povo, ou pelo menos momentos da alma desse povo.

Neste livro está enfeixada uma serie de reacções occorridas num periodo bem atormentado da vida brasileira. Todos sentiamos um terrivel e indefinivel mal ambiente. Um cheiro de fim. Era a Republica Velha que agonizava na presidencia Bernardes.

A revolta surda que em toda gente latejava explode nas reacções do escriptor sob forma de colera represa, de sarcasmo, de sympathia pela Russia de Lenin, de anseio vago por uma revolução que viesse quebrar a sordida crystallização leda e cega em que viviamos desde 89.

A espaços, fugas para o passado — para o passado nosso e para o passado da França, visto como para o brasileiro

daquelle tempo (e talvez ainda para o de hoje) havia o Brasil aqui e a França lá fóra. Fugas que nos alliviassem do mau presente.

E a revolução sentida no ar veio — para o que ainda não sabemos. A experiencia está a processar-se. Impossivel determinar se houve ganho dalguma cousa ou não.

Na apparencia desordenada e desunificada deste livro de impressões dadas em jornal — pelo O JORNAL de Assis Chateaubriand e pela A MANHÃ de Mario Rodrigues — ha uma estranha unidade, denunciadora do estado de espirito dos tempos.

Na Antevespera era livro que devia sahir em começos da presidencia Washington. E que não sahiu por uma razão bem de cabo de esquadra: falta de titulo. Preguiça, desanimo de descobrir um titulo. Por fim os originaes se desgarraram, sumiram-se — e assim sumidos passaram varios annos. Um dia encontrei-os, amarellecidos pelo tempo, atraz dum armario. Reli-os com extrema curiosidade.

— Onde já lá vae tudo isto! foi o o commentario da saudade.

Durante esses annos de interregno o autor viveu fóra do paiz, voltando para vel-o com o grande sonho da Revolução realizado. E sentiu-se um pouco mais triste do que antes.

Que as revoluções revolvem, sabemos. Mas que não melhoram o material revolvido ficamos sabendo. Creio que hoje ha por aqui mais tristeza, mais desespero resignado porque andamos todos a sentir que a grande cousa para a qual sempre appellavamos parece que falhou. E se falhou, para que mais appellar?

Entra, ainda no livro uma cousa que não é daquelle tempo. Servirá para mostrar como resistem, subsistem e insistem na Republica Nova certos mancaes technicos, archi-gastos, da Republica Velha.

Manuelita Rosas

Manuelita Rosas, a filha unica de Don Juan Manuel Ortiz de Rosas, esse homem de genio, o mais bello, o mais forte, o mais habil do seu tempo na America (para nós ainda hoje apenas o “tyranno Rozas”, com “z”, da Historia do Brasil com “z”, de Lacerda), foi um caso notavel de re-equilibrio biologico. De Vries, Mendel e outros entendidos em hereditariedade veriam nelle uma resultante logica do ardente *punzó* materno e do frio azul paterno, formando o mais suave e tranquillo lilaz, graças a um salto regressivo aos avós, Dona Agustina e Don Léon, typos de fidalgos do seculo dezoito.

Para definir o character e a finura destes ancestraes basta um trecho de carta do pae ao filho, reeleito para uma funcção governativa: “Amado filho, é de necessidade que venhas ver tua mãe e trates com teus melhores meios de desimpressional-a dos effeitos que tem causado em sua imaginação a noticia da tua reeleição para o governo. Seus suspiros continuos me cortam a alma”...

E’ um “nec plus ultra” de finura seculo dezoito, suspirar a velha porque o filho subiu ao

governo, e allegar o velho, como razão decisiva, esses suspiros que lhe traspassavam a alma...

Vem assim ao mundo Manuelita como revanche da natureza assustada deante de duas creações fortes em excesso.

Rosas foi o genio da premeditação implacavel, o calculista frio, a razão que jamais erra, pois não se illude a respeito de nenhum dos valores psychologicos que compõem uma collectividade.

Em Los Cerrillos teve esse homem a mocidade occupada numa tarefa que não passou de aprendizagem de governo.

Darwin, que pernoitou nessa estancia de setenta leguas quadradas, diz que ao avistar-lhe a séde teve a impressão de uma cidade com a sua fortaleza; notou ainda que os moradores eram de tal modo disciplinados e aguerridos que a estancia estava a coberto de todos os ataques dos indios.

Nessa escola, verdadeira miniatura do paiz, Rosas estudou os homens, comprehendeu-os e apprehendeu as linhas geraes da technica de conduzi-los. Impoz-se a todos pela força physica, tornando-se o melhor cavalleiro, o melhor amansador de potros das redondezas; vestia e falava á moda gaúcha, de cheripá, jaqueta e poncho, sabendo, entretanto, manter a distancia; era o chefe completo pela norma que a natureza indica, a um tempo protector e verdugo, juiz e pae, distribuidor do bem e do mal. Affavel e severissimo, risonho e terrivel, amenizando fulminações de Jupiter com bromas de bufão, creou o fanatismo da sua pessoa e a obediencia céga. O cacique Cachuel dizia, exprimindo o modo de pensar com-

mum: "Juan Manuel nunca nos enganou. Eu e toda a minha tribu morreremos por elle. Sua palavra é o mesmo que a palavra de Deus".

Este estado de espirito, conseguido no feudo á força de comprehensão psychologica e de rigor justiceiro, deu-lhe ali o commando unico, temporal e espiritual.

O caso de Rosas é virgem na historia. Vence por hypertrophia do seu feudo. As terras vão-se-lhe augmentando sempre, pela aquisição de novas estancias, e com ellas vae crescendo o seu prestigio e o numero dos subditos aggregados. Infatigavel, e dotado de uma capacidade de trabalho que só tem parelha na de Bonaparte, Rosas é um proprietario que á custa de diligencia cresce a ponto de acabar dono de todo o paiz.

Seu feudo torna-se um estado dentro do Estado; um Estado organizado, disciplinado, efficiente, onde todos percebem a mão constructora e a cabeça firme do chefe, dentro de um Estado em desordem, presa do permanente tremor de terra politico de um liberalismo ideologico, rico em palavras sonoras, mas incomprehensivo e incapaz de implantar a ordem.

O estado nuclear de Rosas, ordenado, cresceu tanto á custa do seu rival desordenado, que terminou por substituir-se a elle. Rosas não assumiu a dictadura de assalto, o que é a regra; a Argentina é que veio aos poucos collocar-se sob o regimen por elle creado para Los Cerrillos. E como chefe supremo da nação agiu com a mesma segurança, applicando a mesma technica que a experiencia lhe ensinara como a melhor para a direcção da estancia. E' inimigo? Elimina. E' boi,

cavallo bravo? Amansa, mette na canga. E' discolo? Olho da rua. A prova da excellencia do systema foram os vinte e tantos annos de ordem que o paiz teve, periodo que permittiu o surto das riquezas pastoris e preparou a base economica da Argentina actual.

Rosas varreu do paiz o liberalismo palavroso. Uma formula simplicissima dizia tudo, entrava cabeça a dentro ao mais bronco e tornava inuteis a arenga comprida, o discurso, a justificação, mil cousas complicadas e inefficientes. Essa formula começou assim: "Mueran los salvajes unitarios". Unitario abrangia tudo quanto era anti-rozista, o poeta autor dum soneto desagradavel ao paladar do despota, o padre que murmurava no sermão contra um acto seu, o philosopho que philosophava sobre as necessidades da patria, etc. Mais tarde, para combater a onda crescente do liberalismo tiririca, que brota sempre por mais que a enxada lhe corte as raizes, enfeitou a formula magica de mais dois adjectivos: "Mueran los salvajes, asquerosos, imundos unitarios".

Isto, para vencer a imaginação; para vencer o musculo creou a mashorca, especie de fascismo desenfeixado e sem organização militar. Era a matilha da plebe, que funccionava apparentemente por conta propria, mas de facto açulada pelas habilissimas suggestões do dictador. Com estes simples ingredientes Rosas alijou da Argentina o liberalismo, encurralou-o no exilio e poudé á vontade organizar Los Cerrillos transformado em Argentina.

Mas a machina de dominar (havia ainda duas

peças, os bufões Don Eusebio e Biguá) revelou-se falha.

A Argentina inteira não era, como Los Cerrillos, composta só de peões. Havia nella uma elite que, embora pequena, significava muito; havia ainda o elemento estrangeiro, os diplomatas, os viajantes illustres, escol para cuja coacção não bastava a formula magica. Esse elemento subtil não vae pela força; quer ceder pela seducção.

Entra em scena a seductora: Manuelita, herdeira de todas as qualidades nobres do pae, accrescidas umas, modificadas outras, e herdeira tambem do senso da oportunidade que caracterizava sua mãe.

Dona Encarnacion Ecurra foi uma virago de alta potencia, bem merecedora do cognome de Heroína da Federação que lhe conferiu Rosas. Era feia, mascula, mulher de armas levar, exaltada, violenta, maliciosa, suspicaz, sem o menor toque de graça ou langor femininos. Foi uma companheira de Rosas escolhida a dedo pelo Destino. Sem ella talvez Rosas não vencesse, como sem Manuelita talvez não se prolongasse tanto a sua dominação. E os fados, sabios em suas combinações, fizeram desapparecer da scena a mulher violenta no momento preciso em que, obtida a victoria, era mister consolidal-a, papel prescripto não mais á mãe e sim á filha.

Rosas, para que sua aureola crescesse sempre, morava longe das cidades onde seus rivaes se consumiam pelo attricto. Vivia ou nas estancias ou em campanhas contra os Indios — o mesmo truque de Napoleão com a sua campanha do

Egypto. Crescia-lhe assim o prestigio, insuflado pela noticia de feitos bellicos que a distancia ampliava.

Mas Rosas, como Bonaparte, nada deixava ao acaso e, embora sempre longe do scenario politico e como alheio a tudo, de facto manobrava todos os cordeis por intermedio de Dona Encarnacion.

Era o typo da agitadora, esta mulher, da intrigante habilissima que não escolhe meios e vae como a setta ao alvo. Alliciava, comprava adeptos, tramava, matava, espancava — uma verdadeira furia esquecida a Ariosto.

Todas as coleras e odios chamava-os para sua cabeça, desviando-os assim da cabeça do seu marido — tão longe, o coitado, a desbistar indios no deserto...

Para illustração do character desta heroína basta a leitura de uma das suas cartas ao marido:

“A mulher de Balcarce (era o governador que os restauradores queriam derrubar) anda de casa em casa vomitando tempestades contra mim; o menos que diz é que vivo na dissipação e no vicio e que tu me olhas com a maior indifferença, e que por isso não cuido de conter-me. Elogia-te o quanto degrada a mim; este é o systema, porque a elles lhes doe, por seus interesses, perder-te e porque ninguem dá a cara do modo que eu a dou. Mas nada se me dá de taes machinações; tenho bastante energia para contrabatel-as; só me faltam tuas ordens, que em certos casos as suppre minha razão e a opinião de teus amigos, a quem ouço e classifico conforme valem, pois a

maioria de casaca tem medo e só me faz o "chambalé"... Tagle (ministro de Balcarce) mandou pedir-me uma conferencia, que só desejo para cortar-lhe as orelhas"...

E esta outra:

"Um mulato, Carranza, muito unitario, foi para o exercito; dizem que te leva um barril de azeitonas; não as comas sem que alguém o faça primeiro, não sejas tolo... Mando-te os pasquins sahidos estas ultimas noites. Miñana foi para o Norte muito bem instruido sobre o modo como deve agir (para a revolução restauradora): se o descobrem estes malvados (os do governo) me lançarão a culpa a mim, mas isso pouco me importa. Por toda a parte "tienen bomberos"; um dos que espiam nesta casa é o "picaro" de Castañon, o edecán, porém no dia em que o pilhe hei-de mettel-o dentro e "le he de pegar una soba"... Don Elias não apparece, creio que anda "cubileteando" porque me tem muito medo".

E mais este trecho de outra carta, em que narra a invasão da casa do conego Vidal, elemento contrario á politica de Rosas:

"Tiveram muito bom exito os balazios e o alvoroço que mandei fazer no dia 29, pois disso resultou que se vae embora para sua terra o facinoroso conego Vidal"...

Não é preciso mais nada para definir a poderosa auxiliar de Juan Manuel, executora das suas ordens e para-raios dos odios que elle attrahia. A actuação foi perfeita e opportunissima. Fez-se a revolução, Balcarce foi derrotado e organizou-se um interinato fragilimo, mero guarda-cadeira que viveria até que viesse tomar o leme do com-

mando o commandante nato. Rosas apparece então preguiçosamente, como quem não quer, rogado e implorado pela nação inteira de mãos postas. A sua technica, como a de Bonaparte no Egypto, produziu um resultado maravilhoso. Tornou-o unico no meio da multidão de politicos estragados pelo uso e enfraquecidos pelas rivalidades. Veio do deserto como um triumphador e displicentemente accedeu ao clamor deplorativo das rãs que pediam rei, dando á Argentina a honra de presidir os seus destinos.

Vencer, como ganhar dinheiro, não é tudo; resta a segunda parte, conservar, que é muito mais difficil. Na primeira teve Rozas o instrumento ideal em Dona Encarnacion Escurra. Esse papel primacial caberia na segunda a Manuelita.

Resultante de duas forças extremadas, raiz e tronco, veio a flôr com o seu perfume, o brilho das suas côres, a subtileza da sua intelligencia, a seducção da sua plastica embellezar a tyrannia de Rozas durante largos annos, tornar-lhe possivel a duração e transmittir ao futuro o ensinamento de que os droguistas americanos, os Ayer, os Reuter, tiraram tão optimo partido: o assucarado e o dourado sobre a pilula amarga. Manuelita foi a fina flôr de sentimento e razão que assucarou e abrigou uma das mais longas dictaduras da America.

Não se diria bella a filha de Rosas, no sentido grego da palavra; possuidora entretanto de todas as sub-bellezas filhas da Graça e da Distincção, valia por bellissima. Belleza moderna, em summa, teia muito mais de prender olhos e coração do que a inexpressivel, inhumana e desintelligente belleza da Venus de Milo. "Su mirada es

vaga”, diz um contemporaneo, “y sus ojos, como su cabeza, parece que estuvieron siempre movidos por el movimiento de sus idéas”. Era alta, morena, pallida, tinha abundantes cabellos negros e o ar mais distincto e elegante que se possa imaginar — diz Ventura de la Vega, que a conheceu em Londres. E accrescenta: “Su conversacion es franca, pero muy fina y con golpes de talento que dejan parado”.

Neste traço final está toda Manuelita e o segredo da seducção que exerceu sobre quantos se lhe approximaram. Vibrava em seu rosto a beleza d'alma de mistura com a força da intelligencia. Aquelles “golpes de talento que dejan parado” explicam melhor que longo discurso o prestigio de fada que a nimbou durante a vida inteira.

Valeram-lhe talvez este facto raro: passar pela tyrannia mais conspurcada da epoca sem que o acerrimo odio a Rosas ousasse espirrar em seu regaço o menor respingo de lama.

A meninice de Manuelita foi o que podia ser uma meninice num agitado lar de caudilho — lar de carinho sem ternura e união sem delicadeza. Era a casa de Rosas um permanente quartel de conspiradores e fanaticos do mais variado pêlo, e até dos seus aposentos ouvia a menina o rumor das armas, o vozeio da turba em exaltações a seu pae, com o entremeio das arremettidas de Dona Encarnacion em constante vociferar contra os unitarios.

A furia politica varria a Argentina, forçando aquella infancia melancolica a assistir a tremendos dramas de sangue e brutalidade, como a revolução de Lavalle e o fuzilamento de Dorrego.

Sua sensibilidade, rica de todas as finuras, recolhe-se comsigo ao bafo recrestante de tal ambiente — e Manuelita sazona antes do tempo, qual manga verde mettida em abafo morno de cinzas.

E' contingencia do caudilhismo politico esteiar-se nas peiores borras humanas. A casa de Rosas refervia de caudilhetes de bairro, phosphoros eleitoraes, cabos de motim, negros e mulatos espiões — futuras peças da Sociedade Restauradora e da Mashorca.

Nesse tempo abundavam em Buenos Aires os negros, encurralados nos suburbios em zonas turbulentas, chamadas "bairros del tambor" em vista do constante tam-tam dos candomblés. Organizados em colonias de minas, mandingas, moçambiques, benguelas, congos, cada nação tinha lá seu rei, sua rainha de beijarra e suas usanças d'Africa.

Rosas corteja-os, vendo nessa barbara plebe de linhite boa materia prima para a machina de compressão social que já idealizava. Em carta á esposa estabelece tal politica:

"Já debes saber o que vale a amizade dos pobres (referia-se aos negros) e o quanto importa conserval-a sem desdenhar meios de attrahir e cultivar suas vontades. Não cortes pois com elles.

Escreve-lhes, manda-lhes presentes sem que te dôa gastar com isto.

Digo o mesmo a respeito das mães e mulheres dos negros e mulatos que nos são fieis. Não deixes de visitar as que o mereçam, nem de soccorrel-as em suas desgraças. Aos fieis que já te hajam servido deixa-os que joguem bilhar em casa e obsequia-os como puderes".

Manuelita, já utilizada pelos paes como força de seducção, era mandada á sala do bilhar, onde devia sorrir para aquelles “tertulianos” de cujas boccas só saíam sandices e “palabrotas”. Também ia, a convite, presidir tertulias negroides, festas que não principiavam antes que a princezinha chegasse.

Iam buscal-a em prestitos. Conduziam-na a thronos. Só então começavam as dansas, os cantos, a musica, a vociferação sempre afinada pelos mesmos themes: louvores ao Magnanimo Restaurador das Leis e morte aos selvagens, immundos, asquerosos unitarios.

Não se dispensava Rosas da collaboração feminina, revelando nisto sua alta intuição da psychologia humana. A esposa lhe servira ás maravilhas emquanto o problema fôra escalar o poder; sua tactica, com base na dissimulação, exigia comparsa fidelissimo, identificado em absoluto com os seus interesses e capaz de executar, a mandado e por inspiração propria, todo um machiavelico plano de golpes enxadrísticos. Uma vez guindado ao poder, todavia, dispensava-se de uma Cerbera ao pé do throno, a rosnar, nem era esse o papel para que a natureza melhor adequara Dona Encarnacion.

Tratava-se de conservar o poder e isso exigia ingredientes mais fluidicos, essencias que a alma da Heroína da Federação, demasiado violenta, não sabia estillar. Nascida para o assalto, para acommetter, para “pelear”, ignorava o sorriso que descripa os dedos agarrados ao punhal; ignorava a clemencia que amaina o furor das paixões como o oleo amaina o furor das ondas.

A situação exigia, em vez de colmilhos arreganhados, o velludo negro duns olhos de fada donde fluísse o mel da clemencia e da sympathia.

E o destino de Rosas deu-lhe em Manuelita o topico ideal, que faria duradouro e toleravel o seu algido despotismo.

Perfeita antithese da mãe, a vontade superior de Manuelita, norteadá por sua intelligencia de escol, dominava-lhe os impetos do temperamento herdado e a mantinha sempre num suave equilibrio de serenidade. Poderia refferver por dentro em lavas; essa lava resurtia fóra transfeita em flores e sorriso. De alma aberta a todos os ventos e, pois, comprehensiva de todas as impressões alheias, possuía a mais um controle absoluto de sentimento, a ponto de não lhe apontar a historia uma só descabida de linha.

O calculo frio de Rosas fez-se nella prudencia: o impulsivo da mãe transfez-se em medida. E se a finura da sua sensibilidade, tactil a todas as nuances das cousas, inclinava-a á ternura — foi terna sem arroubos, porque a intelligencia, sempre de freio á imaginação, mantinha-a attenta ás realidades, impedindo-lhe o deformat-as.

Em pleno delirio romantico (que outra cousa não é a revolução) recebia Manuelita o calor da onda de fogo sem inflammá-se, como não pegava de contagio nenhuma das febres ambientes. Seu realismo penetrante livrou-a até da effusão mystica, tão commum ás hespanholas; piedosa e crente, não tomou da religião o hysterismo e sim, apenas, a parte pragmatica — consolo e resignação na desgraça.

A moral de Manuelita foi uma e inalteravel: amar a seu pae e cumprir até ao stoicismo o seu dever de filha. Na filha bôa do rei Lear, Shakespeare desenha traços da sua irmã platina. A juventude inteira sacrificou-a Manuelita ao egoismo paterno, supportando em respeito de “su tatita” transees que lhe deveriam custar as peiores torturas moraes. Não seria das menores o forçar constantemente sua bondade ingênita a uma acção mais passiva que activa, dando ao sorriso mais affabilidades que cordialidade.

Como instrumento diplomatico foi de finura inexcédível — e com grande habilidade a empregou Rozas. Quando Oribe parte de Buenos Aires á frente das tropas que vão enfrentar Lavalle, manda Rozas, que a filha o acompanhe um bom pedaço. Efeito fulminante. Impressionado com a attitude da menina, Oribe escreve a Rosas: “Con su señorita hija le mando decir que fineza de esta clase sólo se pagan con sangre como si llega el caso lo haré”.

Outras vezes utiliza para firmar cartas por elle mesmo habilmente escriptas, capazes de confundir ao mais habil psychologo de epistolographia feminina. Na epoca do terror encarregou-a do manuseio dos papeis secretos, das listas de proscricções — e o historiador de hoje “fica parado” ao imaginar a scena da fada bôa a lidar com as listas negras do carrasco...

Além de seu melhor instrumento foi Manuelita a doce companheira do tyranno. Consagrada inteiramente á tarefa de zelar por elle com carinhos de mãe, constituiu-lhe todo o lar, encheu-lhe toda a vida intima.

Tambem tomava a si o contacto do dictador com o mundo. Ella, quem attendia aos clientes, recebia os pedidos, ouvia as supplicas, dava esperanças, fazia promessas; ella, em summa, quem representava no sombrio palacio de Palermo a parte da graça e da misericordia.

Amou, Manuelita?

Sim, embora menos do que foi amada. Amou a seu pae sobre todas as cousas e amou ao homem que mais tarde, no exilio, já em idade madura, veio a ser seu esposo.

Amada foi de numerosos galãs. Um enamorado britannico deixou chronica: Lord Howden. Par do reino, este romantico fidalgo fôra enviado á Argentina como representante da Inglaterra para dirimir o conflicto de que resultou o bloqueio do Rio da Prata pelas esquadras ingleza e franceza.

Homem de altas aventuras, ex-ajudante de ordens de Wellington, companheiro de Byron na Grecia, heroe da batalha de Navarino, commissario inglez no cerco de Amberes, nem o muito mundo que correra, nem as muitas mulheres que vira o immunizaram contra os encantos de Manuelita. Frequentava assiduamente as tertulias da princezinha e lá se enleou na sua teia de seducção.

Um dia promoveu uma passeata a cavallo, durante a qual conseguiu emparelhar-se com a filha do tyranno e declarar o amor que o devorava.

Manuelita ouviu-o silenciosa e grave, com os olhos perdidos no azul do horizonte. Dias depois enviou a Lord Howden uma gentilissima carta em que lhe pedia carinhosamente que apenas visse nella uma extremosa irmã.

Ibarguren transcreve a resposta do inglez, finissima, modelo de ironia, que mal empalha o despeito resentido ante a fina diplomacia da tabua...

Esse amor inspirado ao emissario inglez influuiu seriamente na marcha dos acontecimentos.

Lord Howden rompe com o emissario francez, conde de Walewski — não o filho do Corso com a formosa condessa slava — e faz suspender o bloqueio por parte das fragatas inglezas.

Ficam os francezes a sós com a prebenda, arcando com o rancor dos argentinos, que incontinenti tiram do lombo dos unitarios e pespegam no dos francezes o terrivel — “imundos e asquerosos”.

Howden era um homem de espirito. Entre agradar Manuelita e agradar á França não vacillou...

Mas o drama se precipita.

Sôa em Buenos Aires o grito de Roma: “Anibal ad portas!...” As legiões de Urquiza avançam contra a capital, afogueadas de enthusiasmo. Partem ao encontro dellas as duas criaturas que Manuelita mais amava no mundo — seu pae, na chefia das forças opposentes e Maximo Terrero, o mancebo que soube conquistar o coração da princezinha federal. Ia o noivo incorporar-se ás tropas e levava como talisman um lenço de Manuelita, bordado pelas suas proprias mãos.

Não ha descrever os transes da filha e da noiva quando o éco dos canhões alvorotou a cidade. O embate seria decisivo e ella jogava o seu coração na batalha. Cahiu de joelhos e orou...

Sobrevinha a noite quando Rozas reappareceu, fugitivo, disfarçado no poncho e no gorro ver-

melho de um ajudante de ordens. Apeou na legação britannica, mandou um rapido bilhete a lapis á filha e pediu o asylo da Inglaterra. A's 8 da noite Manuelita reune-se ao pae, prompta para a fuga.

Seguem dali para a fragata "Centaur" e desta para o "Conflict", que os leva para o exilio.

Estava terminado o papel de Rosas no mundo. Na Inglaterra iria vegetar numa casa de campo de Southampton como um bom boiadeiro retirado dos negocios, mais attento ao rheumatismo do que á politica de sua patria.

Ao seu lado Manuelita redobra de carinhos filiaes e ameniza o exilio do leão enjaulado. O egoismo de Rosas revela-se em toda a sua grandeza. Continua a oppor-se ao casamento da filha, exige o sacrificio da amavel criatura nas aras da dedicação indivisa. Continuava á oppor-se ao seu casamento com Terrero, não que lhe parecesse indigno o noivo, mas para não se apartar da filha.

Manuelita escreve a uma amiga em 53: "Aqui me tens na Inglaterra sem saber ainda onde iremos morar — mas ha de ser numa casa de campo. Nella viveremos conformados com a vontade de Deus e observando a rigorosa economia que nossas circumstancias impõem; passaremos como seja possivel, confiantes na justiça do Céu. Esta escola de conformidade, que é a vida de meu querido paezinho, não me ha faltado um só dia e assim vivo perfeita e humildemente submissa ao meu destino".

Mas Terrero muda-se para a Inglaterra, arrastado pelo seu amor e isto revoluciona o coração da amavel conformada, que afinal resolve que-

brar a resistencia do egoismo paterno e receber como esposo o eleito do seu coração. Casa-se e escreve á mesma amiga: "Petronita! Já estou casada com o meu Maximo!... Tu, que o conheces, podes ter a certeza de que elle me fará completamente feliz. A doçura de pertencer-lhe me fez olvidar todos os maus momentos e todas as desgraças da minha vida. Abraça-me com força, e rejubila-te da felicidade da tua amiga".

Já Rosas é num tom muito diverso que annuncia a Petronita esse casamento. "Muito pouco me resta hoje, depois que tua amiga (Manuelita) me abandonou com inaudita crueldade, e me deixou só no mundo, justamente quando mais necessitava da sua existencia".

Ficou elle em Southampton, na sua casa de campo, e Manuelita passou a residir em Londres, donde vinha visital-o amiude.

Essa separação forçada era a unica nuvem que empanava a felicidade de Manuelita, e dahi o procurar amenizal-a com visitas frequentes.

Rozas alugara uma chacara e trabalhava para garantir a sua subsistencia. E' bello o fim da vida desse tyranno que teve tudo, que foi dono da Argentina inteira e acabava trabalhando a terra para viver. Seu stoicismo espanta. Pobre e só, produzindo o pão de que vivia em terra estranha, nesse momento o homem apresenta-se-nos maior do que o tyranno de Palermo.

"A justiça de Deus, escreve elle a dona Josepha Gomes, está acima da soberba dos homens. O homem verdadeiramente livre é o que, isento de fraquezas ou desejos excessivos, em qualquer paiz e em qualquer condição em que se ache, se-

gue os mandamentos de Deus, attende á sua consciencia e guia-se pela razão”.

Em Buenos Aires o partido vencedor leva a cabo o processo de Rozas e o condemna á morte e ao confisco de todos os bens.

Rosas protesta. O seu julgamento “só compete a Deus e á Historia, porque só Deus e a Historia podem julgar os povos”.

Manuelita recebe a noticia qual uma punhalada. “Que lhe parece a vida, amigo meu? escreve a Francisco Plot. O general Rosas reduzido a viver do trabalho de suas mãos aos setenta annos de idade, victima da mais cruel expoliação e das offensas incessantes com que o perseguem seus inimigos com permissão do paiz ao qual tudo sacrificou! Os poucos recursos que trouxe, e isso devido a um acaso providencial, exgotaram-se. Se acaso meu pae necessitasse ainda de justificação, esta pobreza completaria a sua coroa de gloria. Expulso da patria, submettido sem murmurações ao seu destino, fiel ao seus principios, sem faltar nunca ao respeito da autoridade seja lá quem for que a represente, privado dos seus bens de familia, injuriado sem treguas, é elle, no entanto, para mim, para seus fieis amigos e para seu paiz, o mais grandioso espectaculo que a historia apresenta entre os grandes decahidos.

Apesar disso, como filha carinhosa, cada vez que considero a sua posição choro sem termo, e minha dor é mais cruel porque me vejo despojada de tudo e não posso ajudal-o. No meio de tudo, porem, ao contemplar tão grande infortunio supportado com tamanha virtude e elevação de alma,

confesso: é uma licção que acceito orgulhosa, pois vem desse grande homem a quem devo a vida”.

E assim transcorrem os ultimos annos de Rosas, sempre assistido da grandeza moral de sua filha, a mais bella alma de mulher que ainda figurou na historia americana.

Um dia Manuelita é chamada com urgencia a Southampton pelo medico de Rosas. Vae. Era o fim. “Pobre tatita! escreve ella de lá ao marido. Ficou tão contente ao ver-me chegar! As nossas predições desgraçadamente se realizam, pois diziamos sempre a “tatita” que aquellas sahidias com tempo humido em pleno rigor do frio lhe haviam de trazer a pneumonia. A sua paixão pelo campo abreviou seus dias... Imagine que com um destes dias de frio espantoso que tivemos elle sahiu e esteve fóra até tarde. Resfriou-se e as consequencias estão ahi”. Rosas estava mal; não obstante conversou lucidamente com Manuelita e troçou do medico. Depois ordenou — até no ultimo momento inda sabia ordenar — que a filha ficasse num aposento vizinho.

As seis da manhã batem-lhe á porta. “Saltei da cama, escreve ella ao marido, e quando me cheguei ao doente beije-o quantas vezes, como tu sabes que o fazia sempre, mas senti que sua mão estava fria. Perguntei-lhe: “Como vae, tatita?” Sua resposta foi mirar-me com a maior ternura: “Não sei, filhinha”. Sahi do quarto para mandar vir com urgencia o medico e o confessor; só me demorei nisso um minuto; mas quando tornei já elle tinha deixado de existir.

Vês, meu Maximo, que suas ultimas palavras e seus ultimos olhares foram para mim, para sua filha...”

Com a morte de Rosas desaparece do scenario do mundo Manuelita e surge em seu lugar a suave senhora Terrero. Viveu ainda longos annos, escondida como perola no recesso do lar, e por fim se apagou com doçura, como as tardes serenas que caem lentamente após um longo dia tempestuoso.

Com esta imagem feliz fecha Carlos Ibarguren o seu precioso livro sobre Manuelita Rosas, donde colhemos o material deste retrato. E o leitor “fica parado” e acaba perdoando a Juan Manuel a sua dictadura em troca de haver enriquecido a historia com tal filha — magnolia de inebriante perfume desabrochada sobre a lama rubra dum saladero.

O primeiro livro sobre o Brasil

Em Frankfort — sobre-o-Meno appareceu em 1556 um livro de chamar attenção. As terras da America, recém-emergidas do limbo, tinham o dom de espertar nos europeus funda curiosidade e aquelle “vient-de-paraitre” versava sobre as aventuras de um naufrago allemão que déra á costa no Brasil, estivera longos mezes captivo dos tupi-nambás e conseguira por fim fugir-lhes á sanha cannibalesca. Assumpto palpitante, pois, como se diz em jornalística moderna, e impressão publica muito irmã da que nos deram ha pouco tempo as resurreições pharaonicas de Lord Carnavon.

Hans Staden havia apalpado, cheirado, provado a mysteriosa terra dos amerindios, vermelhos homens sem tanga, amicissimos de trincar a carne dos seus semelhantes como o fazemos ainda hoje ao nosso irmão porco, ao nosso paciente companheiro de trabalho o boi. Seu livro suava realismo; tudo nelle, cousa vista e vivida, laivada do inimitavel sabor da impressão directa.

Hans seria de poucas letras. Dahi o fazer estylizar o livro por um notavel da epoca, o doutor

Zychman, medico de Marpurgo, o qual o narigou de um prefacio que é um modelo de literatura encruada.

Em materia de graças literarias a Allemanha do seculo XV vagia. Plena fervura da Reforma, o debate religioso em latim suffoca o renascimento esboçado pelo humanismo. Ha Erasmo, cujo ovo, no dizer do tempo, Martinho Luthero chocara; essa figura primaz, entretanto, não se atreveu a escrever o "Elogio" no allemão barbaro do povo. E fóra Erasmo os nomes da época são menos nomes que pequenos marcos chronologicos do estado fetal de uma literatura cujas formosas qualidades, mais tarde apuradas ao requinte em Goethe, mal se denunciavam. O livro de Staden, apesar de revisto por um mestre, dá bem a medida e o tom da "rudis indigestaque mole". Tal é, porém, a força da obra vivida que inda assim vale por uma das cousas mais curiosas e empolgantes que já se escreveram.

Para nós seu valor requinta-se não só por ser o primeiro apparecido sobre nossa terra, como o que melhor nos mostra a arte com que os Vateis tupinambás, nossos avós em linha aborigine, abatiavam, esfolavam, arrolhavam, assavam e degustavam entre goles de Cauim White Label os retacos e massiços portuguezes, nossos avós em linha européa.

A carne lusa era positivamente um acepipe de lambar os beiços. Provam-no o caso da velha india catechizada por Anchieta, a manifestar antes de morrer seu ultimo desejo: esbrugar entre os tocos dos dentes uma munheca de criança moqueada; e a abalisadissima opinião de Cunhambebe,

que adeante mencionaremos. Pena é que a “sensiblerie” moderna (medo ás baratas) não permitia que a par da resurreição do estylo colonial, arduosamente preconizado por José Marianno, não se restaure a praxe gastronomica dos nossos maiores — no caso de não haver perdido suas qualidades de paladar o petisco em questão.

Staden viu-se possuido da febre aventureira, a gripe do seculo dos descobrimentos. Seduzido pelas lendas em gyro na bocca do povo, relativas aos maravilhosos paizes das Indias, deixou muito moço a casa paterna, em Homberg, e se foi para Lisboa, entreposto maritimo no apogeu, donde o largar de navios para as terras novas era constante.

Lá engajou-se de artilheiro a bordo da frota que encontrou a sahir, realizando assim, em 1548, sua primeira viagem até Pernambuco, ida e volta. Gostou. Passou á Hespanha e em Cadiz engajou-se de novo, agora em nau castelhana, tomado de curiosidade pelo Rio da Prata.

Desta feita os fados não lhe correram de feição: naufragou nos costas de S. Vicente, após horrivel temporal que elle descreve de modo impressionante. Em terra caminhou ao acaso e foi dar com os ossos em Itanhaen, incipiente nucleo lusitano, cujos moradores o receberam de braços abertos.

Itanhaen e S. Vicente estavam em zona de indios tupiniquins, amigos e alliados dos portuguezes; milhas adeante começava a zona dos tupinambás, nação inimiga e anthropophaga. Vivia-se em guerra aberta e as constantes incursões dos tupinambás tiravam o somno aos portuguezes. Dahi a idéa de erigir-se um fortim na Bertioga, á entra-

da do canal por onde as canôas inimigas costumavam descer para o ataque.

Construiu-se o fortim (ainda hoje lá se vê, muito bem conservado, o forte com setteiras que o substituiu), mas como não houvesse artilheiro á mão ficou algum tempo ao léo, como inutil espantalho.

Foi, pois, com grande alegria que os vicentinas viram cair das asas de uma tempestade aquelle artilheiro providencial.

Contrataram-no para tomar conta do forte, por quatro mezes, enquanto não vinha do reino o official pedido. Ia a findar o prazo quando chegou o coronel Thomé de Souza; instruido dos serviços de Hans, louvou-lh'os e induziu-o a reformar o contrato por mais dois annos, findos os quaes o recambiaria á Europa com rendosa carta de recommendação a el-rey.

A gula dos tupinambás atrapalhou o conchavo. Certo dia em que Hans, á espera de hospedes, sahira em caça de jacús para o almoço, aconteceu estar nas florestas circumvizinhas um bando de tupinambás, de tocaia a bipedes implumes. Agar-raram-no de surpresa, amassaram-no a pancada, impuzeram-lhe incontinenti a indumentaria da terra, nudez absoluta e, bem amarrado com fortes mussuranas, conduziram-no para o fundo de uma canôa. E assim, incommodamente, de papo acima, foi o dolichocephalo louro transportado á taba de Ubatuba, na qual residiam os dois indios que primeiro lhe puzeram as unhas: Alkindar-miri e Nhaepepô-açu, panella pequena e panella grande. Eram seus donos por direito de guerra. Quanto

ao destino que Hans teria, estava esclarecido: panella.

A entrada de Hans na taba não merece com propriedade o qualificativo de triumphal, que lhe daria quem de longe se illudisse com o delirio de applausos do mulhero. Foi antes tragicamente humoristica, pois o forçaram a entrar gritando em lingua da terra:

— Eis a vossa comida que vem chegando!

Em certos fréges do Rio ha o menu cantado. Naquelle bom tempo cantava o prato...

As mulheres receberam o aviso com grande alarida, como se diz á academica. Tomaram-no das mãos dos guerreiros e se foram com elle por deante aos safanões e bofetadas, dando perfeita imagem de um cardume nú de suffragistas inglezas rebuçadas de chocolate. Lambiam os beiços (hoje mimosos labios de carmim Doré em suas netas) e escolhiam pedaços com a maxima desenvoltura de gula: O braço é meu — Para mim o coração — Quero esta nadega...

Introduzido que foi na taba o petisco em pé, os guerreiros se foram guardar as armas e ingerir cauim, ficando Hans entregue ás suaves caricias do bello sexo. Puzeram-no em uma rede, rodearam-no e, como gatas em circulo centrado pelo camondongo, por largo tempo judiaram com elle, justificando-se:

— “Che anama pipike aé” — vamos nos vingar de ti do mal que os teus nos fizeram.

Hans suou a collecção inteira dos suores frios e tratou de encommendar a alma a Deus. Salval-a, já que do corpo não salvaria nem um osso.

Estava nisso quando Alkindar e Nhaepepô vieram ter á cabana afim de participar-lhe que o haviam traspassado, a titulo gratuito, a um tio, Ipirú-guaçu, homem vaidoso que ardia por encompridar o nome.

Davam-se os indios ao luxo de periodicas ampliações onomasticas, operação que exigia a captura e o devoramento de um inimigo. Digerida a carne, ficava o nome da victima apposto como sobrenome ao nome do algoz.

Dada que foi a agradável nova, os ex-donos de Hans o deixaram outra vez entregues ás Evas.

— “Poracé!” “Poracé!” ganiram ellas, e levaram-no para o terreiro, puxado pelas cordas maniatadoras.

Hans desconhecia essa palavra e pensou lá com a sua barba a fazer vezes de botões que seria o fim. Resignou-se ao trespasse, revirou os olhos para o céu; depois circumvagou-os pelo terreiro, a ver se via a iverapema, pau de matar todo enfeitado, hoje, por evolução, cadeira electrica nos Estados Unidos.

Não viu iverapema nenhuma. Viu approximar-se madame Ipirú-guaçu com uma gilette apavorante: enorme lasca de crystal embutida em cabo recurvo. Seria que, antecipando a civilização dos seus netos sulinos, aquella tribu já substituíra a morte a tacape pela degola? Nada disso. Vinham apenas fazer-lhe a toilette. Depilal-o! A figura pôz-lhe abaixo as sobranceiras, as pestanas e atacou a barba.

Aqui a vaidade masculina do cliente reagiu. Hans relutou, esperneou, e pediu que o matassem com barba e tudo.

Riram-se as mulheres, declarando que não iam matal-o tão cedo. Primeiro engordal-o...

Salvou-se nesse dia a barba de Hans, unica peça de vestuario que lhe restava sobre o corpo. Por pouco tempo, todavia. Logo depois appareceu na taba um presente de francez: tesoura. Os filhos de França já preparavam o paiz para futuro escoamento da sua industria da toilette. Nada havia na taba que cortar, nem folhas de parra. Como, porém, fosse indispensavel ajuizar da boa marca da tesoura, lembraram-se de fazer experiencia na barba de Hans.

Desde esse dia a conformidade do prisioneiro com o "dernier cri" de Ubatuba foi perfeita: nú sem pêlos.

A repentina adopção da moda tupinambá por parte de um europeu de terra fria, afeito a pesadas roupas de lã, não podia correr sem consequencias nevralgicas.

E não correu. Veiu aggravar a indizível afflicção do afflicto a mais formidanda dôr de dentes que o seculo XV registra.

Hans chorou por uma aspirina. O remedio, entretanto, era curtil-a até que Tupan desse o basta. E Hans entrou a curtir a dôr cruel, rejeitando systematicamente todos os alimentos que lhe traziam.

Tal jejum não fez conta aos indios; viria emmagrecer a presa na mais impropria das occasiões.

Appareceu-lhe, então, um indio truculento, de formidavel tenaz de guatambú em punho. Era o dentista da tribu. Hans fremiu de horror e fazendo cara alegre declarou que a dôr passara su-

bitamente. Mesmo assim o bugre insistiu em arrancar-lhe os dentes, talvez com a generosa intenção de prevenir futuras recaídas. Hans lutou pelos dentes como lutara pela barba — e venceu. O dentista guardou o boticão, depois de advertil-o de que a teima em não comer era pessima politica, pois induziria Ipirú a matal-o quanto antes. Condição de vida: engordar — e o pobre Hans, embora estalando nas crispações da sua nevralgia historica, entrou a comer como um frade.

Residia na taba de Ariariba o grande chefe Cunhambebe, terror de tupiniquins e peros (os indios chamavam assim aos portuguezes). Além de guerreiro astuto, habil em dirigir expedições bem succedidas, Cunhambebe apreciava singularmente a carne lusa. “Gourmand” famoso, talvez “gourmet” de requintes, é pena que os nossos restaurantes não lhe lembrem o lindo nome em um bife. Merece positivamente essa homenagem, merece-a talvez mais que o Ararigboia, que tem herma em Nictheroy.

Cunhambebe quiz “de visu” ajuizar daquella rica “entrée” loura com que iam regalar-se os ubatubanos, e mandou que a trouxessem á sua presença.

Hans é trazido. Encontra o pantagruelico morubixaba a beber cauim numa roda de companheiros. Reconhece-o logo pelo aspecto e pela insignia: collar de conchas brancas enrolado seis braças ao pescoço.

Conversam. Hans aproveita o lance para protestar pela millesima vez que não era pero, e sim optimo francez. Sabia que se pudesse impingir

aos selvagens essa dupla mentira estaria salvo. Argumentou, allegou o louro dos cabellos e o azul dos olhos.

O morubixaba sorriu diabolicamente e disse:

— Já comi cinco portuguezes e todos mentiram.

O aborigene não acreditava na palavra do branco, de tantas petas vinha sendo victima desde o fatal 1500. Além disso nunca houve pero que deante da iverapema não allegasse francezia. O sceptico morubixaba, porém, só se rendia á opinião do seu paladar apuradissimo. Depois de bem assado o prisioneiro, ao trincar-lhe o pernil é que decidia entre estalos de lingua:

— Francez nada. E' portuguez dos legitimos.

O allemão consternado viu que teria de passar por essa prova, a unica que o não interessava...

Duas vezes esteve Hans com esse chefe. Da segunda encontrou-o sentado junto a enorme cesta de carne humana comendo gulosamente uma perna. Hans exprobrou-lhe a gula, dizendo que nem os animaes inferiores comiam seus semelhantes.

Cunhambebe podia, com base em autoridades anthropologicas e ainda mais na futura acção dos europeus relativa aos selvagens da America e Africa, allegar que o branco era dissemelhante.

Não o fez. Contentou-se com responder tupinambamente:

— “Jauchara iche”! — Sou um tigre! Está gostoso!... e esfregou na cara do allemão aquella “delicatessen”.

A habilidade, os prodígios de astúcia que Hans Staden empregou afim de provar que nunca fôra pero, e ainda para convencer os índios de que o seu Deus o protegia e era mais poderoso que os maracás de cabaça, deram resultado. Os selvagens foram-lhe protelando o sacrificio e acabaram convictos de que, de facto, não era portuguez. Orçou por oito mezes o — é não é — e veio dahi sua salvação. Durante esse tempo residiu em varias tabas, trabalhou com os índios, acompanhou-os em expedições guerreiras e prestou-lhes uma assistência medica talvez melhor que a dos pagés.

Sempre que adoecia algum e era procurado, apontava logo a causa da doença: uso de carne humana. Queria assim salvar a sua, creando a desconfiança em relação á petisqueira.

Certa vez foi chamado á cabana de um morubixaba queixoso de peso no estomago. Hans apalpou-o e disse logo:

— E' o raio da carne humana. Aposto que você a comeu! E' um veneno...

O doente deu balanço nos seus menus e respondeu:

— Comi ha mezes um portuguez inteiro e noto que desde essa occasião é que sinto o tal peso, a tal bola no estomago.

— Pois é isso! Mais indigesto, nem pepino crú.

O doente concordou e prometeu abster-se.

Este facto prova que a digestibilidade dos nossos avós não era uniforme. Talvez variasse com a provincia natal do acepipe, mais na Beira, menos no Minho. A não ser que prove apenas differen-

ça de potencialidade entre estômagos. A moela de Cunhambebe supportava cinco e pedia mais. O outro morubixaba entupia com um.

Já as índias nunca se queixavam de encruamentos estomacaeis. Cabia-lhes as partes internas, mais tenras e de mais fácil digestão, fosse qual fosse a nacionalidade da rez. Tinham o habito de ferver a barrigada em grandes vasilhas até que tudo se desfizesse em caldo grosso e muito apreciado, ao qual davam o nome de mingau. Esta "purée" destinava-se ás crianças e convalescentes, nunca fazendo mal a ninguém, em que pese á suspeitissima propaganda de Staden. No preparo deste mingau ha um detalhe que não póde ser contado aqui. O batoque. O batoque preventivo... O batoque que impedia que algo se perdesse...

A culinaria franceza, ao inventar a "bécassine" assada com as tripas cheias, ao natural, não inventou cousa nenhuma.

Ao cabo de oito mezes de captiveiro, depois de mil incidentes e varias decepções mortaes, conseguiu Staden embarcar no "Bel'Eté", navio francez ancorado em Iteron (Nichteroy). Foi levado a bordo pelos indios de Itaquaquecetuba, em cuja taba passara a residir e de cujos indios se fizera amigo. A despedida foi cordialissima. Na hora do abraço derradeiro Hans prometteu voltar com um navio carregado de presentes, facas, machados, espelhos, vindo passar o resto dos seus dias no amavel convivio de Abati-poçanga, chefe de Itaquaquecetuba.

Bom europeu que era, mentiu mais uma vez. Não voltou cousa nenhuma. A posteridade, entretanto, o absolve da feia falta por amor ao presente

que elle lhe fez das suas memorias — precioso espelho da nossa ascendencia, que nós, menos por pudor que desleixo, só trezentos e tantos annos depois de dado a publico em Frankfort vimos a conhecer em traducção recém-publicada.

Paiz de Tapolagem

O GRANDE MAL — A POBREZA

Quem olha d'alto para o nosso paiz apprehende logo a causa ultima de todos os seus males: pobreza. No entanto vivemos a entoar lóas ás nossas fabulosas riquezas. Confundimos infantilmente riquezas com possibilidades.

O café de S. Paulo é uma riqueza. As jazidas de ferro mineiras, uma possibilidade. Da confusão desses termos nasce a vesguice indigena.

O Brasil é pobre, e tirante as poucas regiões em que as possibilidades naturaes foram realizadas é pauperrimo. E por ser pobre não consegue resolver nenhum dos seus problemas elementares.

Nada mais elementar que a instrucção e a hygiene. Se o Brasil é analphabeto e doente, consequencia é isso exclusiva da sua pobreza. Nas zonas que se vão enriquecendo a instrucção cresce por si, automaticamente, e o indice da saude avulta.

Tomae um analphabeto do interior, doente de opilação. Instrui-o e curae-o. Depois largae delle, deixando-o entregue a si mesmo. Esse homem, victima da pobreza, recahirá em estado de doença; seus filhos, por falta de recursos, recahirão

no analfabetismo. A solução do seu caso falhou porque foi uma solução directa — e só as soluções indirectas resultam efficazes.

Applicae a solução indirecta, enriquecei-o. Que acontece? Automaticamente esse homem tratará de curar-se e, como tem meios, não se reinfectará jámais. Seus filhos elle os educará, porque o primeiro pensamento de um pae, quando resolve o seu problema economico, é dar aos filhos uma instrucção mais alta do que a que teve.

E de quantidade negativa passa esse homem a quantidade positiva, na economia social.

Vejamos o inverso. Lançae na miseria um homem culto. A primeira consequencia será a perda da saude: a segunda será o regresso da sua prole a um nível de instrucção inferior ao seu. Em pouco tempo estará creado um valor negativo para o progresso social.

E' evidente, pois, que só uma solução existe para todos os problemas nacionaes: a indirecta, a solução economica. Só a riqueza traz instrucção e saude, como só ella traz ordem, moralidade, boa política, justiça.

— Enriquecei-vos! deve ser a senha dos nossos estadistas.

Mas para que um povo possa enriquecer é preciso que o Estado crêe um regimen de estabilidade, visto como a riqueza não passa do lento accumulo dos bens filhos do trabalho. Este accumulo, sedimentação que é, só se opera quando ha estabilidade. Em aguas agitadas não se formam depositos. Estabilidade na ordem social pela paz, e na ordem economica pela ausencia de oscillações

dos valores. Um paiz eternamente convulsionado pelas revoltas não pode enriquecer: a guerra desfaz. Também não pode enriquecer-se um paiz eternamente convulsionado pelas bruscas oscillações dos valores: a crise desfaz. Um paiz nessas condições passa a vida nesse trabalho de Sisypho, a fazer e a desfazer — permanecendo na desordem e na pobreza.

O dever primeiro dos estadistas é pois crear condições adequadas ao enriquecimento do paiz, caminho unico que leva á ordem social, á cultura, á hygidez.

Mas como pode o Estado crear estas condições, se tudo depende da operosidade dos individuos? Da maneira mais simples: não creando obstaculos a essa operosidade. Os grandes homens de Estado não são os que reformam: são os que tiram do caminho os embaraços com que a má fé, o espirito de parasitismo e a estupidez embaraçam os movimentos do povo.

Logo, está nas mãos dos homens de governo promover ou retardar o progresso de uma nação.

Dentre os embaraços que a estupidez crêa ha um que avulta sobre todos os demais: o que resulta da incompreensão da vida economica. Esse embaraço é mortal, porque deflecte para todos os rumos e vae affectar a vida do povo até no que apparentemente nada tem que ver com a economia, como é a sua moral.

A vida do homem moderno se resume num perpetuo jogo de compra e venda. Todos compram e todos vendem, desde que o sol nasce até que a luz dos lampeões se accenda.

O operario vende seu labor e compra mercadorias. O patrão compra trabalho e vende o producto delle. Se vender e comprar é a occupação permanente dos homens, quer isso dizer que a vida gyra em torno do valor.

O jogo dos valores, pois, crêa o rythmo da vida, e tanto menos oscillam elles, tanto mais em segurança se sente o homem, tanto mais feliz, tanto mais animado de espirito creador. Vem dahi que a estabilidade dos valores é tão necessaria para o bom funccionamento do organismo social como a estabilidade do clima o é para o bom funccionamento do organismo animal.

Se o trabalho se desvaloriza, soffre o trabalhador. Se oscilla o valor dos productos, soffre o industrial. O ideal seria uma estabilidade completa: como, porém, o valor está em funcção de uma ferrea lei economica, qual seja a da offerta e da procura, não é possivel attingir esse ideal absoluto.

Temos que nos contentar com o possivel, isto é, com a oscillação reduzida ao minimo. Este oscillar minimo é perfectamente supportado pelo homem e dentro da sua orbita um povo pode prosperar indefinidamente.

Para o jogo dos valores, entretanto, ha necessidade da adopção de uma medida. Ninguém pode comprar ou vender sem medir o valor. Essa medida é a moeda. Mas, medida que é, a moeda não póde variar. Moeda que varia é cousa tão absurda como um litro que mudasse, um metro que

ora tivesse 50 centímetros ora 100, um kilo sujeito a cambio, hoje valendo 700 grammas, amanhã 650.

Logo, a primeira cousa que um estadista tem que crear é uma medida de valor que o seja, que não varie, que não seja elastica. Porque assim fazendo removerá da vida do povo o embaraço maior de todos, o obstaculo que jamais permittirá que esse povo accumule riqueza.

A experiencia da humanidade resolveu o problema da medida do valor com a adopção do ouro. As cousas valem em relação ao ouro, elle não vale em relação a cousa nenhuma, visto que é o padrão.

E todos os povos se foram passando ao regimen do padrão ouro, unico que provou bem de quantos experimentados. E sob o seu regimen erigiu-se a economia moderna e possibilitou-se o commercio internacional. O sonho da lingua unica para todos os povos foi precedido pela unicidade do padrão monetario. E ficou axiomático: o metro do valor é o ouro.

Para commodidade das transacções inventou-se a moeda papel; em vez de circular o ouro, que é pesado e incommodo, circularia uma cedula do Thesouro, um vale contra a caixa. O portador, no momento em que o desejasse, trocava esse cheque por metal. Isto vinha resolver com rara felicidade os problemas determinados pelos inconvenientes da circulação manual metallica.

Mas ha povos trapaceiros, ou melhor, povos guiados por estadistas trapaceiros. Estes piratões imaginaram uma falcatrua que fez época, deu resultados apparentes e por fim arrastou os paizes á ruina.

Essa falcatrúa era fazer em ponto grande o que os moedeiros falsos fazem em pequeno. Era substituir a moeda papel por papel moeda. Era mentir no cheque dizendo: "No Thesouro Nacional se pagará ao portador desta a quantia de tanto", e não pagar cousa nenhuma, ou pagar menos que o valor especificado nos lindos algarismos de bella gravação em aço.

O Brasil teve a desgraça de enveredar por este caminho. Passou á categoria de povo trapaceiro e ingenuo. Os povos serios, de moeda honesta, olharam-no de soslaio, riram-se do pobre bugre e começaram a fazer preço cada vez mais irrisorio para as suas cedulas do Thesouro. Para cada mil réis, para cada milhão de réis com que procuravamos deslumbrar os povos serios, elles nos offereciam ora um schilling, ora um pedacinho de schilling, ao sabor de um thermometro que o brasileiro não tira deante dos olhos, chamado cambio sem que o bugre saiba por que.

Os males que a camuflage da moeda causaram ao nosso povo não têm conta. O primeiro foi relegal-o á categoria dos deshonestos e chamar para nós o desprezo universal. O segundo foi impedir que nos enriquecemos. O terceiro foi impedir que, em virtude da miseria chronica, pudessemos resolver os nossos problemas internos, a principiar pelo da instrucção.

Nossa vida se transformou em pura jogatina. Ninguém sabe quanto possue. O negociante que faz um pedido para o exterior não tem base para calcular o quanto vae pagar pela mercadoria quan-

do a tiver na alfandega. Os governos, quer da União, quer dos Estados, não têm base para organizar um orçamento de receita. O serviço das dividas pôde absorver 50 mil contos, como pôde absorver 100. E o Brasil se transformou numa casa de tavolagem onde todos, queiram ou não, se vêm forçados a jogar.

Herbert Casson tem um livro em que prova que o negocio é uma sciencia, regida por axiomas e leis tão duras como as leis naturaes. Esses axiomas, entretanto, falham no Brasil. Para deduzil-o Casson estudou a vida commercial dos povos de moeda ouro. Está claro, pois, que não valem para um paiz cuja moeda nunca foi moeda, e sim vergonhoso conto do vigario. De modo que aqui em vez de sciencia, o negocio é um jogo.

Além do estado de pobreza que o uso do “paco” nos acarreta, não têm conta os seus funestos reflexos no character nacional. A syphilis monetaria não deixa cellula do organismo sem infecção — nem sequer as cellulas da materia cinzenta do cerebro.

No entanto vivemos nesta lazeira sem dar por ella, com uma resignação de arabe na kabila. As crises se succedem, e o brasileiro olha para o céu, consulta cartomantes, faz promessas a Santo Antonio. E todos os dias corre ao jornal para ver o cambio — isto é, para ver quanto os outros povos entendem de nos dar pelo nosso ridiculo mil réis...

Crise significa ruptura de um estado de equilibrio economico seguida de convulsões para o encontro dum equilibrio novo. As oscillações da

nossa moeda determinam um rosario de crises sem fim, funestissimas. Se a temperatura do Rio oscilasse diariamente de 40 graus a 10, que organismo resistiria ao desequilibrio resultante? Nenhum. No entanto é num regimen identico que o nosso paiz vive em materia economica.

O h i p p o g r y p h o

No tempo em que havia imaginação, era este mundo um esplendoroso jardim zoologico. Nas aguas folgavam ondinas, nereidas, sereias — umbigo acima mulher, umbigo abaixo peixe; nos bosques, nymphas que Corot ainda alcançou ver; nos ares, sylphos encantadores, como o Ariel biographado por Shakespeare na “Tempestade”.

Além desta fauna amabilissima, regalo de vates bucolicos ou romanticos, outra havia, terrificante, composta de dragões flammivomos, hydras de sete cabeças, medusas vipericapilladas, polyphemos de um olho só, e que taes.

No Penedo da Lamuria morava uma orca horrenda. Para que não assolasse as paragens circumvizinhas, os solícitos piratas da ilha d'Ebuda todos os dias lhe serviam, á guisa de tributo propiciatorio, uma linda virgem núa. E viveria a orca a vida inteira sempre a almoçar esses régios pedaços, se não se engasgasse certa vez com a formosissima Angelica, amada de Rolando.

Ariosto fez-se o fiel chronista dessa éra de maravilhas, no poema em que estudou a alienação mental do conde Rolando, par de França e dono de uma espada cuja tempera se perdeu, para allivio do craneo dos mouros.

Narra-nos Ariosto maravilhas sobre maravilhas — e era cidadão de muito conceito em Reggio para que lhe duvidemos das affirmativas. A agapesada (1) gente de hoje não entende assim. Mettida a sceptica, ignora ou ri-se de Ariosto como os incréos sorriem da apparição de Jehovah a Moysés numa touceira de sarça em fogo, ou da parada do sol ao gesto do general israelita.

Em paz os homens de má fé, e vejamos como Ariosto nos conta do hippogrypho, que Bradamante, a formosa donzella guerreira, com os seus lindos olhos viu.

Essa bellicosa dama, revestida de scintillante armadura e montada em fogooso corsel, andava peregrinando por montes e valles á procura de Rogerio, seu amado, quando houve por bem repousar os membros lassos numa estalagem das proximidades de Bordéos. Albergou-se e, a recato, poz-se a scismar no seu fadario estranho. Subito lhe chega aos ouvidos um inusitado rumor. Assustasse, e exclama a correr para d'onde vinha o estrepito:

— Que será isto, virgem santissima?

O estalajadeiro e toda a familia, uns á janella, outros fóra de portas, lá estavam de olhos no céu, pasmados, como se nelle rabeasse um cometa.

O prodigio, entretanto era outro — e incrivel! Um grande corsel de azas fendia os céos, montado por um cavalleiro de brilhante e luminosa armadura. Voava na direcção do poente, onde por fim desapareceu atraz das montanhas.

(1) De H. P., as letras symbolicas da modernidade apressada.

Contou então o estalajadeiro que já vira aquelle corcel voar muitas vezes, sempre encavalgado pelo nigromante do castello vizinho, o qual nelle se elevava até ás estrellas, ou voava réz-véz do chão, raptando as mulheres bonitas da zona; disse vinha que as miseras donzellas do paiz, quando formosas, cuidavam de ficar bem escondidas emquanto fazia sol.

Era o hippogrypho, impetuoso cavallo com cabeça e azas d'aguia, que representou papel de vulto na aviação da época e permittiu a Orlando salvar Angelica das garras da orca.

Os scepticos negam tudo isto — mas ninguem nega a vivacidade da scena descripta por Ariosto, e muito menos eu, que vi reproduzir-se fielmente o quadro, na roça onde andei.

Certo dia, um vozear estranho chamou-me á janella do casarão da fazenda. Homens e mulheres esparsos pelo terreiro olhavam para cima como quem olha cometa. Olhei tambem e vi... o hippogrypho!

Era Edú que passava, a mil metros de altura, na sua primeira viagem de S. Paulo ao Rio, — feito de alta monta na época.

O espectaculo constituia novidade absoluta para os roceiros ingenuos. Aquelle avejão, zumbidor qual besouro, desnorteava-lhes a imaginativa.

Um mais phantasioso suggeriu logo:

— Gavião-pato!...

— Daquelle tamanho? contraveio outro, que além de caçador de gaviões criava patos.

O "je-sais-tout" emendou:

— Gavião-rei, urubú-rei. E' assim qualquer cousa como o minhocão do Parahyba.

Edú riscava o espaço, tal qual o hippogrypho de Ariosto, e breve escondeu-se atraz das montanhas, deixando os pobres matutos a olharem-se uns para os outros com as mais assombradas caras que ainda vi em vida minha.

Hoje está vulgarizado o hippogrypho de helice em vez de bico d'aguia, e planos de tafetá em vez das azas de pennas. Seu zumbido já ergue para o ar somente metade dos narizes que lhe passeiam sob o raio de acção, e um dia não erguerá nenhum. Voarão como os urubús, sem que os pedestres lhes liguem maior nota que aos automoveis da rua.

Mas não é para dizer isto que tantas linhas se traçaram. Quero frisar que os monstros de Ariosto começam a voltar, embora mechanicos e despidos da velha poesia.

O orca temol-a nos submarinos. Não se alimenta de virgens, mas vem custando á humanidade um pesado tributo de vidas masculinas.

O hippogrypho ahi está, pondo o Rio a algumas horas de Recife.

Os sylphos do ar, invisiveis, tão amigos de cantar e tanger a luth, restaurou-os a radiotelephonia, e se não cantam maviosos como os da ilha de Prospero, lá chegarão — no dia em que o ultimo resaibo a grammophone fôr extirpado das radiolas.

Só os bosques permanecem ermos de nymphas; ou tão amaveis criaturas se fizeram anophelinas ou as anophelinas as expulsaram de lá.

Nymphas hoje só nas avenidas, disfarçadas em mulheres modernas pelos costureiros inventi-

vos. Dado, porém, o progresso do nú, victorioso já nos tró-ló-lós do Gloria, e quiçá um dia também nas ruas, ninguém perca a esperança de ver restaurada na terra a fauna inteira de Ariosto — para regalo de todos nós e reabilitação da memoria de tão insigne phantasista.

F a l a J o v e

No principio era o vento.

Só elle tinha forças para propellir o homem ousado que, em pequenas gamelas fluctuantes, com um pedaço de lona espetado em espeques, se atirava á aventura sobre o dorso hysterico dos oceanos.

E nasceu a assombrosa epopéa da navegação — coisa linda dita assim com galanice de rhetorica, mas de inenarravel travor para os que lhe padeciam as torturas.

Depois veio Fulton. As gamelas de pau viraram marmitas de ferro, dotadas da astuciosa machina que reduz a agua a vapor e fal-o voltar a helice immensa no “undoso elemento”, como casualmente se dizia nos saudosos tempos da épica.

A epopéa mudou de tom. Passou de *berceuse* tragica a *marcha* mechanica. O que vencia não mais era a dureza do homem, sua paciencia, sua resistencia ás privações. Vencia a intelligencia dó engenheiro que na paz do gabinete calculava com precisão a resistencia dos materiaes e o jogo das peças, ao conceber leviathans não previstos pela natureza.

E o oceano, attonito, assistiu á completa devassa dos seus dominios — com grande escandalo do verde Neptuno.

Pobre deus! Quando o “Deutschland” operou o maravilhoso mergulho transatlantico que o trouxe de Kiel a New York, Neptuno lançou aos sargaços o tridente, exclamando num sincero grito d'alma:

— Não mais sou deus de cousa nenhuma. Deus é esse piolho da terra que inventa machinas e se ri dos meus vagalhões, zomba dos meus ventos, fulmina minhas baleias e põe-me assim, no fim da vida, um miseravel rei de opereta... Já desthronou Cybele, a deusa da terra, já desthronou Urano, o deus do céu. Até Jupiter, o deus dos deuses, onde lá vae! Resta Venus...

Tambem Urano a principio sorriera, quando viu Gusmão lançar para os seus dominios a fragil passarola, victima dum beiral de telhado. Sorriu ainda, desta feita amarellamente, quando Montgolfier ascendeu bem alto suas espheras de ar aquecido.

— Vence a altura, murmurou comsigo o deus, mas obedece aos meus ventos. Voará como a palha, jamais como as aves.

Mas quando Urano viu Dumont singrar o espaço num charuto, não paina que o vento leva mas ave firme na directriz escolhida, o sorriso gelou-se-lhe nos labios, e pela espinha veneranda lhe correu o arrepio de Bonaparte em Waterloo, ao dar com Blucher no ponto em que devia apparecer Grouchy.

E o deus dos céos fez o testamento, e as malas, e se foi para o Asylo dos Deuses Invalidos, jogar

o gamão da aposentadoria com Neptuno, Jove e os demais que já lá se achavam.

De passagem pelo Caucaso objurgou o enca-deado Prometheu:

— Vê tua obra, miseravel! Com o fogo que nos roubaste e lhe déste, a miseravel vermina da terra nos desthronou um a um.

Desse refugio merencoreo os velhos deuses assistem hoje ao vôo de Ramon Franco e trocam impressões.

— Vem elle de Paris ao Prata em horas, commenta Urano, e neste andar os homens acabarão vencendo essa distancia em minutos... Riem-se dos nossos eólos tão temidos, ganham das nossas aguias no elance, varam a sorrir nossos nevoeiros, escravizam e transformam em moços de recados os invisiveis fluidos que tu, Jove, usavas tonitruantemente... Como isto dóe, irmãos!

Tambem Neptuno falou, cofiando as immensas barbas de algas verdes.

— Rumo ao Prata... Sahiu hontem de Palos, chegará amanhã a destino... Esse trajecto só era possivel outr'ora por mar, e nos bons tempos consumia mezes, seis, oito, dez — e eram deliciosos mezes para mim. Divertia-me despejando contra as caravelas audaciosas a cornucopia inteira dos meus ventos, ora de feição, ora contrarios, ora remoinhantes em trombas furiosas. Mas o meu supremo regalo era pôl-os sem vento de especie nenhuma, ali nas proximidades da cinta equinoxial. Chamavam elles a isso calmarias e nada os aterrorizava tanto. Ficavam a boiar ao embalo do mar morto dois, tres mezes. Devoravam todas as bolachas de bordo. Consumiam as ultimas reser-

vas de agua putrida. E era de vel-os estorce-rem-se nos horrores da fome e da sêde, atirando-se á caça dos ratos e roendo como cães tudo quanto era de couro.

Em roda dos veleiros, meus esqualos, de dentuça arreganhada, riam-se de tanta miseria. E meus peixes-voadores alavam-se em cardumes appetitivos, bem á vista, mas fóra do alcance dos famintos. E meu mar ondulava-lhes sob as embarcações, tantalizando os sedentos com a sua immensidão impotavel.

Mesmo assim me illudiam muitas vezes; transpunham a zona maldicta do equador — fôrno sem brisa á volta do mundo estirado — e proseguiam na rota ás terras do ouro. Por mais que açulasse e baralhasse meus ventos não consegui vencer a todos, e se a incontaveis fiz tragar pelos meus escarcéos espumejantes, e a outros esborrachei contra os penedos, innumerous se salvaram e vieram plantar no mundo novo as sementes dessas metropoles gigantescas, onde hoje lhes pullula a descendencia victoriosa...

Aqui Neptuno parou. Uma zoada no ar attraheu-lhe a attenção somnolenta. Ergueu os olhos envidrados e viu de azas espalmas o avejão de Ramon Franco em pleno vôo.

Apesar dos preconceitos de casta e do odio divino contra a vermina da terra, o deus de barba verde sentiu n'alma um fremito incoercivel.

Olhou para Urano. Ess'outra mumia a cahir de seculos tambem arregalava os olhos e fremia.

Era o enthusiasmo, sentimento que pela vez primeira alcançava vibratilizar o duro basalto

que deve ser o peito de deuses cahidos em cachexia senil.

Estavam assim, de nariz para o ar, quando atraz delles soou a voz de Jove, que se approximara.

— Amigos, tratemos de nos naturalizar homens. E' o meio unico que nos resta de voltarmos a ser deuses...

Uma opinião de M. Jerôme Coignard

Toda gente que escolhe leituras já leu esse compendio de alta sabedoria que são “Les opinions de M. Jerôme Coignard”, de Anatole France. O padre Coignard possuía uma visão das cousas e dos homens muito livre para lhe permittir o accesso ás grandezas humanas, e passou a vida a pé, pobre como Diogenes, mas contente. Era rico apenas em philosophia, a qual transmittiu ao seu bom discipulo Jacques Tournebroche, o qual por sua vez nol-a transmittiu a nós, compendiada por Anatole France num livro de dialogos encantadores de finura.

O que nem todos sabem é que por morte de Anatole foi encontrado no bahu da sua cozinheira um capitulo inedito desses dialogos. Por que motivo deixou de incorporar-se á sua obra impressa esse capitulo? As opiniões divergem, prevalecendo, entretanto, a que attribue isso a razões de estado. Esse capitulo versa sobre o jogo e singularmente se adapta a um paiz amigo da França; é possivel que o Quai d’Orsay tinha influido no abafamento do escripto para evitar complicações diplomaticas.

Um jornal brasileiro, entretanto, não possui as mesmas razões de reserva do Quai d'Orsay, e pode dar a publico o precioso inedito.

Aqui vae elle religiosamente traduzido em vernaculo, sem titulo como o encontramos.

.....

Naquella tarde fomos, meu mestre e eu, até á Ponte Nova, onde abundam os alfarrabistas de rua que meu mestre frequenta. Em caminho chamou-nos a attenção um tumulto á porta de um vendedor de loterias e outros jogos. Eu quiz chegar até lá, mas meu mestre deteve-me pelo braço.

— Não. O povo só é interessante visto de longe, como massa que se move. Além disso não é necessario chegar até lá para atinar com o que se trata. A velha mythologia tem symbolos eternos; Saturno devorando seus filhos é um delles.

Não comprehendí de prompto a allusão do meu bom mestre, e ia pedir esclarecimentos quando passou por mim um vendedor de jornaes. Adquiri uma folha da chamada “certa imprensa”, visto como não nego pertencer eu á classe da “certa gente”.

Havia na primeira pagina um formoso artigo trescalante de indignação contra o jogo, “cancro social”. Mas havia tambem na quinta pagina uma secção de palpites de jogo aconselhados pela direcção da folha.

— Mestre, disse eu, como se explica a contradição deste jornal, fulminando o jogo na sua columna de honra e estimulando-o paginas adeante?

O padre Coignard mansamente correu os olhos pela folha e disse:

— Tournebroche, meu filho, já varias vezes te fiz notar que a contradição é propria do homem e dos jornaes. Direi hoje que é propria da vida. Esse jornal é sincero nas duas opiniões contrarias que emette simultaneamente sobre o jogo. Condemna-o porque o acha immoral, estimula-o porque o acha humano e necessario á bôa ordem das cousas da terra.

— Não comprehendo, mestre. Se é immoral, é contrario á bôa ordem das cousas da terra, visto que a moral não passa de um conjunto de regras tendentes a manter essa bôa ordem.

— Uma discussão sobre moral nos levaria longe e eu tenho de estar dentro em pouco á porta de Catharina, a rendeira, que é uma criatura notoriamente immoral e no entanto necessaria á bôa ordem da vida. Vida é symphonia, meu caro discipulo, e as symphonias necessitam de todas as notas musicaes.

A tua folha tem duas opiniões a respeito do jogo e nisso se conforma com um dualismo universal. As opiniões nascem xiphopagas, com caras contrarias mas ligadas entre si.

— Mas uma dellas ha de ser a verdadeira, disse Tournebroche, e eu queria que meu mestre me dêsse a sua sincera opinião sobre o jogo.

— Prefiro, meu caro Tournebroche, dizer-te que o jogo faz parte da unica trindade santissima que o homem jamais negou: amar, jogar e beber. Nasceu no Eden com os nossos primeiros paes e ha de morrer com o ultimo homem. Adão bebeu as palavras da serpente, jogou a sua innocencia e amou Eva. Desde ahi essas tres illusões passaram a constituir o supremo enlevo do homem — e os

tres elementos de que elle dispõe para amenizar este nosso valle de lagrimas.

— Logo, o meu caro mestre defende o jogo, ou pelo menos o justifica.

— Apenas o explico, meu filho. O homem que trabalha dia a dia para a conquista do pão, e não vê accumular-se nenhuma reserva em suas arcas, encontra no jogo a unica esperança de felicidade. Comprar um bilhete de loteria, comprar uma “poule”, comprar um bicho é comprar essa cousa maravilhosa que se chama esperança, e o homem que espera é feliz. Emquanto a sorte não decide se ganhou ou perdeu, o homem que joga sonha e é feliz. Se ganha, realiza o sonho; se não ganha, joga de novo, e vae prolongando assim, indefinidamente, o seu estado de felicidade com base na esperança.

— Mas o jogador acaba sempre perdendo e assim se prejudica.

— Não vejo em que, nem vejo que, bem consideradas as cousas, o jogador saia perdendo. Desde que adquire esperança e a esperança é o supremo bem da vida, o jogador nunca perde. Apenas dá o seu dinheiro em troca de uma mercadoria que não pode ser pesada na balança de pesar batatas.

Quem bebe compra, não o alcool em si, mas a doce e rosea ebriez que elle dá. Quem ama á Catharina e lhe dá dinheiro, não adquire materialmente um pedaço dessa interessante criatura, mas sim a illusão de amor que ella dá.

O que vale nesta trindade santissima é o que ha nella de immaterial, imponderavel e illusorio.

— Mas o Estado, disse Tournebroche, que é paternal e sabio, condemna e persegue o jogo.

— Tournebroche, meu filho, o Estado faz como a tua folha: condemna e persegue com furia o jogo durante suas passageiras crises de hysteria moral. Mas permanentemente o estimula, como faz a tua folha pela secção dos palpites. O Estado, como já disse, guia-se por meio de razões de Estado, razões que o povo não alcança, mas não passam de razões das pessoas que representam o Estado.

Por isso te disse eu que Saturno devorava seus filhos. Pois, responde-me sem vacillar, quem é que mantém o jogo pae, o jogo substantivo, do qual os jogos adjectivos não passam de prole adjunta?

— O Estado, está claro, respondeu Tournebroche, já que é elle quem institue as loterias, e as regulamenta, e as fiscaliza, e lhes participa dos lucros.

— Perfeitamente. O Estado é o pae do jogo, e se persegue os jogos filhos do grande jogo, é porque Saturno devora seus filhos. O Estado condemna e persegue os jogos menores por uma razão muito simples, embora dê como razão disso a moral. Persegue-os porque esses jogos fazem concorrência ao grande jogo que elle banca por intermedio dos concessionarios de loterias. Estes homens se sentem lesados pela concorrência, o Estado lhes reconhece razão e transforma essa razão de concessionarios em altas razões de Estado.

— Nesse caso o que eu não comprehendendo é o povo. Se o tudo é jogar por que o povo não se

limita a jogar no jogo que o Estado institue, garante e fiscaliza?

— As razões são claras, meu filho. O povo, erradamente, está visto, considera o Estado como uma associação malefica que explora o imposto, e desconfia d'elle. Tudo que emana do Estado é suspeito ao povo, que não comprehenderá nunca a delicia que é sermos governados por elle. E systematicamente, em igualdade de condições, o povo prefere o jogo instituido pelos particulares ao jogo instituido pelo Estado.

— Mas nisso o povo erra, visto como o jogo do Estado tem as garantias da lei e o outro não.

— Erra e não erra, meu filho. Erra porque é um erro duvidar da benemerencia infinita desse grande aparelho de nome Estado, que faz as guerras e retira das sargetas os gatos mortos. Não erra porque o jogo particular, justamente por não ter as garantias da lei, é infinitamente mais honesto, expedito e intelligente que o jogo do Estado. Estou velho e jámais vi reclamações contra os bicheiros. Catharina, a rendeira, comprou o mez passado duas libras tornezas de Coelho, e horas depois recebeu cincoenta, visto como ganhou. Ella sonhara com Mr. Bouchard, recentemente eleito para o Instituto de França.

— E o mestre acha alguma relação entre esse sonho com Mr. Bouchard e o Coelho?

— Nenhuma. Tenho que Mr. Bouchard, a ser um bicho, seria o Veado, por motivos que um bom mestre não deve expender deante de um discipulo como tu. Mas o consideral-o tão acertadamente Coelho é um desses mysterios acima da comprehensão humana, e só possiveis de decifragem

a intuições puras como a de Catharina, que, tu sabes, não possui a faculdade do raciocínio.

— E' bem pensado isso. Eu de uma feita sonhei com o meu caro mestre e joguei na Agua.

— E deu?

— A Borboleta.

— Ha qualquer cousa de borboleta em mim, reconheço. Quer Buffon que as borboletas borboleteiem, e a mim me parece que, afinal, não faço na vida outra cousa.

Neste momento passou pela calçada fronteira um vendedor de bicho, escoltado por dois guardas policiaes. Ia preso e fôra sua prisão a causa do tumulto mencionado no começo deste capitulo.

— Vê, meu filho, que bello quadro da iniquidade humana. Este homem vae preso porque já-mais lesou um seu semelhante. Não ha cozinheira neste bairro que não jure sobre a sua pontualidade de banqueiro de bicho. Foi elle quem pagou a Catharina as cincoenta libras tornezas de Mr. Bouchard.

— Realmente, o Estado tem razões que a razão desconhece.

— E tem ciumes, meu filho. Não ha neste paiz nada tão bem organizado como o jogo do bicho. O jogador apresenta-se num "guichet" e faz a lapis, num papelzinho, a sua aposta. O banqueiro recebe o dinheiro e dá-lhe em troca uma papeleta numerada. Essa papeleta, conforme o numero final da loteria que o Estado faz diariamente correr, implica ás vezes em pagamentos enormes, os quaes se realizam mediante a simples apresentação da papeleta. Para um negocio de vulto correspondente, ou com particulares ou com

o Estado, teríamos mil maçadas, teríamos que passar escripturas, acceitar letras, apresentar testemunhas, etc., e ao cabo de tudo isso o mais certo seria termos delongas, despesas de lubrificação ou demandas judiciarias, que se eternizam e nos arruinam. Digo que da parte do Estado ha ciumes porque jamais conseguirá elle organizar nada tão perfeito, tão simples e sobretudo tão honesto. Se o Estado não estivesse convencido da sua omni-scencia, o que deveria fazer, em vez de perseguir os bicheiros, era estudar-lhes a organização e convidal-os a pôr nos serviços publicos essa maravilhosa ordem e rapidez que caracterizam o seu negocio.

— Isso o Estado não fará. O que vae fazer é acabar com elles.

— Não te enganes, meu filho. As crises hystericas passam e o jogo fica. Fica porque é humano, eterno e necessario. Além disso, sabe defender-se. Conhece os calmantes que aplacam o hysticismo do Estado, deliciosos calmantes muito gratos ás pessoas de carne e osso como nós que constituem as visceras do Estado. Quem vem lá? Parece-me Catharina...

Era, de facto, Catharina, a rendeira, que vinha furiosa com a prisão do seu bicheiro. Parou em face de Coignard e disse-lhe...

O manuscripto de Anatole France, encontrado no bahú da sua cozinha, parava aqui. E foi pena, porque nos privou da opinião da linda rendeira, opinião a que Coignard dava grande apreço por ser intuitiva e não reflexo de longas meditações como as suas.

Bacillus virgula

Os jornaes argentinos dão-se a luxos nababescos. Questão de dinheiro. Elles lá têm pesos, dos sonantes; nós cá, apesar das nossas decantadas riquezas, temos o peso da permanente miquia que em tudo se reflecte e no jornalismo tanto como no resto, senão mais.

O jornal moderno, ao molde americano, é a reportagem sensacional. Mas com este alcaloide estupefaciente se dá o mesmo que com os “films” de estrondo: só está ao alcance das empresas que nadam em ouro. Sem derrame de libra, dollar ou peso não ha colher as preciosas orchideas da sensação — flôres que se não confundem com o escandalo social.

Em materia de reportagem temos que nos ater á reportagem do pobre: visitas ali ao morro do Pinto, revelação de casas d’opio numa colonia china sem opio nem rabicho, “interviews” com personalidades que não chegam lá. Troco miudo. Libras de aluminio amarello.

Já no Prata as cousas mudam. Os jornaes são monstros tentaculares que, se drenam do publico rios de ouro, em troca lhe dão acepipes dos mais finos, mandados vir de onde quer que se encontrem, custem lá o que custarem. Lembram os Lu-

cullus romanos que despachavam naus aos confins do mundo em busca do peixe raro e da ave exotica; se taes gastronomos não comeram as azas da phenix, ensopadas em molho de figados de grypho, é que não houve arapuca bastante astuciosa para filar taes aves.

A ambrosia moderna do *sensacional*, que nós aqui só temos requentada, dessorada, adquirida em “sebos”, têm-na os platinos de primeira mão, fresca e cheirosa como Ganymedes a apresentava a Jupiter. Para obtel-a enchem de pesos magnificos “reporters” e os lançam aos confins do mundo. O processo dos Lucullus, pois não ha outro.

Tenho deante dos olhos uma cousa dessas. E’ a reportagem de Adolfo Agorio, um perfeito escriptor mandado á Russia por um jornal que tira (paciencia, Brasil!) duzentos e cincoenta mil exemplares: “Critica”. Agorio foi ao theatro slavo ver com seus olhos, ouvir com seus ouvidos e palpar com suas papillas tacteis o immenso drama social encenado por Lenin.

Bajo la mirada de Lenin, é o titulo, em seis columnas, do magistral estudo com que o jornal brindou o publico em trinta edições consecutivas. Graças a isso tem a Argentina a sua visão pessoal da Russia, enquanto nós aqui pensamos della o que o suspeitissimo francez quer que pensemos. Paris nos manda, com os figurinos, visões da Russia “ad-usum” basbaquismo antarctico. Falsas, pois. Visões tendenciosas.

Outr’ora a senha de Quintino Bocayuva era — Olhemos para o Mexico. Hoje no mundo inteiro a senha é: — Olhemos para a Russia. O dia de amanhã ferve lá, como o dia de hoje já ferveu em

Paris, na Convenção. Mas nós só vemos a Russia com os oculos pretos que o francez nos dá.

Isso nos leva a monumentos de ratice, como foi o caso do navio russo que impedimos de entrar em nossos portos. Deu-nos o medo de que o pobre barco mercante viesse com carga de idéas novas e nos contaminassem as idéas velhas, borolentas como batatas pôdres, em torno das quaes vivemos de cócaras.

O facto lembra-me uma impressão da meninice.

Déra o cholera-morbus ás nossas plagas e ao espanto do primeiro momento succedeu logo um arrepio sanitario louvabilissimo. Houve febre de planos prophylacticos, mais intensa que a febre actual das palavras cruzadas. Os coroneis, órgãos pensantes, deliberantes e agentes do interior, mexeram-se, coçaram-se com o Chernoviz e por fim accordaram numa novidade linda: cordões sanitarios.

Eu estava em Tremembé e assisti ao esticar-se dum dos taes cordões á cabeça da ponte sobre o Parahyba, rio que banha esse feliz recanto do orbe. Constituiam-no tres soldados, de Comblain ao hombro, com ordens terminantissimas de não deixar passar... o "bacillus virgula"!

Riem-se os da capital da ingenuidade coronelicia; no entanto, em que se differencia ella do caso do navio russo?

Tal navio desceu ao Prata e ancorou em Buenos Aires; ali refrescou, tomou carvão e depois seguiu viagem, mansa e pacificamente.

Não infeccionou cousa nenhuma; só serviu para abrir o appetite áquelles povos e lhes inocular

o desejo de ter a sua visão pessoal da diffamada Russia. E “Critica” contratou Agorio para um excurso ao “vulcão”, onde elle esteve mezes sem ser devorado pelo ogre de Moscou. Ao voltar deu a publico suas impressões, ventilando assim o ambiente patrio com as auras das idéas novas, nunca tão feias como as pintam os parasitas das idéas velhas.

Lá, assim; aqui continuamos a ignorar o phenomeno russo e a negal-o sob palavra dos “rentiers” francezes, naturalmente furiosos com a perda dos milhões devorados pelos grãos-duques e não devolvidos pelos soviets.

Coronel, tu és omnimodo! Omnimodo e onnipotente, mas, por mal teu, és crú em historia como um pepino. Se soubesses uma pouca de historia verias que já houve tempo em que tuas modadas idéas, hoje tão ferozmente defendidas como “verdades”, foram idéas novas, malsãs, de circulação vedada por meio de cordões sanitarios. A Santa-Alliança, que Deus haja em santa gloria, botou em todas as pontes da Europa os teus tres soldadinhos...

Não obstante, as idéas passaram com as brisas, contaminaram o mundo todo, venceram, envelheceram, emboloraram e serão amanhã pó, como é hoje pó a aspera ideologia da Santa-Alliança.

A censura ao pensamento humano é cerca de taquara. Idéas são ondas hertzianas. Cada cerebro vale por emissor e receptor, sem antennas visiveis e de infinita potencialidade. Péga o vento da Russia tão facilmente como o da barra — e péga como o sapo que não larga mais. Tres soldados, em que pése á tua poderosa estupidez, co-

ronel, jamais fisgarão de passagem um fluido mais subtil que o "bacillus virgula".

Apesar disso continuarás por longos annos a ser o instrumento pensante, deliberante e agente da linda terra de Santa-Cruz... (1).

(1) Apos á publicação deste artigo sobre a Russia recebi uma intimação da policia para comparecer perante um delegado auxiliar. Fiz o testamento e fui. Dei com um moco fino e amavel, muito longe do truculento Javert que esnerava encontrar.

Constando á policia que eu ia editar o livro de Adolfo Agorio, via-se ella na contingencia de advertir-me que o não fizesse, porque recebera ordem *de cima* para apprehender tal livro, caso apparecesse.

Admirei intimamente a perfeição da nossa espionagem policial, pois de facto me occorrera a idéa de nedar ao autor permissão para traduzir e publicar esse livro realmente precioso, o unico de quantos sei capaz de dar ao nosso publico uma noção exacta do que se passa na Russia. A benemerencia dos editores está em lançar os livros sérios, não tendenciosos, merecedores de fé. Ora, sendo Agorio um alto funcionario do governo argentino, e tendo seu livro sahido lá, não só num jornal de larguissima tiragem, como em edição de dezenas de milhares de cópias sem que as instituições se subvertessem, pareceu-me o naturalmente indicado para ser divulgado aqui.

A policia, cumprindo ordens de cima, pensou de maneira diversa, e como editor bem policiado resignei-me a não prestar ao meu paiz esse bom servico. Agradei ao amavel delegado o aviso que vinha prevenir dissabores futuros e sahi a meditar no mysterio daquelle *de cima* donde emanavam ordens que tão a pique vinham confirmar os meus conceitos emittidos n'A Manhã. Seja quem fôr, é um *de cima* bem irmão do nosso coronel da roça — e como elle bem ignorante de historia. Por pouco que soubesse do passado verificaria uma cousa extraordinaria: a coincidencia de ter o bolchevismo explodido justamente na Russia — na Russia, onde a policia era um polvo monstruoso que enleava cada criatura com um tentaculo

e dispunha da Siberia, região muito maior e mais eficiente para destruir discólos do que a nossa pobre ilha Rasa. Se essa coincidência não é de molde a convencer a todas as polícias do mundo de que o pensamento humano e a emigração das idéas não são policiáveis, não sei o que seja. Walter Rathenau usou de uma bella expressão para indicar o processo de diffusão das idéas: *immigração vertical*. Enquanto os coroneis de cima botam cordões sanitarios nas pontes e erguem outras cerquinhas de taquara, as idéas entram por projecção vertical.

Além disso é ingenuidade acreditar em idéas russas. Se Lenin quizesse justificar as suas idéas com as de Jesus, era só abrir o Evangelho. Se o *de cima* que impediu a publicação do livro de Agorio fizesse um exame de consciencia nas suas idéas (e não duvido que as possuía) veria com espanto que tem o cerebro cheio das chamadas idéas russas. Até a sua crença na efficacia da policia na compressão do pensamento humano é uma idéa russissima. Esteve encasquetada durante seculos na cabeça dos czares empenhados em manter a servidão do povo slavo, e está na cabeça dos leaders bolchevistas actuaes, que enforcam os que não pensam como elles.

I d é a s R u s s a s

Na reportagem de Adolfo Agorio sobre a Russia existe um trecho sobremodo interessante sobre a questão sexual.

Lenin, esse ogre na opinião dos francezes, inda ha de dar o seu nome ao seculo como o maior reformador social de todos os tempos. Nenhuma criatura operou em maior escala, nem foi mais radical em suas idéas. Semeou como um deus, e até ao derradeiro momento de vida presidiu ao novo estado de equilibrio social que implantou na Russia. O tempo irá aos poucos corrigindo sua obra; a adaptação far-se-á; mas ninguem lhe tirará a gloria de ter architectado o dia de amanhã.

A caudal de diatribes e infamias que os lesados esguicham sobre o seu nome e diffundem pelo mundo inteiro, passará, como passam enxurros. Onde está hoje a massa formidavel de libellos impressos na Grã-Bretanha contra o ogre da Corsega? Napoleão, no entanto, purificado, brilha na historia com o Perseu de uma Gorgona: o direito divino.

E' assim que a humanidade caminha — napoleonicamente, leninescamente, aos sacões. A prudencia, tão preconizada pelo arthritismo dos marquezes de Maricá, é virtude que apenas conserva,

como o vinagre conserva o pepino, mas não crêa cousa nenhuma.

No que diz respeito à mulher, Lenin apparece como o seu messias. Libertou-a da escravidão domestica, aboliu o preconceito da sua inferioridade, pôl-a em situação de occupar todos os cargos da republica, desde o commissariado do povo até o juizado. O regimen de igualdade dos sexos é perfeito, pois. Lenin destruiu o formidavel acervo de injustiças accumulado em vinte seculos de hellenismo e outros tantos de civilização christã — isto é, de despotismo do gallo.

Houve um formidavel sacolejo de forças psychologicas adormidas, vento que varreu e ventilou o ambiente, desd'o lar ás mais complexas fórmulas de actividade collectiva.

A mulher liberta-se da servidão conjugal. Os direitos de ambos os conjuges equiparam-se sob um severo regimen de responsabilidades e deveres mutuos. A união livre, controlada pelo Estado, não significa a anarchia sexual que pintam os escriptas anti-russos a serviço do commodo *statu-quo* capitalistico. Essa anarchia sexual existe, sim, no regimen burguez da mentira monogamica sem divorcio, monstruoso Moloch que só funcçãona á custa do mais cruel lubrificante: a prostituição.

O casamento na Russia repousa unicamente no amor e é mais duradouro que o alicerçado no dinheiro. Recorda Agorio o assombro de um seu companheiro de viagem ao verificar o numero infimo de divorcios russos. No entanto, se é facil casar, mais facil ainda é divorciar; para o primeiro acto basta o comparecimento dos dois interes-

sados perante o official civil; para o segundo basta apenas o comparecimento de um.

A humanidade se divide em duas classes: os que possuem imaginação e os que não a possuem. Os imaginativos idealizam e, como idealizam, raro alcançam a felicidade — tanto o real é inimigo do ideal. Vem dahi que os imaginativos são em regra infelizes no nosso regimen sexual.

Na Russia não. Mme de Bovary não se suicida. Solta o primeiro marido, inservivel por insufficiencia de glandula thyroide (devia ser isto), e vae successivamente casando até encontrar o eleito da sua phantasia. E acha, pois as almas andam aos pares, a affinidade electiva é um facto e o tudo é que a sociedade não as impeça de se enganarem.

— Por que motivo, disse uma dama russa a Agorio, havemos de trazer sapatos apertados, que nos magoem o pé, se, trocando-os, podemos tel-os commodos? Ora, o nosso coração não merece menos que o nosso pé, além de que as feridas nelle abertas são de muito maior duração que as causadas pelo sapato defeituoso.

Quem soffre com o regimen russo é o homem. Perde a liberdade absoluta de que se gosa no regimen burguez — liberdade de borboletear de mulher em mulher, clandestinamente, qual um besouro avariado, sem nenhuma consequencia funesta para o seu egoismo. Não mais se regala com o sadismo de fazer mãe a uma virgem e largal-a á sua triste sorte, sob os olhares complacentes do *statu-quo*. Sua responsabilidade torna-se absoluta. O codigo bolchevista, no fundo simples e mui logica reacção do pobre espesinhado contra o rico

prepotente, garante todos os direitos da maternidade. As obrigações do homem neste caso não são para com a mulher, e sim para com a mãe. Ao fundar as bases da família nova, quiz Lenin poupar ao seu paiz o espectáculo degradante da mulher desamparada no seu transe mais nobre, convertida em machina de abortos e infanticídios, escrava do regimen social que faz della um objecto de compra e venda, um semovente reduzido a campo de experiencias dos monstruosos appetites e das abominaveis paixões, não digo humanas, mas homescas.

A mulher trabalha livremente e possui igual ao homem a iniciativa do amor. Póde escolher á vontade. Nenhuma barreira se oppõe aos impulsos do seu coração. Contribue para a manutenção da sociedade conjugal e assim affirma sua independencia e justifica seus direitos.

Não ha na Russia essa classe de mulheres que vivem em absoluto ás costas do marido, qual outras no esque. Mais difficil ainda é ver-se o contrario disso, como, por exemplo, o *chupim* da nossa organização actual.

O problema do celibato, consequentemente, desaparece. A solteirona o é por anomalia de temperamento, já que nada lhe impede de afrontar a experiencia matrimonial. No nosso regimen, a cuja monstruosidade não attentamos porque o cão não attenta á colleira quando a recebe desde o nascer, milhões e milhões de pobres criaturas mirram no tormento da castidade á força, ao lado de outros milhões que rebolcam nos prostibulos, devoradas, umas, de hysterismos, e outras, da sy-

philis, para que Mr. Homais, de braço dado ao conselheiro Acacio, possa sentenciar gravemente:

— O casamento é uma instituição divina. Não lhe toquem!

Os homens e as mulheres na Russia não se olham como inimigos, oscillantes entre o amor e o odio, polos da mesma exaltação sentimental; não enchem as folhas com o escandalo diario do seu engalfinhamento, seus tiros de revólver, suas facadas. Olham-se como companheiros, iguaes nos direitos, iguaes nos deveres. E como apesar desta soberania de si mesmas e desse culto reflexivo da propria responsabilidade diz Agorio que nada perderam do encanto feminino, é justo que fechemos os portos aos navios russos que trazem em barris taes idéas.

Viriam perturbar a deliciosa lambança sexual, leda e cega, em que vivemos, com um olho nos bismuthos e outro nos macacos de Voronoff...

D o l o i s t i d

Diz Agorio em sua reportagem sobre a Russia, que a nova organização da familia permite o resurgir legal do hetairismo grego, mas livre. A hetaira grega, erroneamente por ahi confundida com a cortezã, não era livre, era uma escrava de grau superior. Glyceria foi parar ás mãos de Philemon em troca de dez mil medidas de trigo, depois de ter co-habitado com o poeta Menandro e, antes, com o pintor Pausias.

A hetaira russa não é uma escrava. Elege, escolhe, dispõe de si, é livre.

O hetairismo sempre existiu. No Japão é constituído pelo geishismo. A geisha, educada desde a infancia para o amor em sua triplice expressão, physica, espirital e sentimental, torna-se uma harpa erotica, resoante, como a eólia, ás menores brisas — mas é de aluguel. Alugam-na a prazos fixos, como se fôra um movel de luxo.

Na França, que têm sido as Ninon de Lenclos, as Theroigne, as Maintenon, as Dubarry? Hetairas livres, negadas pela lei mas acceitas pelos costumes e, graças aos seus dons de espirito, tão famosas como essas gregas que enchem de encanto a antiguidade classica, Aspasia, Lais, Phrynéa, Sapho, para só citar as maiores. Agorio tambem

cita as menores, como Timandra, amiga de Alcebiades; a esculptural Archeanasa, bôa musa de Platão; Corina, que descobriu aos olhos maravilhados de Pindaro o mysterio da poesia; Herpylis, collaboradora de Aristoteles; Thais, a amada de Alexandre e de Ptolomeu.

A hetaira ha de reunir á belleza physica a graça da cultura e a subtiliza do espirito; só assim, completa, possue todos os requisitos para enlizar os homens superiores, os aédos, os artistas, os philosophos, tornando-se-lhes a companheira ideal.

Sempre existiu, já disse, acceita pelos costumes dos paizes de alta cultura, como a França, mas negada pela lei. Quer Agorio que na Russia resurja essa fórmula de companhismo, desta vez legalmente.

E' curiosa esta volta á Grecia depois de cada revolução social. Na revolução franceza, arrazado que foi o terreno, os novos esboços de construção iam á Grecia pedir modelos. Agora se dá o mesmo na Russia. Esta reincidencia prova como a Grecia era logicamente animal e natural.

O culto do nú, em vigorosa resurreição na terra de Lenin, mostra a tendencia de retorno á harmonia classica. Diz o escriptor argentino que por toda a parte se pode admirar a belleza ondulante do corpo humano. O gosto pelas emoções plasticas ganhou com rapidez a alma dos russos. Nas procissões publicas da juventude communista, bellas raparigas semi-desnudas se mesclam a ephebos adolescentes, em encantadora promiscuidade. Confessa elle que é inolvidavel o espectáculo. A linha flexivel do corpo, envolto ás vezes num torvelinho de véos rubros, dá á fórmula humana o mysterio

resplandecente das estatuas — vivificados no rhythm, na serenidade e na harmonia. Taes procissões, ao toque de musicas bellicosas, provocavam-lhe a sensação de frisos gregos em movimento.

O exaggero sobreveio. O gosto discreto do nú foi exaggerado pelos “doloi stid”, sectarios de fundo mystico, que aliás têm proliferado menos na Russia do que na Allemanha e nos paizes escandinavos.

Os primeiros membros desta seita, que se atreveram a arrostar os preconceitos do povo russo, foram um homem e uma mulher. Tomaram o bonde em Moscou sem outros trajes fóra a estreita faixa vermelha onde se lia a inscripção — “Doloi stid!” (Abaixo a vergonha!) que deu nome á seita. Foi um escandalo a principio; depois vieram os sorrisos ironicos; por fim, a indifferença.

Este facto foi commentadissimo em toda a Europa de maneira desfavoravel á confederação dos soviets, não se levando em conta a origem alemã do doloistidismo. A seita destes fanaticos do nú tem seu ninho na Allemanha do norte, onde se constitue em colonias ao ar livre, nos bosques e margens dos rios. Sustentam que a roupa não só é anti esthetica, como ainda representa um constante attentado contra as leis da natureza. Homem e mulher nascem nus e nus devem viver.

A doutrina, diz Agorio, cifra-se nisso, e qualquer estrangeiro que a acceite está em condições de filiar-se ao grupo. Só lhe exigem que varra do cerebro qualquer idéa peccaminosa, e jure conservar a pureza e innocencia dum recém-nascido.

Feito isso está apto a ser recebido num lar “doloi stid”.

Entra. Surge um criado vestido de pelle natural, que o ajuda a desnudar-se num vestiario e em seguida o introduz. Vão-se-lhe deparando quadros comesinhos de vida caseira, já seus conhecidos uns, outros ineditos graças á ausencia de véos. Vê, por exemplo, brincarem as crianças como um bando de roseos Eros sem azas; e vê a classica octogenaria em sua poltrona tecendo piúgas. Piúgas, na casa do nú? Sim. Os velhos estão isentos do adamismo, já que o aspecto do corpo humano em decadencia não suggere idéas agradaveis.

Mas vêm agora ao seu encontro os donos da casa. Decepção. Em regra, embora não velhos, os donos da casa peccam pelo bambo das carnes ou pelo excesso de ventre. E já pensa o neophyto em abjurar o doloistidismo, quando lhe apparecem os convidados. Tudo muda. São moças de formas estatuaras, que servem o chá com uma impassibilidade que espanta. Totalmente núas, não; trazem no corpo alguma cousa — nem podia deixar de ser assim: trazem nos labios um pouco de carmim e nas unhas um roseo brilho artificial. Só...

Enfrentam os homens com absoluta serenidade. Dir-se-ia que trazem sobre os instinctos aquella tunica de gelo que defende a castidade das bathistas publicas de Stockolmo.

A festa de recepção aos profanos em regra termina por um baile — que é um desastre para o neophyto em cujas veias corre o caprino sangue meridional. O commum é fugirem da sala por incapacidade de sustentar o juramento de innocencia feito ao entrar. Fogem, com immenso escandalo da paradisiaca assistencia.

Nada é novidade no mundo. Aqui onde estamos, neste Rio cujas moças incidem em tantas censuras por mostrarem dois palmos de magros cambitos, os nossos avós tupinambás, donos da terra, viviam, ledos e cegos, em doce “doloi stid”, sem escandalo de ninguém.

Escandalo, e immenso, causou a chegada das cinco francezas vindas em 1558 com os navios de Bois le Comte. Desembarcaram no forte de Coligny e dias depois se apresentaram na praia aos selvagens reunidos.

Ao vel-as, nossas vóvós tupinambás, puras Evas antes da vinha, levaram a mão aos olhos, archi-escandalizadas:

— Mulheres vestidas! O mundo está perdido...

E benzeram-se com o maracá.

O Drama do Brio

• Ha dezeseis annos occorreu em São Paulo um crime singular.

Estava de guarda no quartel da Luz um soldado pernambucano de nome José Rodrigues Mello.

Era um homem. Embora rude, ninguém no regimento o vencia em firmeza de character. Mello personificava o brio militar — mais que isso, Mello personificava a dignidade humana.

Estava de guarda, embora tivesse a mão direita enferma. Os pernambucanos são rijos, e um simples ferimento não bastava para arredar aquelle do serviço.

Começa aqui a tragedia do Brio. O Brio o impediu de ir vadiar á enfermaria. O Brio iria inutilizal-o para sempre.

Passou por Mello um official francez.

Nesse tempo São Paulo vivia cheio de officiaes francezes, contratados para amestrar nossa gente na arte de matar pela escola de Saint-Cyr. E como para bem ensinar a arte de bem matar o primeiro passo é domesticar o alumno, os professores de França não largavam o instrumento clasico da domesticação: o chicote. E ninguém lhes fosse lembrar uma tal lei de 13 de Maio, etc., etc.;

rir-se-iam com superioridade metropolitana, silvando: "*Fi, donc*"!

Ao passar o francez, nosso soldadinho pernambucano perfilou-se na continencia do estylo. Acontece, todavia, que isto de continencia é a collocação do pronome dos militares — cousa seriíssima. Mello errou num pronome. Em vez de fazer a continencia com a mão direita, impedida pela enfermidade, fel-a com a esquerda sã.

Ai! O lambe-feras avança para Mello e chicoteia-o impiedosamente na cara.

— Sale négrel

E a tragedia explode. Tudo quanto havia em Mello de dignidade humana faz-se maremoto incoercível. Não era mais um homem quem recebia a affronta, era a raça. Era essa cousa enorme e brutal que se chama patria e borbulha dentro do peito de certas criaturas sob fórmula de sentimentos explosivos como a nitro-glycerina.

As mãos de Mello crispavam-se na Mauser... e lá partiu a bala certaíra que iria privar Damasco de mais um perito bombardeador.

Négrel morreu ao lado do chicote infamante — e parece que o chicote em São Paulo morreu com Négrel.

Foi esse o drama. Positivamente drama da raça. Drama da honra. Drama do brio. Drama da dignidade humana.

Ia começar a comedia da covardia.

Não houve em São Paulo um nacional que não fremissem de entusiasmo deante do revide de Mello.

Minto. Houve doze homens que destoaram do côro unanime. Eram homens que, chicotea-

dos na cara, em vez de reagir metteriam a cauda entre as pernas e iriam, ganindo, beijar as mãos do lambe-féras. Nenhum delles tinha dentro de si a raça. Nenhum delles chegava a homem; méros sub-homens *à tout faire*.

Pois a coincidência quiz que tal duzia fosse constituir o conselho julgador do honroso crime.

Condemnaram-no. E nada mais logico, nada mais canino do que essa condemnação a trinta annos de prisão celllular infligida ao Brio. Condemnaram-no só a trinta porque a lei não admittia penas de cincoenta; nem permittia a applicação das engenhosas torturas com que Luiz XV, o rei *Bien Aimé*, durante um dia inteiro divertiu Paris com o espantoso supplicio de Damiens.

O crime de Mello era gravissimo. Era crime de lésa-gallicidade. E como o medo á França fez calar a imprensa, soffreando no nascedouro a onda de sympathia nacional, Mello foi apodrecer em vida num cubiculo penitenciario.

E lá vegeta ha quinze annos.

Nesse intervallo, quantos criminosos repugnantes não obtiveram perdão? Quanto cangaço que mata pelo prazer de matar não se gozou duma solida impunidade? E tambem, quantos marroquinos e quantos syrios não foram trucidados scientificamente pelos francezes, por terem no peito o sentimento de raça que perdeu Mello?

Nossos "duzias" perdôam tudo menos a dignidade, e o ensino inoculado pela missão do chicote calou fundo. Se lá na Syria os mestres bom-

bardeiam os criminosos desse crime, aqui os alumnos os fazem apodrecer nos ergastulos.

Ha dias um reporter carioca, em visita á penitenciaria de São Paulo, teve occasião de falar com Rodrigues Mello.

— Está arrependido do que fez? perguntou-lhe.

— Não! retrucou firmemente aquelle brio de aço. E diga-me o senhor: se fosse iniquamente chicoteado na cara por um estrangeiro só porque lhe fez continencia com a mão esquerda, visto ter a direita enferma, não faria a mesma cousa? Confesso que pratiquei o crime fóra de mim; mas a privação de sentidos não foi inventada para nós...

E suspirou com os olhos brilhantes de lagrimas.

— Por que chora?

— Saudades de minha mãe, uma pobre velhinha que vive a esperar por mim, lá no fundo de Pernambuco. Oitenta e seis annos!... Vel-a-ei ainda?

Mello não se arrepende, e é deante de firmeza assim que nos renasce a fé na raça.

O desfibramento actual tem que ser passageiro. Eclypse momentaneo. Nem todos os Mellos estão encarcerados; ha de havel-os soltos, e por escassa que seja a semente, a especie ha de proliferar um dia.

O “não” de Mello ao jornalista é sublime. Diz “não!” após quinze annos de carcere. Dirá “não!” ao cabo dos trinta annos da pena. E se no dia seguinte á soltura um francez o chicotear

de novo, a raça incoercível, transfeita em diamante dentro desse homem, fal-o-á matar de novo.

Os annos e as torturas são impotentes para quebrar a dignidade em quem a recebeu do berço — como cousa nenhuma a dará a quem delle saiu eunucho.

Literatura de carcere

De seculo em seculo opera-se uma revisão nas idéas humanas e vae para o refugio muita cousa tida antes como verdade absoluta. Hoje, por exemplo, temos como liquido que é justiça pegar num homem, fazel-o julgar por juizes e mettel-o por dez, vinte, trinta annos num calabouço. A verdade de um seculo atraz era que isso se fazia como castigo. Essa verdade foi para o refugio, substituida pela verdade de hoje: não castigo, mas defesa social. A verdade futura será bem outra, visto como se patenteiam dia a dia o innocuo desta defesa, o seu resquicio de crueldade medieval e a sua falta de correspondencia com o grande ideal moderno que é produzir.

Innocuo da defesa, porque, cumprida a pena, o condemnado se torna muito mais perigoso, graças á maré de odio que lhe encheu o peito. Cruel porque não ha distinguir entre um apodrecimento em vida e uma tortura da inquisição. Anti economica porque retira da producção uma unidade e fal-a peso morto, a cargo dos que produzem.

Para julgar o nosso systema de defesa social basta uma pergunta: a quem aproveita a reclusão dum ser humano? A' sociedade? Não, porque vae pesar sobre ella na sua categoria de não-pro-

ductivo á força. A' victima, ou á familia da victima do acto delictuoso? De forma alguma. A si proprio? Não é matando o coração de um homem que o tornamos melhor homem.

Não aproveita a ninguem; no entanto, o peso tremendo da nossa infinita estupidez perpetua esse regimen — e aggrava-o, hoje que de vasto hospital passou o Brasil a vasta masmorra (1).

Só em S. Paulo ha qualquer cousa que denuncia intelligencia e nobre comprehensão do problema.

A penitenciaria como existe lá, amplissima officina de optimo aparelhamento technico, capaz de attenuar o horror da reclusão pelo trabalho remunerativo, deixa-nos entrever quão differente será no futuro o regimen penal. S. Paulo já é seculo vinte; o Rio e o resto do Brasil inda é Pina Manique puro.

Ha dias, nesta columna, falei de Amador Santelmo, uma das victimas da incomprehensão reinante em materia penal. Referi-me a um seu livrinho que não terá nunca premio da Academia — mas que commove estranhamente como expressão ingenua da dôr dos triturados.

A reclusão é uma singular reveladora da alma humana! Revela-a, sobretudo, a si propria. E Santelmo, que, cá fóra, livre, jámais teve olhos para uma mariposa, na prisão enterneceu-se com uma, viu nella uma companheira, *compreendeu* um pouco do universo. Esta pagina sua merece ser transcripta.

(1) Allusão ao grande numero de prisões que caracterizou a presidência Bernardes.

“Um companheiro de infortunio teve a delicada lembrança de mandar-me uma gentil mariposa dentro de uma caixinha. Tirei-a da caixa e colloquei-a sobre uma toalha felpuda, na minha cama, esperando que ella se fosse para sua casa, mas não foi.

Pareceu-me que não gostava muito da toalha, porque passeava com difficuldade, embaraçando-se nos fios crespos e arrastando sobre elles o seu vestido de noiva.

Abri então uma folha de papel almasso, onde a botei a passear. Gostou, pois mostrou-se mais contente, andando mais desembaraçada, sempre a arrastar o vestido branco, mas sem sahir do papel.

Horas passei assim, vendo-a passear, esperando que ella fosse para sua casa, mas não ia.

Eu por um lado não queria que ella se fosse; por outro queria, porque havia de ter alguém á sua espera.

Vendo que *Nivea* (eu já a tinha baptizado e foi sua madrinha o retrato de uma pessoa que tinha commigo), vendo que *Nivea* não se ia embora, julguei que tivesse fome e dei-lhe pão, porém ella não comeu. Dei-lhe fruta, e tambem não provou. Não sei que é que comem estes bichinhos de Deus!

E assim passamos o dia. Eu estava contente por ter uma companheira com quem conversar. E tão gentil! Tinha o corpo bem feito e o vestido branco enfeitado de arminho.

Por que não se ia ella embora, ver seus parentes ou filhos que a esperavam? Estaria zangadinha com o marido?

Entretanto a noite chegou sem eu dar por isso. A lampada do cubiculo accendeu-se e a mariposa, a gentil Nivea, agitou-se satisfeita, abriu as azas, sacudiu o vestido branco, mostrando a graça do seu lindo corpo, e ergueu vôo em direcção á lampada. E ficou num doido corropio em redor da luz.

Que mysterio terá a luz que tanto attrae as mariposas? E' como o sol, que attrae os mundos, os olhos, o coração..."

Ha alguma cousa neste analphabeto que aprendeu a ler comsigo no carcere e saiu escriptor.

Outra pagina interessante é a que fala dum vigarista.

— "Estou preso por passar o "conto" em quem o queria passar a terceiros.

Imagine que o *otario* comprou-me dez contos de notas falsas por dois bons. Ora, eu que não quero "trabalhar" com "michas", e antes quero ser pyrotechnico ou fabricante de dynamite do que pegar em notas falsas, vendi-lhe, em vez de notas, papel branco em pacos. Elle é que devia estar aqui, porque queria notas falsas para passar. Quem é então o vigarista?

Mas nem por isso lhe quero mal. Todos no mundo passamos o conto do vigario. Passa o conto o negociante que vende um genero por outro, o padre que reza sua missa, o doutor que mata o doente, o marido que engana a mulher, a moça que engana os homens com seios postiços, o jornal que mente, o cinema que faz reclame, o governo que desgoverna.

E até Deus passa o conto mostrando um céu azul, que não é azul, um mar verde, que não é verde, estrellas que não são estrellas, a luz da lua que não tem luz, e até a vida, que é um conto do vigário, pois não passa de um sonho, um pesadelo neste planeta de miserias.

Mas o caso typico do conto é o conto do casamento. O Sr. vê uma mulher, gosta della, namora, casa. Na noite de nupcias já vêm os dois o conto em que cahiram, porque a mulher tambem cahiu no conto do homem. E quando isto não acontece, vem depois o conto do filho adulterino.

Ouvi enervado o aranzel philosophico do vigarista e depois perguntei:

— E' tambem vigarista o juiz que pune os vigaristas?

— E dos bons! O juiz é um vigarista illustre que a sociedade elegeu para passar o conto nos vigaristas pequenos, que passam o conto nos vigaristas grandes...

Pouco a pouco foi-me elle convencendo de que a vida é uma interminavel cadeia de contos do vigário. Por fim disse-lhe:

— Comtudo o senhor vae soffrer aqui as consequencias do conto do juiz.

— Está enganado! respondeu-me. O meu advogado, que é um vigarista insigne, vae passar o conto no juiz e eu tenho que ser posto em liberdade pelo conto do *habeas-corpus*, que é o conto do vigário que a Lei passa na Justiça..."

Para nós não é assim. Mas para uma intelligencia divina, bem pôde ser que seja assim...

N o v o G u l l i v e r

Ha lembranças da meninice que jámais se apagam do cerebro adulto, mesmo quando esse receptador de impressões não consegue, por fraqueza senil, reter as da vespera. Lembro-me de um chromo de vivas cores, visto aos cinco annos, reclame da linha de coser Coat's e não me lembro dos desenhos allegoricos a Christo publicados nos jornaes na ultima sexta-feira santa. Representava esse chromo um gigante estirado á borda do mar e enleado de mil fios de linha Coat's; em redor formigava a legião dos pigmeus amarradores. De mãos á cintura, muito contentezinhos, confundiam a immobibilidade do gigante, consequencia do bom somno que dormia, com a immobibilidade da mosca enleada por mil voltas da teia de aranha.

Mais tarde, quando chegou o bello tempo dos livros de Grimm, Andersen, Ségur e outros maravilhadores da imaginação infantil travei conhecimento com Jonathan Swift e tive a explicação do meu chromo de Coat. Representava Gulliver no paiz de Lilliput, amarrado durante o somno de mil cordas lilliputianas. Mas Gulliver acordou, estirou os musculos e com um simples espregui-

çamento rompeu, com grande assombro dos locaes, toda a amarrilhoca que o prendia.

Quem trepa a um Corcovado imaginario e de lá procura ver em conjunto o Brasil, espanta-se da sua attitude. E' um gigante deitado e amarrado. Mas não dorme; offega com a respiração oppressa e faz descoordenados movimentos convulsivos para romper o cordame enleador.

O Gulliver sul-americano principiou a ser amarrado pelos portuguezes, quando Portugal descobriu que em suas veias circulava ouro, o sangue amarello; e desd'ahi até hoje os homens do cipó, vulgo homens de governo, outra cousa não fizeram, federal, estadoal, municipalmente, senão dobrar cipós, cordas e fios de arame sobre seus membros para que, a salvo de pontapés, possam sugal-o com as suas trombinhas de percevejo.

Portugal só organizou uma cousa no Brasil-colônia: o Fisco, isto é, o systema de cordas que amarram para que a tromba percevejante sugue sem embaraços. Quem lê as cartas regias e mais literatura metropolitana enche-se de assombro deante do machiavelico engenho luso na creação de cordas. Cordas trançadas de dois, de tres, de quatro, de dez; cordas de canhamo, de crina, de tucum, de tripa; cordas estrangulatorias de exprimer o sangue amarello e cordas de enforcar.

E assim foi até que um portuguez de genio impulsivo se condoeu da triste sorte do gigante e cortou o cordão umbilical que o prendia á Metropole, corda mestra, corda mãe de toda a linda collecção de cordas fiscaes secundarias. E o gigante respirou e viveu feliz, sobretudo no meio seculo

de “compreensão” que o magnanimo filho do primeiro Pedro houve por bem outorgar-lhe.

Mas não ha felicidade que dure mais de meio seculo. Uns bachareis formados pela universidade da Lua e uns generaes tentados pela serpente da trahição implicaram-se com a velhice do principe magnanimo, accusaram-no de saber quatorze linguas, de assistir a exames de meninos, de boicotar com um celebre lapis azul os maus juizes, em vez de fazer as cousas interessantes que, quadriennalmente postos no lugar do velho sabio, elles, bachareis e generaes, fariam. E deportaram-no; metteram-no a bordo dum mau navio e:

— Vae ninar os netos de Victor Hugo. Tu não entendes de lidar com o gigante.

O bom velho partiu e os bachareis e generaes, a olharem-se uns para outros, sorridentes e gososos, tomaram conta da casa.

Não diremos aqui das consequencias innumeras da mudança; basta que as sintamos todos os dias como o supplicio da gota d’agua; diremos sómente da cousa capital que a republica fez, faz e continuará a fazer. Estomagada com a liberdade de movimentos do bom gigante, resolveu amarral-o de novo. Foi ás cartas regias da Metropole e resuscitou uma a uma todas as cordas e cipós fiscaes rompidos pelos Pedros; recompol-as e começou a enlevar pachorrentamente o pobre Gulliver. Amarra os braços, amarra as pernas, amarra as mãos; amarra, amordaça a bocca para que não grite — e foi-se a Constituição; amarra, venda os olhos para que não veja — e lá se foi a imprensa.

Sobre o corpo de Gulliver desceram todos os arroxos. Não bastaram os cipós e cordas de invenção lusa; importaram-se cabos de aço, torniquetes complicadíssimos, borzeguins medievaes, remodelados pela engenhosidade moderna. O Fisco tornou-se o objectivo supremo da republica, a meta de todas as suas altas cogitações. Annualmente se reúnem, durante mezes, centenas de technicos cuja função é uma só: inventar novas torturas fiscaes, novosapparelhos de sarjar as carnes e extorquir sangue á victima.

Gulliver estertora. Todas as suas forças emprega-as em defender-se das cordas e ventosas que o Congresso torce e engenha. O Santo Officio virou um marquez de Sade repartido em bancadas; não se contenta em tirar sangue, ha que tiral-o da maneira mais dolorosa, da maneira mais incommoda, da maneira mais lesiva ao organismo do bom gigante. A invenção do novo borzeguim — imposto da renda, excede a tudo quanto sahiu da cabeça dos inquisidores: *a victima ignora o que tem de pagar* e se não paga com *exactidão* incide em pena de confisco! E se em desespero de causa pede ao Fisco que lhe explique o mysterio, que lhe dê a chave vertical e horizontal do quebra-cabeças, o marquez de Sade sorri e responde, diagonalmente:

— Pague com cheque cruzado, e explica com grande ironia de detalhes como se toma de uma regua, duma penna molhada em boa tinta e como se cruza um cheque.

Não ha criatura neste paiz que não confesse um desanimo infinito. As energias do homem que trabalha e produz despendem-se por tres quar-

tos na luta contra a escolastica e o sadismo da cipoeira fiscal; sobra-lhe uma pequena parte para dedicar á sua industria. Até esforço muscular dos dedos o sadismo do fisco lhe rouba. Pela manhã, ao accender o primeiro cigarro, tem que gastar o esforço de duas unhas para romper o sello com que o fisco tranca as caixas de phosphoros e os maços de cigarro.

Este engenhoso systema de tortura tem em vista uma cousa só: permittir que sobre o corpo do gigante a vermina duma parasitalha infinita engorde em *dolce far niente*, como o carrapato engorda no couro do boi pesteadado.

Vermina inintelligente! Consultasse ella os carrapatos e receberia delles um conselho salutar:

— E' perigoso levar a sucção a grau extremo; morre o boi, e com elle a parasitalha.

Será que nem o instincto da conservação propria consiga metter um raio de intelligencia nos miolos do *triatoma megista*?

O pateo dos milagres

Ha no mundo nações tão bem ordenadas, tão limpas de vida que se tornam insulsas e *intellegraphaveis*. Suecia, Noruega, Dinamarca, Hollanda e Suissa (a lista não vae além) chegam á perfeição de impedir a permanencia em seu territorio dos sollicitos correspondentes da Havas, da United, da Associated Press. Prohibem-lhes o ingresso? Absolutamente não. Apenas lhes negam factos telegraphaveis. Não ha desastres, não ha crimes, não ha revoluções, não ha guerras, não ha sitios, não ha golpes de estado, não ha nada dessa pittoresca desordem da França, Italia, Portugal, Brasil e outros, eterna fonte dos telegrammas que enriquecem as agencias á custa da universal curiosidade.

A Suecia chegou á perfeição das colmeias. Nos bondes os passageiros depositam o nickel da passagem numa caixinha adequada. Nem cobradores, nem fiscaes — e nunca um sueco lesou nenhuma empresa de tramway. Se porventura esquece em casa os nickeis, viaja de graça, mas no dia seguinte, ao tomar de novo o bonde, não esquece de pagar em dobro. A venda de jornaes ás esquinas é feita pelo mesmo processo. O freguez toma a folha que quer e deposita o preço. Se está

sem miudos, elle mesmo faz o troco. As moedas permanecem numa caixa aberta, á vista do publico, sem que passe pela cabeça de ninguem a idéa absurda e anti-sueca de furtal-as.

Na Suissa deu-se ha tres annos um crime. Um russo, em transito por Lausanne, matou a outro russo por motivo de vingança politica. O abalo foi medonho. Do Jungfrau á ultima vacca berneza, a Suissa inteira fremiu de horror, e durante mezes foi esse crime o thema de todas as conversas e de todos os espantos. Até hoje, quando quer um suíço referir-se a factos do anno 1923, diz, ainda arrepiado: Foi no anno daquelle crime...

Paizes assim têm o defeito gravissimo da insipidez. Lembra a ilha da Perfeição, onde a deusa Calypso abrigou Ulysses e de tantas delicias o cercou que o mal acostumado grego deu de bocejar, saudoso da bella desordem de Íthaca.

Esta insulsez da ordem perenne foi-me ha dias confirmada por um turista sueco, que desceu do *Arlanza* para uma rapida inspecção á nossa cidade e acabou fixando residencia aqui.

— Estou maravilhado! disse-me elle. Nunca suppuz que no mundo houvesse uma cousa (elle chama ao nosso paiz cousa) tão interessante e pittoresca! Começa pela mistura das raças. Nós lá somos victimas da perfeição ethnica. Todos os homens se parecem uns com os outros, todos regulam no porte, na côr dos olhos, no louro dos cabellos, no bem proporcionado dos membros. Ora isso, afinal, cansa, porque ver um é ver todos. Mas aqui, que maravilha! Os homens apresentam a gamma inteira da somatica humana. Ha-os gran-

des, médios, pequenos e minúsculos. Ha-os rectos como cabos de vassoura, gordos como aboboras, magros como palitos, tortos como latas velhas, capengas, cambaios, corcundas, coxos, manetas. E de todas as côres, pretos, castanhos, achocolatados, aços, amarellos, ruivos, vermelhos, verdes e até brancos. Costumo ficar na rua Larga vendo o desfile do povo suburbano. Não ha dois seres iguaes e ainda não vi um com a fórma humana classica dos Apollos esculpidos na Grecia, ou dos jovens que passam pelas ruas de Stockolmo.

Isto, meu caro senhor, é uma pura maravilha para um viajante como eu, que corre mundo em procura do pittoresco ausente da terra natal. Somos na Suecia victimas da ordem perfeita, ordem em todos os sentidos, inclusive a economica. Esta chegou a tal ponto que até esse velho elemento esthetico, tão caro aos artistas, que é o classico mendigo de rua, desapareceu dentre nós. Pintor sueco que se proponha pintar um quadro como *O Piolhoso* de Murillo, ou vae pintal-o fóra da Suecia, ou tem de camuflar de mendigo a um sadio mechanico aposentado de Trollhatan.

Aqui, entretanto, que riqueza de motivos pittorescos só no que diz respeito a admiraveis mendigos authenticos! Em plena Avenida, num esplendido contraste com as montras scintillantes de joias e as damas que passam vestidas de todas as côres do iris e de todas as missangas de Paris, tenho visto exemplares que fariam fremir de entusiasmo o pincel do nosso grande André Zorn. Mendigos primorosos, com bellissimas chagas, vermelhas como cactus, optimas para o estudo da gamma inteira dos carmins e dos lilazes gangre-

nosos. Outros dotados de soberbas inchações lustrosas, nas quaes Zorn descobriria tons de ocre inéditos para a sua palheta. Além dos effeitos de côr desses maravilhosos mendigos, os effeitos de expressão! Que riqueza! Resignados uns, como fellahs do Cairo, exhibindo elephantiasis de enthusiasmar; outros em tal grau de penuria organica que o passante artista se detem, na esperança do espectáculo raro de um estrebuchamento final, rico de convulsões, em pleno sol.

Esta riqueza inaudita de themes pittoricos constitue a grande riqueza de vosso paiz, e no dia em que fôr conhecida lá fóra, pela intelligente propaganda dos vossos consules, attrahirá para cá toda uma legião de pintores e esculptores europeus.

E tudo isto vós o conseguis com um insignificante dispendio de nickels sabiamente largados nas mãos que se estendem!

O processo da assistencia ao invalido, que em má hora a Suecia adoptou, deu cabo do mendigo por lá, com gravé damno do pittoresco das nossas ruas. O vosso processo do nickel é intelligentissimo. Mantem, conserva a enorme classe dos invalidos, não em asylos, fóra dos olhos do publico, o que é contrario á esthetica, mas bem á mostra do passante, estorvando-lhe a passagem, forçando-o a deleitar-se com o pittoresco da miseria humana.

Sois grandemente sabios, sem o saberdes. Sois uns inconscientes creadores de belleza, numa éra em que a organização social vae dando cabo da belleza do mundo. A desordem é condição da belleza, e a bella desordem que noto em todas as

vossas cousas, denuncia os dons estheticos com que a natureza vos fadou. O regimen de selecção ás avessas adoptado pela vossa politica, o empirismo dos vossos governos, a fabricação de leis annuaes sem o minimo estudo das realidades, tudo isto é profundamente esthetico. Vossos governos e vossas leis com muita sabedoria impedem que o Brasil vire uma Suecia, uma Suissa, — ilhas de Calypso onde a perfeição organica crêa o tédio e mata o pittoresco.

Prevejo que o criterio da vossa elite dirigente vae conduzir-vos á hegemonia do pittoresco. Haveis de derrotar Hespanha, Portugal e Italia.

Haveis ainda de ser a *great attraction* do turismo universal, quando em consequencia logica da vossa orientação o Brasil se transformar no Pateo dos Milagres da America, irmão daquelle maravilhoso Pateo dos Milagres que Victor Hugo descreve na *Notre Dame de Paris*. Esta perspectiva de tal modo me encanta que deliberei fixar residencia aqui e talvez até me naturalize. Porque, meu caro senhor, devo dizer-lhe que sou um temperamento visceralmente artistico, desses que...

Neste ponto o meu sueco interrompeu-se e, num enlevo d'alma, caiu em extase deante dum *cul-de-jatte* de terceira ordem que aos arrastos se nos defrontara e me estendera a mão faminta de nickeis.

Um orgulho immenso encheu-me a alma. Senti-me enfunado de radiantes ufancias patrioticas e tive um dó immenso daquelle desgraçado sueco, que para deleitar-se com um mau exemplar de

cul-de-jatte tinha de deixar a sua terra e atravessar os mares.

— Isto não é nada, disse-lhe eu com paternal superioridade. Temos cousa muito melhor. Temos cincoenta mil morpheticos admiraveis!

— Cincoenta mil? exclamou o sueco num assombro, mordendo os labios de inveja. Nós lá tínhamos um, mas morreu...

Ri-me da pobreza da Suecia e, num gesto a Cyrano de Bergerac, dei ao *cul-de-jatte* um nickel novinho — o precioso nickel com que, tão intelligentemente, fazemos as Suecias se curvarem ante a nossa formidanda superioridade esthetica...

V a t e l

Se houvesse entre nós mais amor á cultura seria o Rio um formidavel consumidor de livros.

O excentrismo topographico da cidade obriga seus moradores talvez ao maior movimento de locomoção ainda observado em centro urbano. O carioca devia chamar-se *naveta*, já que a ir e vir passa a vida, como a lançadeira das machinas de costura. Carioca que morre sessentão, tres annos pelo menos morou no bonde. Outros chegam a morar vinte ou trinta; mas estes não contam, motorneiros e conductores de profissão que foram.

Ora, se este tempo de bonde, em regra perdido a olhar com displicencia o desfile das casas margéantes, fosse empregado na leitura, que grandes leitores não seriam os cariocas e que optimo negocio o dos livreiros!

O bem far-se-ia duplo: desencrostar o espirito do cascão que Manuel, Cunhambebe e pae João nos legaram e encurtar as distancias. Do centro á Tijuca, a ler, dura a viagem cinco minutos, se o livro é bom, ou quinze, se mediocre. A olhar as casas, parvoamente, como se foram palacios, dura horas.

Porque nada mais elastico que isto de hora. A marcação mechanica dos relógios differe da uni-

ca marcação verdadeira, que é a psychologica. As horas de amor têm cinco minutos, as de séca litteraria, cento e vinte e ás vezes mais.

Muito esmóe o cerebro dos nossos prefeitos, que o têm, o problema do encurtamento das distancias — e nada de vir solução que preste. E' que procuram solução mechanica num caso em que só é possivel a solução psychologica.

Ensine-se a ler ao povo e forneçam-se-lhe livros interessantes, portateis, em brochura para o bolso do revólver. E que cada conductor de bonde nos dê em troca da passagem, em vez do papelucho colorido que nos destacam á vista e o vento leva, um livrinho accommodado á extensão da viagem.

A *Linda Mentira*, de Ahelmar, a quem vae á Lapa; o *Rocambole*, a quem vae ao Leblon. E ninguem murmurará jamais contra as distancias, psychologicamente supprimidas.

As boas soluções são essas, as indirectas.

Isto o digo por experiencia propria. Meu bonde me consome vinte inexoraveis minutos de relógio em levar-me de casa ao centro. Se vae commigo um livro, não percebo o desfalque do meu capital-vida; se vou a olhar casas, sinto-me roubadissimo.

Além de que é uma delicia o refugir pela imaginação ao ambiente de asphyxia em dobro, que nos dá estado de sitio em cima de calor. Leituras topicas: *Guilherme Tell*, de Schiller e *Viagem ao Polo*, de Amundsen.

Somem-se as barreiras do espaço e do tempo. Com a mesma facilidade com que pulamos do Rio á Grecia e lá assistimos á greve das mulheres con-

tra o ardor dos maridos, contada por Aristophanes, saltamos do dia de hoje ao seculo dezoito e ouvimos de Mme de Sevigné a historia da morte de Vatel, caso unico de morte por hypertrophia de ponto de honra culinario.

Meu bonde hontem foi de palestra com Madame. Esta senhora immortalizou-se de verdade com um punhado de cartas escriptas á filha e a outros figurões, todas ellas modelos de graça, leveza e feminilidade.

Os francezes têm a palavra *pimbêche* para designar a mulher de animo bellicoso que vive em guerra aberta com todos da familia. A crear-se lá o antonymo de *pimbêche* seria fatal o *sevignéche*, tal a adoração que Madame indicia nas cartas pela filha e pelos seus. Adoração que acaba enjoando o leitor, como os doces doces de mais. Já não é mais sentimento porque é *sensiblerie* pura, da só possivel naquella antisocialissima vida de côrte em que um enxame de cortezãos zumbia em torno do decimo quarto Deus-Luiz.

Quando, porém, um facto de nota occorria, a correspondencia da Sévigné escapava á bombonização rosea do pensamento e narrava com muita naturalidade e graça.

Numa de suas cartas occupa-se da morte de Vatel, chefe supremo da cozinha da casa de Condé. O rei fôra visital-o, a Condé, e houve caçada, passeios, collação ao luar num sitio poetico tapeitado de junquinhos. A' noite, ceia.

Mas a comitiva appareceu maior do que a esperada e o assado faltou a algumas das mesas.

Isto foi para Vatel um golpe de morte.

— Estou deshonrado; não poderei suportar este desastre... murmurou elle.

Mais tarde disse a um Gourville:

— A cabeça me vira; ha doze noites que não durmo; ajude-me a dar ordens.

Gourville o consolou como poudes.

O assado não faltara á mesa do rei, e sim a mesas subalternas. Mesmo assim Vatel definhava de dôr.

O principe de Condé foi até seu quarto consolal-o.

— Tudo vae bem, Vatel; a ceia do rei esteve maravilhosa!

— Monsenhor, vossa bondade me confunde; mas eu sei que o assado faltou a duas mesas.

— Tolices, não te aborreças, tudo vae bem, concluiu o principe.

A noite chega. Ha um fogo de artificio que falha por causa do mau tempo. (O fogueteiro, que era parente de Vatel, nem por isso perdeu o somno).

A's quatro da madrugada Vatel, já em movimento de cá para lá, encontra um fornecedor de peixe que lhe traz algum.

— E' tudo? pergunta Vatel. E ao saber que era acha pouco e superexcita-se inda mais. Impacienta-se. Não espera que os outros *pourvoyeurs*, mandados a todos os portos de mar, cheguem a tempo. Cruza-se com Gourville e diz:

— Não sobreviverei a esta nova afronta, tenho honra e reputação a perder...

Gourville caçoa dos seus escrúpulos e segue caminho.

Vatel sobe ao seu quarto, encosta a espada á

parede e traspassa o coração. Tres enfincadas deu, conseguindo a morte na ultima, como diria Mr. de La Palisse.

Mal expira o intendente, eis que começam a chegar de todos os lados os *pourvoyeurs* — e é peixe a dar com pau. Correm á procura de Vatel; esbarram na porta do seu quarto fechada; arrombam-na e lá o encontram morto, num lago de sangue. Compuzera o seu ultimo prato: Vatel em mólho pardo...

A tristeza foi immensa. Condé adorava-o e via nelle a columna mestra do seu prestigio de principe. A deserção do Shakespeare da cozinha viria certamente diminuil-o na consideração do estomago real e dos estomagos azues da côrte. Não se suicidou entretanto. Apesar de principe não soffria de hypertrophia do ponto de honra, como o seu cozinheiro.

O nosso Dualismo

O futurismo appareceu em São Paulo como o fruto da displicencia dum rapaz rico e arejado de cerebro: Oswald de Andrade. Turista integral, alternando estadias em Paris com estadias em Ribeirão Preto, leituras de Marinetti e outros com leituras d'“O Democrata”, de Pilão Arcado, visões de marmores de Mestrovich com santos de olho arregalado feitos na Bahia, apachismos elegantes de boulevard com o mumismo urbano de Mariannas e Diamantinas — sentiu melhor do que ninguem a nossa crystallização mental e emprehendeu combatel-a.

Mas combatel-a como? O velho processo do riso, da satyra, do sarcasmo sempre se revelou inutil entre nós. Dá resultados nos paizes de cultura disseminada, onde um riso como o de Voltaire se propaga em ondas hilariantes dum extremo do paiz ao outro. Aqui morre nos labios de quem o arrepanha, porque a incultura não ondu-la cousa nenhuma.

Mas Oswald, psychologo de fartos recursos, teve uma idéa genial: recorrer ao processo da atralhação.

— Esta gente, reflectiu elle, está a jogar uma partida de xadrez que não tem fim; sempre as

mesmas pedras, sempre as mesmas regras, sempre as mesmas saídas de peão do rei; sempre os mesmos cheques de rainha e torre. O riso, a piada de quem lhes sapeia o jogo de nada vale: não ligam, estão absortos demais. O recurso é um só, metter as mãos no tabuleiro e mexer as pedras como quem mexe angú.

E se justificava o angú com theorias metaphysicas, transcendentalissimas, taes theorias não passavam duma penninha (o futurismo), cujo fim era atrapalhar inda mais.

Sabem o caso da penninha?

Um sujeito propoz a outro esta adivinhação: “Qual é o bicho que tem quatro pernas, come ratos, mia, passeia pelos telhados e tem uma penninha na ponta da cauda?”

Está claro que ninguém adivinhou.

— Pois é o gato, explicou elle.

— Gato com penninha na cauda?

— Sim. A penninha está ahi só para atrapalhar.

As theorias estheticas dos futuristas são esta penninha...

Assim pensou e assim fez Oswald. E os enxadristas, com grande indignação, tiveram de interromper a partida interminavel. Xadrez exige calma, repouso, ordem, regra, systema, boa educação, e do mexer do angú nascera a desordem, a molecagem, o barulho, a extravagancia.

O rei passou para o lugar do peão, a rainha deu de pular como o cavallo, o cavallo a ter movimentos de bispo e no fim de tudo quem levava o cheque mate era quem sabia ganhando.

“A besta de Homero... A cavalgada do Shakespeare... O cretinismo do Anatole...”

Inversão, ou melhor, atrapalhação, angú completo dos valores assentes. Dos valores e das regras. A grammatica, a boa ordem, a justa medida, a clareza — pilherias! Por que é que o pronome reflexo não ha de abrir periodos? E zás: “Me parece que...” E o “você” expelliu o “tú”, e a velha asneira, que andava no refugo porque só os asnos a manuseavam, foi rehabilitada, vestida á moderna e veio á tona de livros e jornaes, toda garrida, provando mais uma vez que tudo vae da apresentação, e que um urubú preparado por Vatel pode saber melhor ao paladar do que uma perdiz assada pelas nossas cozinheiras do trivial.

S. Paulo é um meio muito rico de vitaminas mentaes e só lá era possivel que o gesto de Oswald creasse escola. Assim é que brotou do Bom Retiro, Braz, Bexiga e adjacencias uma legião de asseclas. Como sempre acontece, poucos dos legionarios comprehenderam o alcance da “batalha de Ernani” oswaldina, puro “meio” para a consecussão de um “fim”. E esses bravos guerreiros de 18 annos, e menos, com rarissimas excepções adoptaram o meio como fim. Atrapalhar, para Oswald, era o meio de conseguir descrySTALLIZAR a mentalidade. Só. Mais nada. Ella depois que creasse o que lhe aprouvesse, livremente, sem nenhum dogma, nenhum quadro, nenhuma autoridade que a constrangesse. Não foi outro o objectivo de Oswald, embora elle proprio no calor da luta se illudisse e tentasse construir, esquecido de que as duas funcções, a destructiva e a constructiva, jamais cabem juntas a um mesmo homem.

•

Oswald revelava-se aquelle fecundo Nietszche do "Vademecum? Vadetecum!" Queres seguir-me? Segue-te!

Em vez disso a pleiade futurista, cohesa no bloco do Quebra-Vidraças, deu de seguir Oswald, atrapalhando tambem, mas errada. Errava adoptando a atrapalhação como fim supremo, objectivo de todas as manifestações artisticas modernas, e não como simples meio, unico efficaz numa terra onde o riso de Voltaire, em vez de matar, engorda.

Por instincto, Oswald sempre repelliu os sectarios e sempre refugiu de transformar sua colher de mexer, hoje colher de pau-brasil, em paradigma, em maracá sagrado. E passa a vida a crear scismas dentro do grupo, a dividil-o, a renegar summos pontifices, a expulsar adhesistas — a impedir, emfim, que o chamado futurismo se crys-tallize em escola e passe a ser fim em vez de simples meio de combate.

Esta brincadeira de crianças intelligentes, que outra cousa não é tal movimento, vae desempenhar uma função séria em nossas letras. Vae forçar-nos a uma attenta revisão de valores e apressar o abandono de duas cousas a que andamos afer-rados: o espirito da literatura franceza e a lingua portugueza de Portugal. Valerá por um 89 duplo — ou por um 7 de setembro. Nestas duas datas está exemplificado o modo de falar da escola antiga, franceza, e da nascente nacionalista.

Por que é estranho isto de permanecermos tão francezes pela arte e pensamento e tão portuguezes pela lingua, nós os escriptores, nós os architec-tos da literatura, quando a tarefa do escriptor de um determinado paiz é construir um monumento

que reflecta as cousas e a mentalidade desse paiz por meio da lingua falada nesse paiz.

Formamos, os escriptores, uma elite inteiramente divorciada da terra, pelo gosto literario, pelas idéas e pela lingua. Somos um grupo de francezes que escrevemos em portuguez — absolutamente alheios, portanto, a uma terra da America que não pensa em francez, nem fala portuguez.

A eterna queixa dos nossos autores, de que não são lidos, vem disso — dessa anomalia de que não se apercebem. O publico não os lê porque não lhes entende nem as idéas, nem a lingua. Têm elles que se contentar com um escol muito reduzido de leitores tambem educados á franceza, os quaes em regra preferem ir logo ás fontes, aos francezes de lá, aos Anatoles e Verlaines.

Este dualismo de mentalidade e lingua tem de cessar um dia. Os grammaticos hão de se convencer afinal de que a lingua portugueza variou entre nós, como acontece todas as vezes que um idioma muda de continente. Como o mesmo latim variou em França dando o francez, em Portugal dando o portuguez, em Hespanha dando o hespanhol. E que continuará a variar, a distanciar-se mais e mais da lingua mãe, até que um dia fique em face della como está ella hoje em face do latim de Ciceró. Seria facto virgem no mundo persistir immutavel, apesar da mudança de continente, o instrumento lingua — que é eolio e varia até quando muda para um paiz fronteiriço.

Em casos taes, frequentes na historia, a regra é a lingua velha ir ficando cada vez mais confinada entre os eruditos, enquanto a nova se expan-

de no povo. Por fim vence o povo, que é o numero e a força. Nos paizes europeus de base latina o latim resistiu quanto poudé, escorado pelos sabios e eruditos, desprezadores da "corrupção" popular. Dia houve, porém, em que toda a resistencia foi inutil e d'alto abaixo a lingua se tornou una, pela victoria popular.

Entre nós estamos inda longe de tempo em que o portuguez será lingua apenas de um ou outro abencerragem feroz e não lido, mas tudo caminha para isso. O dissidio já está patente. O povo fala brasileiro e os proprios escriptores que escrevem em portuguez, não o falam em familia. Em casa, de pyjama, só se dirigem á esposa, aos filhos e aos criados em lingua da terra, brasileirissima.

Contou-me Bastos Tigre que a Ruy Barbosa ouviu dizer de um autor numa livraria:

— Já conheço elle.

E ai de quem não falar assim no trato comezinho da vida! Não só ganha fama de pedante, de "difficel", como não é bem entendido. Sobre-tudo ao telephone. Dada a necessidade de extrema clareza, ninguem ao telephone fala em portuguez, se quer evitar complicações.

Bastos quiz um dia falar, depressa, depressa, caso urgente, e esqueceu-se de que estava no Brasil.

— Allô! Se o excellentissimo X está, obsequio, e grande, far-me-á o attendente, chamando-m'o.

Ninguem pescou. Bastos insiste. Nada. Berra. Nada. Por fim manda ás favas frei Luiz de Souza e diz:

— O sêo Coisada tá ahi? Quedelle elle, então? Me chame elle já, sim, meu bem?

O Coisada acode pressuroso e Bastos jura nunca mais falar ao telephone em lingua de escrever.

Já temos dois grandes escriptores que escrevem na lingua da terra, em mangas de camisa, e pensam de chapéo de palha com idéas da terra: Cornelio Pires e Catullo.

A elite franco-portugueza ilha-os com o mesmo desprezo que tinham os faladores de latim em França e Italia para com os Dantes e Ronsards latinophobos.

Em 1559, um Thomaz Sebillet publicou uma cousa com este titulo: “Défense et Illustration de la Langue Française”, onde havia este pedaço: “Nossa lingua não deve ser desprezada, *même de ceux auxquels elle est propre et naturelle, et qui en rien ne sont moindres que les Grecs et les Romains.*”

Entende-se mal e mal o que o homem queria dizer, mas deduz-se que o francez nascente era “desprezado” pela elite latinizante.

O mesmo se dá entre nós. A lingua de Cornelio e Catullo só merece sorrisos — e é no entanto a que vae vencer! Já a falamos e acabaremos, cansados de resistir, por escrever como falamos. Só então a literatura será entre nós uma cousa séria, voz da terra articulada e graphada na lingua das gentes que a povoam.

A resultante da campanha futurista vae tender para apressar este “processus” de unificação. Mas não o realizará. Não é isso obra de um homem, nem de um grupo. E’ obra do tempo.

Heroe nacional

E' uma grande lição para os escriptores o facto de só sobreviverem os livros vividos. E são raros, porque os homens que vivem não têm tempo de escrever e os que escrevem profissionalmente não vivem. Poderá chamar-se vida ao marasmo do escriptor sempre mettido entre quatro paredes, a ler o que os outros escreveram e sem animo, ou sem geito, ou sem oportunidade, ou sem temperamento de viver a crueza e a violencia da vida? Elles apenas imaginam a vida, e na pintura duma floresta ou dum typo não conseguem esconder a imitação inconsciente que em sua arte substitue a criação.

Daniel de Foe escreveu centenas de livros. Um só nasceu vivo, e vive ainda hoje, e viverá sempre, Robinson Crusoe, porque foi tomado da bocca de um marujo que realmente naufragara e vivera sózinho numa ilha deserta.

Prevost tambem os escreveu ás duzias, mas só a historia de Manon Lescaut vive e viverá eternamente, porque só nella a vida estua e palpita como um coração offegante.

O valor de Kipling, de Conrad, de Jack London está na intensidade e na variedade de vida que esses homens viveram.

Não ha em seus livros scena ou paisagem descripta que não resalte como cousa vista e vivida.

E no caso dos livros vividos pouco importa que os autores tenham sido escriptores; a vida interessa tanto á humanidade que ella tudo perdôa a uma obra vivida. Venha sem forma, venha barbara, grosseira, incompleta, ao avêssio de todos os canones da arte. Se é obra de vida, viverá.

Isto succedeu ao livro de Hans Staden, publicado ha 369 annos em Marpurgo, livro onde relata aos povos attonitos o seu captiveiro entre os canibaes de um paiz recém descoberto á curiosidade europêa, o Brasil. As façanhas dos truculentos Tupinambás, sua avidez pela carne humana, seus usos e costumes, tudo interessava grandemente pela novidade — e como a narrativa era feita ao vivo a obra teve grande publico e veio pelo tempo a fóra, a propagar-se em traducções e edições successivas.

Hoje, quasi quatro seculos depois, o livro interessa da mesma maneira, não já ao curioso de novidades, mas ao curioso do passado. Os tupinambás passaram; o invasor luso, que começava a chegar no tempo de Staden, ganhou a partida e destruiu esse ramo da raça vermelha. Já não existem nem as ossadas dos heroicos aborigenes que defenderam palmo a palmo a terra natal, como hoje os riffenhos defendem a sua. Tudo passou. Só não passa o livro de Staden, que fixou um momento da vida daquelles heroicos selvcolas que morreram, mas não se dobraram ao jugo dos roubadores da sua terra. E é nesse livro, o primeiro publicado sobre nosso paiz, que hoje va-

mos buscar a emoção preciosa do contacto inicial com a terra virgem.

O curioso é que tal livro não interessa a nós apenas. Se aqui as edições se succedem e a obra dia a dia mais se vulgariza, começando já a penetrar nas escolas, no velho mundo se dá outro tanto. A estudiosa Allemanha, que mesmo ferida a fundo pelo maior dos desastres não abandona o pendor pela cultura que ha de fazel-a victoriosa amanhã, não perde de vista o compatriota rude que ha quasi quatro seculos veio naufragar em nossas plagas, e entre nossos indios nós nú viveu oito mezes de mortal agonia.

Dirigida pelo Dr. Richard N. Wagner, de Frankfurt, acaba de sair uma nova e primorosa edição da obra de Staden, reproduzida photographicamente da primeira edição de Marpurgo, dada em 1556.

Se para a Allemanha Staden inda é reeditavel quasi quatrocentos annos depois da sua tragedia, que não é elle para nós, cuja terra e gente em seus primordios só em suas palavras se retratam com “a vivacidade da vida?”

Em Staden desenha-se o typo de Cunhambebe, terrivel anthropophago e implacavel inimigo do invasor, dos quaes comia com avidez quantos encontrasse, apesar da má qualidade da carne.

Comia-os por vingança, com o prazer com que um riffenho ou um syrio deveria comer um francez. Ha de ser uma delicia trincar o coração dum roubador que nos vem tirar tudo, a terra e a vida.

Cunhambebe foi um guerreiro notavel. Suas arremettidas contra os lusos jámais falharam e,

embora o regimen de cacicado não permittisse entre nossos indios o surto de um chefe supremo, correspondente ao rei europeu, elle caminhava para isso em virtude do successo crescente das suas armas.

Já era obedecido pelos morubixabas seus iguaes e acabaria impondo-se a todos e dirigindo-os, se não tombasse em plena mocidade, victima duma razzia da variola.

Os nossos poetas não souberam ver nelle o que elle realmente é: o heroe nacional, o Vercingetorix brasileiro, o Cid vermelho, o Arminio que de dentro das florestas investia contra os lusos e os desbaratava.

Faltou a Cunhambebe um pouco mais de vida; alliara-se aos francezes de Villegaignon, receberia delles conhecimentos tacticos indispensaveis para contrabater a tactica do invasor, e como possuia a seu mando gente guerreira da mais decidida é provavel que, se não o vencesse a variola, vencesse elle aos conquistadores, mudando assim os destinos da nossa terra e raça.

O melhor retrato de Cunhambebe quem nol-o dá é Staden, na annotação da entrevista que com elle teve. O grande cacique perguntou-lhe que idéa faziam os "peros" da sua actividade.

— Falam muito de ti e das guerras que lhes moves, e por isso erguem um forte na Bertioaga.

— Hei de caça-los a todos, como caçamos a ti no matto, disse com arrogancia o indio.

Não poudé realizar a façanha, vencido que foi pelas bexigas; mas deixou um nome que infundia terror e que vive e viverá sempre graças ao livro de Staden.

A Arminio, o destroçador das legiões de Varo, venceu a traição dos seus pares.

A Cunhambebe venceu a fatalidade. Mas não vemos em que não mereça Cunhambebe ir para a plana dos Arminios. Ambos consagraram-se a um ideal supremo: a defesa da terra natal.

E accresce que ao nosso heróe cabe mais uma credencial a favor: comia e digería os inimigos para que nem a terra se contaminasse com os seus cadáveres...

A f e m i n i n a

Não pode ser mais feliz, com este calor, a idéa da fundação duma academia feminina de letras. Já que a masculina, contrariando a opinião unanime dos physiologistas, embirra no erro de dar sexo á intelligencia não admittindo em seu seio mulheres, logico se torna o revide da saia, o qual, para ser completo, devia ainda expressar-se á porta numa tabuleta de moer: *homem aqui não entra*.

Resta agora que o novo gremio se organize por moldes autonomos, liberrimos, que dêem bôa medida da invenção guanabarina.

Para isto faz-se mister que as fundadoras antes de mais nada se esclareçam no relativo ao que é, foi e poderá vir a ser uma academia, cousa na apparencia facil, mas na realidade difficilima. Tão difficil, que um mesmo homem as define pela tabella A, emquanto as namora, e pela tabella Z, depois que as possui.

Ao caso não servem definições masculinas; as fundadoras hão de consultar as femininas, entre as quaes resalta a de Mme de Linange.

Disse esta aguda Madame: Academia é uma sociedade comica onde se guarda o serio.

Pergunta-se: conformar-se-ão nossas damas de letras com a rigidez de tal programma? Terão

a linda coragem, não digo de ser comicas, o que seria lamentavel, mas de guardar o serio?

Parece-nos difficil. Na photographia do grupo das fundadoras, publicada pelos jornaes, uma ha que ri — e ri lindamente.

Vemos nisso um vicio de constituição. Riso intestino, assim de começo, lembra cavallo de Troia dentro da Praça — e a sombra de Priamo poderá dizer como são perigosos taes presentes de grego!

Tudo muda, porém, se o riso fica de fóra. E' neste caso innocuo, pois não consta que riso algum, amarello ou rabelésiano, jamais haja morto nenhum academico.

Se existissem entre nós editoras, fóra logica a esperança de uma Mecenas, que á vara magica dum legado resolvesse para sempre a questão.

Não consta que as haja, e fóra dahi não parece possivel que venha herança.

E' verdade que em França já houve um precedente.

Clemencia Isaura, formosa dama de Toulouse, tomou-se de singular paixão pela Academia dos Jogos Floraes, e vendo que por escassez de fundos a olorosa instituição definhava, teve a idéa feliz de legar-lhe sua fortuna.

Tudo mudou, como aqui. Foi um derrame de primavera no esfaimado inverno da academia moribunda. Restaurou-se incontinenti o brilho da festa annual em que, como premios ás melhores flores poeticas apresentadas, o vencedor recebia uma violeta de ouro.

Que mimo! Em vez de prosaicos premios em vil papel moeda, uma violetinha de ouro!

A renda proporcionada pela interessante Clemencia possibilitou a criação de novos premios: uma sempre-viva, para as odes; uma eglantina, para as charadas; um amor-perfeito, para os acrosticos; um lyrio, para os poemas — tudo de ouro, com excepção do lyrio, que seria de prata dourada. Larousse não o diz, mas está no character francez. O lyrio é flor muito grande para ser reproduzida em ouro...

Essa Clemencia teve estatua no salão nobre do Trianon de Toulouse, estatua que os "*maitres és*" jogos floraes, no 3 de Maio de cada anno, revestiam de flores e deante da qual um delles, emergindo de enorme corbelha de rosas, fazia o panegyrico da padroeira.

Ha que notar aqui a gratidão dessa gente. Gosavam-se do dinheiro de Clemencia, mas não deixavam passar anno sem festa dithyrambica em sua honra.

E como apesar de tudo inda sobrasse dinheiro, a academia floral aggregou ás festas symbolicas banquetes lautissimos. Banquetes que degeneraram em orgia e fizeram intervir, com denuncia ao rei, um marquez de Maricá da época (não ganhara violetinha, com certeza...).

O qual rei, abespinhado, restabeleceu policialmente o sério proprio de academias inda que floraes.

Nutrirá esperanças duma Clemencia Isaura a nova Academia Feminina? Não estará acaso convicta de que sem fundos não é possivel viver decente nesta éra mais que nunca idolatra do Boi de Ouro, que ingenuamente Moysés abateu no deserto?

Outro ponto a estudar é o systema electivo, ou, melhor, o criterio da escolha. Dada a notoria implacabilidade da morte para com os immortaes, terão nossas academicas de reunir-se varias vezes ao anno afim de completar a equipe desfalcada. E surge o problema tremendo: qual o criterio da escolha?

Ponto melindroso, tanto varia o criterio humano na apreciação dos valores exorbitantes ao quadro metrico decimal.

Entre os innumerados existentes ha um, o de Guizot, que se revela profundamente sabio (da boa sabedoria, a pragmatica!).

Perguntaram-lhe se votava em N. N.

— Sim, respondeu o academico que apesar de ex-ministro tinha sal; dar-lhe-ei meu voto porque N. N. possui todas as qualidades dum perfeito academico. Veste-se bem, escova os dentes, é polido, condecorado e não consta que tenha nenhuma opinião. E' verdade que publicou umas obras... Mas, que querem vocês? Não ha ninguem perfeito...

Sob fórmula de *blague* ha no criterio de Guizot uma altissima sabedoria. O fim ultimo dum gremio, de parte as bellas palavras do programma, é um viver amavel em boa sociedade. Erra, pois, quem attende mais á obra do candidato do que ao seu feitio social. Obra vale para o uso externo; internamente a amenidade do convivio só exige os formosos dotes do N. N. de Guizot.

Architectada nestas bases, a nova academia terá vida longa e amena. Nossas damas se reunirão todas as semanas para conversar sobre modas, factos sociaes, casamentos, divorcios, etc., isto an-

tes da sessão. Durante a sessão uma lerá versos de poetizas esquecidas, como a Nisia Floresta; outra dissertará sobre o absurdo do sapato das chinezas; outra deitará apostrophes fulminantes contra o trafico das brancas; outra provará que a intelligencia humana não tem sexo.

Finda a assembléa irão todas para casa, muito contentes da vida, ansiosas por lerem o *comptendu* da festa nos jornaes do dia seguinte.

E a harmonia do universo em nada se perturbará. Nisia Floresta continuará esquecida; os proxenetas continuarão a escravizar as brancas; as chinezas continuarão a torturar os horrendos pedunculos e a intelligencia humana continuará dividida em dois sexos, o masculino que leva Newton a descobrir a lei da gravitação e o feminino, que nos leva a fazer asneiras.

— Ou a escrevel-as... dirá mordendo os labios dona Mercedes Dantas.

O bocejo de leão

O acaso entra por muito nos destinos humanos. Mas ha tambem o calculo, e se fosse possivel estudar a vida de uma criatura como o physico estuda um jogo de forças naturaes, quem sabe não se reduzirá a resultado final de um puro calculo o que chamamos acaso, destino, sorte? Os vencedores da vida seriam neste caso os calculistas exactos, os que não erram no decurso da operação, os que não dão passo sem tirar a prova dos nove fóra, os que constroem pedra a pedra e adoptam na construcção da sua vida os processos friamente exactos de um constructor de casas.

Em 1635 nasceu numa prisão de França uma menina. Seu pae, mau typo, duas vezes accusado de espionagem, azedou a alma nos carceres e por fim teve de emigrar para uma ilha da America, onde morreu. A menina volta para a França com doze annos e começa a soffrer os safanões da vida. Vae para a casa duma parenta longe, onde é tratada com rigor extremo.

Querem domal-a, querem torcer-lhe o pepino do character num certo rumo, para que não puxe ao patife do pae.

Ella reage, e dizem que sua juventude foi desgraçada, e que da formosa Ninon de Lenclos re-

cebeu a boa lição da duplicidade da vida — vida “para a Moral ver”, em cima; vida solta embaixo, bem secreta, bem occulta em boas casas de encontros clandestinos.

Aos dezeseis annos surge-lhe um casamento ao qual se agarra como a um presente do céu. Chamava-se Paul Scarron o noivo.

Era velho, *cul-de-jatte*, poeta e impotente. Mas a menina, já mestra em calculos, calculou certo ao acceitar a monstruosidade dessa ligação. Libertava-se da tyrannia da parenta má, adquiria uma situação social e não se comprometia a cousa nenhuma — nem sequer a ser mulher do seu marido.

Scarron vivia de versos e esmolas. Tinha uma pensão da rainha-mãe, a titulo de “doente da rainha”. “O meu *cul-de-jatte*”, dizia ella, como hoje dizem certas donas de casa: “o meu pobre”. A uma destas senhoras ouvi falar para outra, recém mudada para a sua vizinhança:

— Não te incomodes com fornecedores. Vou mandar-te o meu padeiro, o meu açougueiro, o meu fruteiro e até te mando o meu pobre, que é um pobre limpo, decente, sem doença feia e muito bomzinho.

Scarron morreu quando sua “mulher de ver com os olhos” entrava nos vinte e cinco annos, e deixou-a na miseria. Francisca — demos-lhe o nome — requereu ao intendente da rainha-mãe que lhe mantivesse a pensão do esposo. Esse intendente era italiano, cardeal e marido occulto da rainha; além disso, um forreta de marca. Recusou em nome da patrôa.

“Está doente Francisca? Não. Como quer então succeder ao marido no cargo de doente da rainha? Adoeça e volte”, devia ter sido despachado.

E a viuvinha passou miseria até que conseguiu do rei uma pensão de duas mil libras, arranjo que lhe daria para passar como uma dactylographa de hoje.

Adoradores, seductores rodeavam-na de todos os lados, mas o calculo a defendia melhor que uma cintura de castidade. O calculo nesta situação é proceder a geito que nada desfavoravel mareie a reputação de vestal, de modo a conservar-se a criatura desimpedida e com os musculos bem trenados para o bóte, para o grande bóte que é o objectivo final dos grandes calculistas.

Francisca, vira de cá, vira de lá, consegue cahir nas graças de Mme de Montespan, amante official de Luiz XIV. Faz-se sua criatura de confiança. Torna-se-lhe indispensavel. E' quem, logo ao nascerem, toma sob o manto os productos da cruz do Rei-Sol com a outra e foge a occultal-os em Paris. Sete vezes procedeu assim, fazendo desaparecer de Versalhes sete filhotes de rei. Em Paris organiza uma sábia criação desses entes meio humanos, meio divinos — uma coelheira real, e escreve numerosas cartas ao coelho envergonhado, dando conta dos progressos dos reaes coelhinhos. O rei, que a principio não supportava a presença de Francisca d'Aubigné — digamos-lhe mais um pedaço do nome — e censurava a Montespan por tel-a em casa, interessa-se pelas cartas e as lê com agrado crescente. Fraco em calculo, o rei se enlçava no estylo do calculo feito mulher, que era

Francisca d'Aubigné. E passa da curiosidade á amizade e da amizade ao amor e do amor ao desejo de posse. Esquece, repudia, afasta a Montespan e estende os braços para a Maintenon — que foi o nome com que entrou na historia.

Enganou-se, porém. Pela primeira vez uma mulher lhe resistia, e o Rei-Sol conheceu essa cousa romantica que os francezes chamam *languir*.

O calculo vencía. O calculo é o que é — e o que é o que é vence sempre. Resistir ao rei, cousa que jámais occorrera a nenhuma mulher de França, era o meio unico de conquistar o rei.

E o rei conquistado, já viuvo por esse tempo, acceitou a imposição da calculista insigne:

— Ou casas commigo ou...

Esse *ou* apavorava o rei. Era um estado vago, incerto; era o langor, especie de febre do Texas que só não dá nos zebús; era condemnar-se a passar o resto da vida com o peso de uma derrota na consciencia e a sensação insupportavel duma curiosidade não satisfeita em materia de amor. Luiz XIV não teve animo para enfrentar o terrivel, o mysterioso *ou*, e contrahiou com Mme de Maintenon um casamento secreto. Tinha elle quarenta e oito annos e Mme Calculo, cincoenta e dois!

Estava a pobre menina, filha do espião, transfeita em rainha de França e mais poderosa que nenhuma mulher o foi jámais.

Deu-se por satisfeita? Encontrou a felicidade? Não. Um trecho de carta revela o immenso tedio de su'alma:

“Se eu pudesse communicar-te a minha experiencia, escrevia ella a uma amiga, e revelar-te o tedio que devora os grandes, e o penoso que lhes

é encher os dias... Não vês que morro de tristeza, no apogêo de uma fortuna que excede aos maiores delirios da imaginação? Fui joven e bella; gosei todos os prazeres; fui amada. Na vida madura passei os annos no commercio do espirito e alcancei o favor supremo; mas juro-te, filha, que todas estas phases da vida me deixaram n'alma um vazio horroroso!"

Que grito d'alma! Sente-se que ao fazer essa confissão a maior calculista do seculo deu um pontapé na mathematica e abriu o seu coração blindado. A leôa trahiu-se. Bocejou...

Catullo - voz da terra

O Brasil existe e insiste. Tem uma alma chaotica, isto é, em formação, chaos não significa apenas desordem. Tem a carne sensível, apesar dum systema nervoso rudimentar, como o das baleias. O Brasil é immenso. Desdobra-se por 8.525.000 kilometros perfeitamente quadrados, e até já passa disso, em virtude do aplastamento do morro do Castello. Possui terras feracissimas, como as roxas de S. Paulo, e carrascaes piores que os desertos da Lybia. Zonas onde tudo são aguas, pirarucús e jacarés truculentos, ao lado de zonas onde a secca periodica só poupa ás cactaceas.

“Nesta terra se dá tudo”, disse Vaz Caminha; “mas a formiga come tudo que se planta”, acrescenta o Jéca, de cócoras na philosophia da sua velha experiencia. Talvez seja por isso que na terra que dá tudo quem quer uma fructa adquiere, a peso de ouro, nas joalherias, pecegos da California, maçãs da Argentina, uvas de Alicante.

Mas que dá tudo, dá. Dá café, cacau, côco babassú, mandioca, besouros enormes, coroneis ainda maiores; dá papo, maleita, revoltosos, legalistas, doutores, anophelinas, casebres de sopapo e arranha-céos, academias de letras e reformas de

ensino; dá impostos e carrapatos devoradores de impostos; dá o algodão com o curuquerê ao lado; dá sempre o pró rente ao contra, um pró magro e um gordo contra que o inutiliza.

Só não dá justiça.

Desse, e o grande poeta nacional, esse Catullo que ninguém ouve sem sentir dentro de si o arrepio da raça não estaria de barbas postiças, num theatro, a trocar o arrepio de seus versos pela magra subsistencia.

Rosalina Coelho Lisboa, voz harmoniosa desse algo superior que paira sobre os homens, denunciou a profanação e apontou para o Trianon:

— E' na Academia de Letras que elle deve estar.

Não sei. As academias têm *morgue* e Catullo é o que ha de mais livre e bohemio. Só mesmo onde deve estar estará bem: no coração dum povo.

Catullo é o grande poeta nacional.

O Brasil possuiue poetas em barda e alguns magnificos; mas são poetas universaes, que jogam com imagens vindas de Anacreonte a Verlaine. Poetas que tanto seriam brasileiros como mexicanos, francezes ou russos.

Catullo, porém, é o poeta da terra, a harpa eolea que resôa ao menor arfar da terra. Amores, anseios, soffrimentos humildes, scismas vagas, o verdadeiro sentir da nossa gente só nelle encontra voz. E que voz! Com que vigor se exprime! Com que inaudita riqueza de imagens novas, sem eiva de reflexo europeu!

Catullo é bem a voz da terra brasilica. Voz das cousas e voz das gentes. Tanto fala nelle o amor do vaqueiro como a angustia bracejante da

peroba que a queima da floresta deixou semi-carbonizada no viso do espigão.

Aos demais poetas ouvimos-os com o cerebro. São filhos da cultura geral, são traduzíveis.

A Catullo ouvimos com o coração, e ouvimos-o tomados dum estranho transtorno interno. Uma cousa grande, uma cousa vaga, informe, monstruosa cresce dentro de nós, expulsa o moderno de importação que está ali e nos deixa sozinhos com a raça. Nosso peito se enche de avós, como um albergue tomado de assalto por sombras ambientes.

Acodem tupinambás de pedras verdes nos labios, dos que comiam portuguezes com tripas e tudo; acodem velhos lusos de barba em collar; acodem iracemas que se cruzaram com esses barbadões iniciaes; acodem avós fazendeiros de asucar, bandeirantes tropeiros que acabaram barões do imperio, acodem homens de garimpo, caçadores de onça, senhores de escravos, sinhás-moças e sinhás-velhas — toda essa gente passada que viveu, amou, chorou e com as armas que poudes foi tirando da floresta immensa um paiz.

Acodem em tumulto para ouvir a lingua que foi a delles e ouvir as imagens, unicas que lhes suggerem cousas vistas e vividas. E enquanto o poeta geme seu descante ao violão permanecemos assim, obstruidos de raça, no extase de incubos atravancados de veneraveis succubos avós.

O Brasil dá tudo, menos justiça. O Brasil recompensa tudo, menos o merito. Que ha de esperar Catullo da sua patria senão umas barbas postizas?

Ha delle um poema lindo onde se narra o amor dum papagaio de estimação pela cachorrinha Sauna. “Martyr, velha, escorraçada, quasi no extremo da vida, andava sempre escondida e não morria esfomeada porque ás vezes lhe tocava um frangalho de comida que a outro cão sobejava”. Seus olhos, salva a heresia, lembrava os olhos da Virgem Maria. A sua melancholia era saudosa e macia como a sombra do luar. Quanta dor, quanta poesia, quanta philosophia chorava naquelle olhar!”

Desprezada por todos, só o papagaio a estimava. “Quando lhe faltava um osso para o jantar era bello, era sublime ver aquelle papagaio, como quem commette um crime, ás occultas lhe offertar alguns boccados gostosos do seu gostoso manjar.” E repetia vinte vezes o nome de Sauna, só porque ella, debaixo do seu poleiro, se quedava extatica a ouvil-o.

Um dia Sauna morreu. Encontraram-na com a barriga inchada á porta do curral, rigida e fria, mas nos seus olhos inda “se lia aquella philosophia da dor irracional. E só porque já fedia foi que o vaqueiro Zé Marco enterrou a pobrezinha ao pé dum velho pau d’arco”.

Quando o papagaio soube da morte da triste sarnenta, emmudeceu e nunca mais repetiu o nome de Sauna.

Catullo conclue o poema com um grito d’alma verdadeiramente sublime.

Meu Deus!... Por que não fizeste os homens irracionais?

Quem grita assim, quem attinge taes alturas, merece castigo. Merece como ganha-pão no fim da vida, não uma, mas duas barbas postiças.

Justiça Oxygenada

Feliz circumstancia me permittiu examinar em provas um livro que é um livro. Para que um livro seja um livro não basta possuir a fórmula de livro, nem recheiar-se de phrases compostas segundo a arte do bem escrever, e impressas de accordo com a boa technica dos Elzevires.

Ha que dizer algo novo, encerrar uma grande idéa, desenvolvida ou em germen, dessas que valem por empuxões de bom pulso na somnolenta carreira da rotina. Subscrevei-o á J. A. Nogueira, juiz da 6.^a vara, que o nomeará *Aspectos de um ideal juridico*.

J. A. Nogueira trouxe para o juizado um elemento invulgar. Trouxe uma larga dose de comprehensão humana, haurida na viagem que desde a juventude empreendeu através dos maravilhosos paizes da literatura e da philosophia. Tempo ha de vir em que só caberá a toga ao homem que assim viajou e do excursão assim tirou as fecundissimas lições da visão dilatada a todo o circulo do horizonte mental.

Porque ha o juiz que fica num quadrante e só vê as cousas por um postigo, nem sempre de todo

aberto. E é desse confinamento que procedem a fauna monstruosa dos juizes fanaticos, como aquelles infames bispos que grelharam Joanna d'Arc; a fauna vesanica dos Le Coigneux, que desesperam de não poder condemnar ao mesmo tempo as duas partes; a fauna de *coeur léger* dos Bridoye, de Rabelais e dos Bridoisson, de Beaumarchais; e finalmente a fauna dos brasilicos jabotis togados, que dormem annos na pontaria dos despachos e causam á economia publica mal maior que o juiz que se vende, mas é expedito.

Certa vez apresentou-se ao imperador Theodorico uma viuva queixosa de juizes á brasileira; contendia ella com um senador e já se passavam tres annos sem que os meritissimos lhe julgassem a causa. Theodorico chamou á sua presença os jabotis e intimou-os a apressarem a marcha do processo. No outro dia estava lavrada a sentença.

— Se era cousa tão simples, disse-lhes o grande imperador, por que motivo retardastes de tres annos o julgamento?

E mandou cortar a cabeça aos tres.

Morrem os jabotis mas não morre o jabotismo. Vige e viça por cá, como em seu verdadeiro *habitat*, visto que os não assusta o abençoado cutello do imperador ostrogodo.

Dessa viagem que fez ao paiz do sol pleno J. A. Nogueira nos trouxe varios livros, todos marcantes em nossas letras: *Amor Immortal*, impressionismo espiritualista; *Paiz de Ouro e Esmeralda* e *Sonho de Gigante*, variações sobre as realidades nacionaes; *Organização da democracia representativa*, estudo sociologico de largo vôo — e foi assim armado que penetrou no mundo juridico.

Seu espanto é de imaginar-se. Vinha do sol e entrava na Caverna do Caranguejo. Tunnel puro. Humidade, salitre, bolors verdes. Tudo velharias, carunchos, carcoma, cupins. Tudo medievalesco, em que pese ás caratulas modernas. O jurista aferrado ao reverencial dos precedentes. A sciencia reduzida á arte boticaria dos repertorios e dos casos julgados. A escolastica, a syllogistica, a glosa, o latim sebaceo, o brocardo revelho e todo o cortejo bafiento dos opiatos da Idade Média, e com elle todos os emplastos, tinturas, esparadrapos, revulsivos, robes, resinas, sabões, purgas, pós, poções, basilicões, obreias, méis, marmeladas, luques, licores, infusos, grageias, pilulas, gargarejos, gommás, geleias, fumigações, elixires, electuarios, vomitorios, colluctorios, causticos, cataplasmas, collyrios, clysteres, apozemas e suppositorios de pimenta dum chernoviz tramado contra a Vida por todos os Lobões, Souzas, Silvas, Mellos e mais Eusebios Macarios do direito reinol. E tudo vascollejado, filtrado, alcoolado, empilulado, enfrascado, rotulado na *Botica de Themis* da rua dos Invalidos, vulgo Forum, essa Cabeça-de-Porco onde as tabuas gemem ao pisar dos passantes, as aranhas veneraveis tramam de aranhões os tectos encardidos e das luras borbotam percevejos, baratas e ratos, que em vida anterior foram officiaes de justiça, os quaes bichos se esgueiraram por entre pernas de officiaes de justiça que em vida futura resurgirão ratos, baratas e percevejos.

Toda essa farragem expluida aos miolos do Mem Bugalho Pataburro, que Herculano nos retrata no "Bôbo", tem mantido nossa justiça arre-

dada de uma cousa linda e unica verdadeira, chamada Vida, na qual nossos juizes não acreditam, já que erguem muralhas contra o ar novo, o ar livre, o ar vivo, o ar que se cõa por montes, valles e mares e todo se enriquece de ricos oxygenios hostis ás sulfurinas cadavericas.

E' Nogueira talvez o primeiro magistrado nosso que tem coragem de abrir janellas ao céu azul e ao sol nascente.

Nas suas sentenças fala a lingua de todos nós, paisanos da isoterica juridica, e tanto refoge ao pedantismo technico da fórmula, como se insurge contra o cachetismo da hermeneutica emperrada. Procura introduzir entre nós os ideaes dos renovadores do direito na Europa, os Geny, os Van der Eicken, os Saleilles, os Gmur, os Degni, os Demogue.

Seu livro vale por um programma de renovação. Abre-o o formoso discurso com que recebeu na Cabeça-de-Porco uma espontanea manifestação dos advogados cariocas, fala que soou em nosso meio como estranha novidade. Um juiz a dizer da missão social do juiz! A proclamar que o direito não é fim, mas meio! A condemnar o velho brocardo do *Fiat justitia, pereat mundus*, em nome do *Pereça a justiça, mas viva o mundo*.

E' vulgar ouvir-se a um juiz de estirpe patavina: "Esta decisão me repugna á consciencia, mas tenho que dal-a. E' a lei".

A consciencia é neste caso a vida; o texto é a negação da vida... e vence o texto!

Mas não ha lei repugnante á sã consciencia que não se preste a uma larga interpretação. Para além da technica estreitamente interpretativa ha

toda uma amplidão nova da technica creadora ou renovadora. O perfeito juiz não é machina de applicar textos. E' participe da lei. E' o cerebro, o musculo, o nervo vivo que encarna os descarnados ossos do esqueleto textual e os põe vivos a agir em prol da vida. Nunca lhe fallecem meios de alliar á justiça a bondade e o bom senso. Ha que examinar os litigios na sua realidade e moralidade e julgal-os por equidade; em seguida procurar a fórma technica adequada a essa solução. Dahi um conselho de G. Renard aos advogados: Procurae convencer o juiz que tendes a vosso favor, não a legalidade, mas o direito justo; em seguida apresentae-lhe uma fórma juridica que esse direito se amolde. E' preciso tornar a vossa these amavel; só depois mostrareis que é imprecisa e não passa dum instrumento de approximação. As intuições immediatas do bom senso devem rectificar os processos logicos.

Estas idéas não são absolutamente novas. A novidade está em serem proclamadas e praticadas por um magistrado nosso. No livro do dr. J. A. Nogueira tal orientação se reflecte em todos os trabalhos que o compõem, não só nos capitulos de doutrina, *Missão do juiz, Artes de julgar, Hermeneutica moderna, Casuismo judiciario e sua esthetica. Entre o espirito e a letra da lei*, como nas sentenças que ao lado da theoria lhe revelam a pratica.

Entre as decisões publicadas uma ha de indemnização pedida á Light, onde circula a boa solidariedade humana deste principio; toda a actividade lucrativa que traz um agravamento de risco para o meio em que se exerce acarreta a

responsabilidade civil pelos damnos della decorrentes.

Notavel é tambem uma sobre sequestro de bens conjugaes durante a lide do desquite. Nella orienta-se o interprete á luz sociologica, de par com uma alta concepção juridica da mulher na sociedade conjugal de accordo com os ideaes modernos.

Ha uma sentença sobre o valor de certo documento, picado aos pedacinhos e depois recomposto, que é um primor de analyse psychologica, onde a finura da critica vem de mãos dadas á amenidade expositiva.

Aspectos de um ideal juridico é um livro, em summa, que o leigo lê e entende, sem perceber que está deante de questões transcendentalissimas, impenetraveis ao seu cerebro quando expostas por algum sacerdote do esoterismo juridico. Delle sahimos com a impressão final da arte superior de um *prudente* romano, cujos requintes de subtilidade se filtram através duma aguda sensibilidade de artista moderno.

O Brasil é uma terra de males. A formula commum de abertura das nossas palestras é sempre a mesma:

— O nosso maior mal...

E antes de beber o chope, entrar no cinema ou jogar no bicho o brasileiro desenvolve para o amigo que agarrou na rua pela golla a sua concepção do nosso maior mal e consequentes remedios. Está claro que cada um possui o seu maior mal; entretanto, é na má justiça que a mór parte das opiniões se encontram.

— Porque, diz-se, ou a temos corrupta, o que não é bom; ou a temos estreita, o que é positivamente mau; ou a temos lenta, o que é malerrimo, dada a inexistencia de Theodoricos por cá.

Mas havemos de convir que pelo menos da estreita não ha que desesperar. Casos como o do juiz Nogueira hão de reproduzir-se. A aura é contagiosa, pois brota do instincto de conservação social, e tudo vae de que um vanguardeiro desenrole pendão e arremetta contra os quadrados da rotina. Esse trabalho começa a fazer-se. Rompem-se de brechas as muralhas. Mem Bugalho Asinipedes acabará corrido, e uma Themis nua e linda como Venus ha de desthronar aquell'outra vendada com o lenço de rapé dos Le Coigneux, soldadescamente armada dum refle e ingenuamente atrapalhada com uma balança muito propria para pesar toicinhos, mas inadequadissima para galvanometrar os imponderaveis da vida.

As cinco pucellas

Quando Machado de Assis, nas “Memorias de Braz Cubas”, põe o heróe a rabiscar, alheiadamente, sem consciencia do que fazia, um verso da Eneida — “arma virumque cano”, traçou com a méstria incomparavel do seu genio um breve estudo da idéa fixa que se trae por tabella, como diz o povo.

Braz Cubas pensava em Virgilia; Virgilia trouxe Virgilio; Virgilio lembrou a Eneida — e a mão vadia foi repetindo no papel occasional o unico verso que esse personagem podia saber da Eneida, o primeiro, como todos nós conhecemos de Camões o — As armas e barões assignalados.

Não ha quem por experiencia não conheça isso do lapis escrever a esmo cem vezes, á margem dum jornal ou nas mesas dos cafés, o “arma virumque” que nos trae o pensamento enquanto conversamos sobre mil cousas diversas. Ou então é mentalmente que repetimos uma mesma palavra, ou trauteamos uma mesma aria, as quaes insistem, voltam, teimam como moscas de verão por mais que mudemos o rumo ao pensamento.

A quem escreve em jornaes succede o mesmo. Themás ha que insistem, e botam as orelhas de fóra mesmo quando o articulista aborda assum-

ptos que nem de longe a elles se relacionam. O remedio é desabafar, como o remedio para o appetite é comer.

O meu amigo Silva anda doente de uma idéa fixa, e em tudo que escreve ou fala — escreva sobre finanças ou fale do pivetismo do Brasil na Liga das Nações — trae-se escandalosamente. Amigo das mulheres, o problema que o corrôe é o seguinte: qual a primeira mulher que veio ao Brasil?

Ja consultou os compendios de historia e já foi á fonte das historias, os historiadores. Consultou Rocha Pombo, o mestre que allia o saber á gentileza. Já consultou Capistrano e João Ribeiro.

Mas tanto historias como historiadores o deixaram na mesma. E Silva definha. E' um pallido Edipo que na Avenida em cada mulher que passa vê uma esphinge "a la garçonne", murmurando, como a thebana:

— Decifra-me ou devoro-te: qual foi a primeira?

Do que ha escripto, apurou na obra de Jean de Lery — "Histoire d'une voyage à la Terre du Brésil", que na expedição de Bois le Comte vieram, a bordo do "Rosée", cinco frescas rosas de França, acaudilhadas por uma veneravel folha de tinhorão.

Diz Lery que embarcaram "cinc jeunes filles avec une femme pour les gouverner, qui furent les premières femmes françaises menées en la terre du Brésil."

Chegadas que foram, e alojadas no forte de Coligny, logo se casaram duas dellas com dois

mancebos, criados de Villegaignon — isso a 3 de abril de 1557, vinte e seis dias após á chegada — e estou que esperaram muito!

Realizaram-se os enlaces por ocasião da predica religiosa que todas as noites se fazia no fortim, e Lery menciona o facto “não só porque foram os primeiros casamentos á moda christã celebrados no Brasil”, como ainda para frisar o assombro dos convidados selvagens deante de mulheres... vestidas.

Nunca se tinha visto semelhante cousa na paradisiaca America, e a impressão foi positivamente de escandalo.

As desnudas indias, que acompanhavam seus desnudos maridos, retiraram-se da festa vexadissimas, corridas de vergonha, á visão de collegas louras que assim tão despejadamente se revelavam só com o rosto, pescoço e braços nús! E ao regressarem para suas aldeias, com grande alvoroço contaram ás outras o caso inaudito, provocando os mais desencontrados commentarios.

— Vestidas! Imaginem...

A moda futura

E' summamente difficil aos contemporaneos de uma transição social apprehender as linhas mestras do phenomeno e sobretudo prever até que ponto ella irá. Só depois da transformação operada é que os sociologos vêm claro. Sem o recuo do tempo, impossivel visão de conjuncto, como sem recuo no espaço impossivel fazer a menor idéa da altura, fórma, estylo de um palacio.

E' innegavel que sobretudo depois da guerra se accentuou o começo do fim do governo representativo com tres poderes autonomos, harmonicos e independentes, em moda ainda hoje.

Os factos cansaram-se de provar que isto de representantes são como os procuradores que procuram para si; não representam cousa nenhuma, a não ser o interesse pessoal ou de um grupo. O nosso Senado timbrou ha pouco em mostrar mais uma vez que é assim, na votação da lei da receita.

Os factos ainda provam que a tricephalia autonoma dos poderes não passa de pura pilheria, nem sequer engraçada.

E' anti-natural um monstro dessa ordem num mundo onde só as minhocas conseguem ter duas

cabeças — e por isso vivem condemnadas a não apparecer á luz do sol.

Uma das cabeças ha de preponderar e engulir as outras, sob pena do organismo rebentar por excesso de órgãos. *Quod abundal nocet*, e se uma só cabeça nos leva a tantas asneiras, tres, agindo simultaneas e livres, no minimo seria ao suicidio que nos conduziriam.

De modo que o tricephalismo vigente não passa de pura mentira physiologica na qual só os que vivem della fingem acreditar.

Ora, á medida que uma mentira social vae perdendo os cabellos que lhe escondem a nudez do craneo, surge a inquietação, o mal estar, e o homem procura romper essa falsa fórmula de equilibrio para adoptar uma outra mais consentanea com a “verdade”.

E’ o que se dá no momento. A ansia de sair da mentira representativa tricephala entremostrase em todos os povos, sendo que em alguns passou de ansia a realização.

Na Italia, Mussolini, com rude franqueza, operou a mudança e vae aos poucos procurando a fórmula de crystallização que permitta durabilidade ao systema successor.

Na Hespanha, Primo de Rivera fez o mesmo, embora sem a espectacularidade do “duce” italiano; Rivera não tem a queixada napoleonica de Mussolini e parece agir mais como satellite do que como creador.

Na Russia a transformação foi violenta demais para que possamos fazer qualquer idéa justa; as informações que temos são duvidosas, como

oriundas da propaganda e da contra-propaganda bolchevista, fontes por igual suspeitas.

Na França sentem-se todos ás portas de mais uma das suas numerosas rupturas de equilibrio, sendo imprevisivel o rumo que tomará a pobre Mariana, cujos symptomas de velhice não ha “maquillage” que consiga esconder.

Outros paizes existem ainda onde, ou confessadamente, ou ás hypocritas, só *in nomine* vigora a tricephalia representativa — e para atinar com um delle não é necessario que tomemos passagem no “Cap Polonio”.

A corrente avoluma-se, pois, e com ella a curiosidade de saber que moda virá substituir a actual moda de governo.

Teremos regresso á crinolina de Napoleão III, com o nome mudado? Iremos buscar na Grecia a elegante tyrannia dos Pericles? Virá o despotismo scientifico preconizado por Augusto Comte?

O despotismo não virá pela razão clara de não se ter ido nunca. Sob qualquer que seja o disfarce é sempre elle que de facto governa. Forma natural, tornou-se odiosa desde que o liberalismo accendeu nas chammas da Revolução Franceza o facho da indignação declamatoria com que o vem fulminando ingenuamente. Mas apesar da condemnação de 89 o despotismo tem sabido tão bem adaptar-se que ás mais das vezes é elle quem mais furiosamente condemna... o “despotismo”.

“Se payer de mots” é destino humano. As palavras despotismo, dictador, tyranno, etc., horripilam. Mas a cousa com o nome trocado se torna supportavel e muitas vezes reclamada.

O que a inquietação dos povos neste momento pede não passa de uma nova mudança de nome. Cansados da farça representativa e das designações engenhosas com que o liberalismo disfarçou o ironico e eterno Mephisto, querem “algo nuevo”, esquecidos de que neste mundo innovar é mudar de roupa — mudar de nome.

Infelizmente para a humanidade tal operação não é simples como para o individuo. Não se faz sem o sangue, sem a dôr que toda a ruptura de um estado de equilibrio traz e sem os soffrimentos de toda a ordem consequentes á procura de um novo equilibrio,

Crises, chamam-se essas passagens — ou revoluções, no caso de serem hemorrhagicas.

O que custou á França mudar o nome de “rei” para “gabinete”! O que vae custando á Russia mudar o nome de “czar” para o nome ainda em elaboração que o vae substituir!

A luta ideologica mantida contra o despotismo equivaleria no corpo humano á grita de todos os órgãos contra a cabeça, se fosse perfeito o simile entre os dois organismos.

Tem como fundamento a velha fermentação utopica, filha do erro de ter-se o homem como super-animal, ser fóra das leis geraes que regem na terra a vida dos cavallos, das moscas, das sardinhas e dos elephants.

Quando essa toxina utopica fôr de todo eliminada, então a humanidade acceitará sem disfarces, sem refolhos, sem folha de vinha a nudez do despotismo. Um pastor á frente e o rebanho atraz, pastando com deleitosa despreoccupação já que o “duce” vela. A difficuldade para attingir-

mos essa idade de ouro reside apenas numa coisa, na apparencia bem simples, na realidade difficilima: no nome a dar ao despota. Quem achar um que satisfaça plenamente e nem de maneira remota lembre as denominações anteriores cahidas em odio, fará á pobre humanidade um presente, talvez de grego, porém maior que o que lhe fez Gutenberg com a imprensa, Papin com o vapor ou Edison com o grammophone.

Plagio post-mortem

A 11 de outubro de 1916, pela tarde, entra a esvoaçar em São Paulo um corvo sinistro: o boato da morte de Ricardo Gonçalves.

— Será possível!...

Era. O boato confirma-se. “La buffera infernal que mai non resta” tragara-o para sempre.

Ricardo, a tiros de revólver no coração, fechara o epílogo da sua tragedia de amor. E a Paulicéa tão fria, tão sem gestos, tão fechada consigo mesmo chorou-o com as suas melhores lagrimas — irmãs das que teria mais tarde para Moacyr Piza.

Criatura de eleição, era Ricardo o feitiço dos seus amigos: nenhum possuiu que o não chore ainda hoje. Poeta dos que falam á alma, seus versos, dos mais ricos de poesia de quantos se fizeram no Brasil, viviam na bocca dos amadores, passavam de album a album, perpetuavam-se nas folhas á força de transcripções. Esperança do povo, sua acção social relevada em discursos de perturbadora eloquencia, fazia os humildes enxergarem nelle a aurora de um Graccho. Paixão das mulheres, sua belleza physica, de fundo romantico, culminava nos olhos divinos de expressão e

nostalgia do além, tornando-o o homem fatal dos amores que fulminam.

Em summa: caso rarissimo de requinte racial, de confluencia harmonica das tres grandes forças: genio, belleza, coração. Dessa amalgama feliz vinha o dom supremo — a bondade filha da suprema comprehensão.

Uma bala de revólver roubou a São Paulo a flor peregrina ainda mal desabrochada.

Mas o perfume ficou: seus versos.

Ricardo os fazia de raro em raro, sem mira noutra cousa senão fazel-os. Linguagem natural do coração, exteriorizava-os despreoccupado, como a violeta que rescende á tardinha.

Não os publicava; a sêde da perfeição inatingivel não lh'o permittia. Seus amigos, porém, os foram levando a jornaes e revistas, receosos de que se perdessem tão finos labores.

Seis annos após sua morte esses versos foram reunidos em volume — "Ipês". A collecção trazia além das suas producções originaes algumas traducções de Leconte e Rostand. E Ricardo Gonçalves passou a viver a doce vida da sombra, em seus versos e na saudade dos amigos. Conquistara a paz. Dera a vida terrena em troca dessa mansa quietude.

Os annos passam. De subito, uma revista carioca explode uma accusação hyenal contra a memoria do morto. Xavier Pinheiro impiedosamente o accusa de plagiario; mais, de gatuno de versos alheios. Accusa-o de haver furtado a Porto Carrero uma traducção de Rostand.

E o articulista esmaga a nobre sombra cotejando as duas produções — na realidade uma só porque absolutamente identicas.

Mais que brutal, mais que grosseira, a conclusão do accusador era inepta. Se o livro de Carrero appareceu depois da morte de Ricardo como poderia este plagiar “post-mortem”?

Se plagio havia, plagiou quem appareceu por ultimo. A chronologia, portanto, investia, virava pelo avesso o libello e punha em má situação Porto-Carrero.

Era, entretanto, absurda qualquer das duas hypotheses. Nenhum dos dois poetas merecia que nem por sombras pairasse sobre elles tão infantil suspeita.

O caso devia ser bem outro, e era.

Havia acontecido o seguinte.

Como o livro dos “Ipês” só foi organizado muitos annos depois da morte do poeta o organizador do trabalho teve que lutar com muitas difficuldades. Teve que catar as produções esparsas aqui e ali, escabichando collecções de revistas e jornaes, albuns, memoria de amigos.

E no afã da colheita... apanhou a traducção de Carrero e a incluiu na collectanea como sendo a de Ricardo.

Só agora, com o alarme de Xavier Pinheiro, se verificou o engano, e graças a uma busca rigorosa foi possivel desenterrar de uma revistazinha antiga a traducção de Ricardo, que traz a data de 1904.

“A Manhã”, órgão de desaggravos, vae desaggravar a sombra calumniada publicando as duas traducções. E seus leitores, comparando-as, hão de forçosamente exclamar:

— Que criatura feliz este Rostand, cujos versos encontram traductores de tal quillate!

A de Ricardo é esta:

MANEIRA DE FAZER PASTEIS DE AMENDOA DOCE

*Com tres ovos — cada clara
Bem batida, uma por uma,
Se prepara
Uma chicara de espuma
Branca e leve qual se fosse
Neve pura; põe-se então,
Com leite de amendoa doce,
Quinze gottas de limão.*

*Depois se bate e adelgaça,
Visando-se obra perfeita,
Fina massa
Que se deita
Numas formas especiaes.
E em cada pastel, brocado
Lado a lado,
Põe-se a espuma e nada mais.*

*Os pasteis assim obtidos
São no forno muito quente,
Docemente,
Com cautela introduzidos.
Espera-se um pouco e, após,
Na bandejinha que os trouxe,
Enfileiram-se ante nós
Os pasteis de amendoa doce.*

(1904)

A de Porto-Carrero é a seguinte:

TORTAZINHAS DE AMENDOAS E MODO DE AS
FORMAR

*Batam-se bem alguns ovos
Inda novos;
Nas ondas que a espuma trouxe
De cidra o summo se deite,
Grosso leite,
Bom leite de amendoa doce.*

*Passe-se dentro da lata
Fresca nata
Em fôrmas de bom-boccado:
De damasco a borda peje-se;
E despeje-se
Gotta a gotta com cuidado*

*Tudo na fôrma, de fôrma
Que essa fôrma
Vá para o forno; e, rendendo-a,
Sigam-se as outras; sahindo
Venham vindo
As tortazinhas de amendoa.*

Imagino (gratuitamente) que os proprios traductores torceriam o nariz aos pasteis feitos pelas suas receitas — mas poeticamente as duas estão, ou devem estar certas.

Amigos do Brasil

Amigos do Brasil! Pois ha disso? Ha. Houve e ha estrangeiros que se apaixonam das nossas cousas, vêm estudal-as e de volta ás suas terras dão-se ao sentimentalismo de querer bem ao paiz onde a primavera e o estado de sitio são eternos.

O saudoso e recém fallecido J. C. Branner, reitor da Universidade de Stanford, estudou na mocidade a nossa geologia e de regresso, até o fim da vida, conservou-se um amigo do Brasil. Quando publiquei meu primeiro livro recebi d'elle uma carta que conservo como premio. Discutia a "geringonça", ou giria como dizemos hoje, e falava disso com a segurança do homem de sciencia para o qual tudo quanto representa criação tem valor.

Na Allemanha tivemos sempre innumerous amigos, a partir do grande Martius. Hoje tambem os temos e um delles é o Dr. Frederico Sommer, que se empenha em verter e lá publicar os livros mais característicos da nossa literatura.

Até na França, tão de si propria, temos amigos. Mr. Le Gentil dedica-se a estudos brasileiros e em companhia de M. Gahisto, Martinenche e outros mantem na *Revue de l'Amerique Latine* uma

secção dedicada amorosamente ao Brasil. Não contentes, crearam na Sorbonne um centro de estudos brasileiros e cuidam agora de constituir uma bibliotheca de livros brasileiros. Tudo isto sem subvenções, á custa de enormes esforços e ao arrepio da nossa mussulmana indiferença. (Aviso aos autores de livros: essa bibliotheca da Sorbonne acceita com grande prazer e pede a remessa de obras nacionaes para lá, sobretudo as scientificas. Endereço: Mr. Le Gentil, Centro de estudos portuguezes, Sorbonne, Paris).

Outro, de nome menos conhecido entre nós, é Mr. Jean Turiau (Boulevard Murat, 29, XVI^{me}). Já residiu no Brasil, conhece as nossas cousas e as rememora com saudades. O Brasil é uma coisa deliciosa vista assim de longe. Um meu amigo, grande patriota, dizia sempre:

— Meu ideal é a diplomacia. Viver do Brasil mas longe d'elle, de modo a sentir sempre doces saudades da patria, que delicia!

Mas Turiau quer bem a isto aqui e gostos não se discutem. Trabalha em traducções e vae tornando conhecida em França a nossa esfarrapada literatura. Na ultima carta que me escreveu lamenta-se da sua situação de funcionario publico, como toda gente em França, situação que lhe não permite adquirir obras sobre o Brasil. E chora por uma *Rondonia*, por uma *Historia do Brasil*, de Rocha Pombo, *trop chère*... (Aviso aos srs. Roquette Pinto e a Rocha Pombo: não percam a oportunidade de um tal leitor. Nada ha mais raro e que mais honre a um escriptor do que um bom leitor).

A interpenetração literaria é o que ha de mais proficuo na approximação dos povos. Só ella supprime as muralhas que a estupidez dos governos ergue. Só ella demonstra que somos todos irmãos no mundo, com as mesmas visceras, os mesmos defeitos, os mesmos ideaes. Se a França tornou-se amada entre nós a ponto de bombardear Damasco e esmagar Abd-el-Krim sem que isso nos arrepie as fibras da indignação, deve-o aos senhores Perrault, Lafontaine, Hugo, Maupassant, Taine, Anatole e quantos mais nos trouxeram para aqui esta sensação da irmandade do homem. Se a Allemanha não se gosou de identicas sympathias é que viamos os actos de violencia dos seus homens de governo e não havia dentro de nós, para attenuar-lhes a repercussão, o coxim de velludo da literatura allemã bem absorvida como temos a franceza.

Grande serviço, pois, prestam aos povos esses homens benemeritos que trabalham na diffusão da literatura alheia em seus proprios paizes. Estão a preparar os preciosos coxins de velludo, amortecedores dos choques. Créam a comprehensão e a tolerancia. Demonstram, com a exhibição de documentos humanos, que somos iguaes, todos filhos do mesmo macaco que rachou a cabeça ao cahir do pau.

Mas o nosso descaso é immenso. Nenhuma livraria do Rio, por exemplo, tem á venda essa revista da America Latina. Por que? Não ha procura. Estupidificados pelo estado de sitio chronico, parece que um desalento nos ganhou a todos, um desanimo de tudo, indifferença de chim.

Se alguma coisa valesse alguma coisa nesta terra: eis a phrase com que um jornalista traduz tal estado d'alma. Phrase horrivel, reflexo do desespero do desanimo, e, no entanto, logica, sempre que um povo perde a sua liberdade e tomba no boçalismo da escravidão.

Mas tudo passa. Depois da noite vem o dia. Depois da Idade Média vêm os 89. Tolice é des-
esperar. Esperemos, e enquanto esperamos não contaminemos com o nosso desalento de escravos os abnegados pioneiros das nossas letras em França. E' noite? Não importa. Tambem de noite se trabalha e não ha trabalho mais abençoado do que o que se faz dentro da noite para apressar a vinda do dia claro. E é trabalhar para um dia melhor metter mãos á obra da diffusão literaria.

Os morcegos passam e os livros ficam.

O i n i m i g o

Muito se ha dito contra a nossa republica, mas para sermos justiceiros é mister não lhe neguemos os beneficios que trouxe. E trouxe-os, incontestavelmente. Ha o estado de sitio permanente, ha a delapidação permanente, ha o desastre da Central permanente, ha o deficit permanente, ha a selecção ás avessas permanente. São erros, e só os erros dão na vista. Os acertos, esses permanecem ignorados. Gosamo-nos dos seus beneficios, esquecidos de exaltal-os e lançal-os num dos pratos da balança onde se pesam os crimes da republica.

Entre esses acertos profundamente beneficos está o modo de proceder republicano em relação ao livro.

Como todo o mundo sabe, o livro é o causador de todas as desgraças que derrancam o homem moderno. Antes que Gutenberg inventasse o meio de pôr o livro ao alcance de toda a gente, a vida do homem no mundo era edenica.

Um rei em cima, uma côrte em redor, plebe infinita em baixo e o carrasco de permeio. O rei queria, a côrte dizia amen, a plebe executava. O carrasco mantinha a ordem da maneira mais eficiente, cortando a cabeça dos discolos, enforcando-os ou assando-os vivos.

Mas veio o livro e toda esta bella organização desabou. Os homens deram de instruir-se, descreeram do direito divino dos reis e dos sagrados privilegios da côrte. O papa deixou de ser o dono das consciencias e viu sua fogueira depuradora reduzida a tições extinctos. O rei teve que submeter-se a delegações chamadas parlamentos e virou rei de baralho. A plebe folgou. Abriu os olhos e convenceu-se de que tambem era gente.

Isto foi bom para a plebe, porém pessimo para o papa, para o rei e para os valetes. Tivessem elles adivinhando as consequencias da humilde invenção de Gutenberg e assal-o-iam numa boa fogueira com todos os seus typos de pau antes que a peste da cultura, que vae com os livros, se propagasse pelo mundo. Não se mostraram avisados, não acudiram a tempo e a consequencia foi o que estamos vendo. O livro multiplicou-se e envenenou a humanidade com "a doença que abre os olhos".

Aqui no Brasil começou essa doença a disseminar-se, como nefasta gripe, em virtude de termos por 50 annos um chefe de estado que sabia ler e era amigo dos livros. Esse mau homem favoreceu a propaganda da peste e acabou victimado por ella: a republica veio como consequencia da diffusão do livro entre nós.

A republica, porém, logo que se pilhou instalada, reconheceu o perigo do livro e tratou de suffocal-o. Como? Onerando de impostos prohibitivos a materia prima do livro, o papel. Quiz assim precaver-se, e mui sabiamente, contra a peste que matara a monarchia e podia tambem pô-la de catrambias. E o vae conseguindo. Ha quasi 40

annos que a republica subsiste talvez graças á sabia taxação que mantem asphyxiado o germen lethal. Eis, pois, uma das benemerencias da republica que valem por contrapeso dos muitos males que nos trouxe.

Essa abençoada guerra ao livro, intelligentemente surda para que não dê na vista do espirito liberal (que é a desgraça dos povos), intensifica-se de anno para anno com muito bons resultados. Crêam-se augmentos progressivos de impostos contra a odiosa materia prima, além de embarços alfandegarios que acabarão desanimando os seus petroleiros importadores. E neste andar chegaremos ao objectivo visado: tornar o livro só accessivel aos ricos, gente commodista que não faz revoluções porque para elles tudo vae pelo melhor, no melhor dos mundos possiveis. No dia em que o livro fôr de vez arredado das mãos da plebe, a victoria republicana estará completa. Fica outra vez o rei em cima (tenha o nome que tiver), os valetes e damas em torno e a plebe em baixo, cavando a terra de sol a sol, sem caraminholas na cabeça, sem pensar em seus irrisorios direitos, reivindicações e outras bobagens.

No momento actual o papel para livro paga de direitos o "dobro do custo". Já é alguma cousa, pois que já afasta o livro de tres partes da população. A experiencia, porém, demonstra que se um quarto do paiz ainda pode ler, continúa o perigo. Cumpre ao Estado elevar o imposto ao triplo, e mesmo ao quintuplo, se a triplicagem for insufficiente. Com um pouco mais de boa vontade lá chegaremos, para felicidade nossa.

Outra medida prophylactica muito sabia que o governo republicano tomou contra o livro foi a instituição dum protecționismo ás avessas, de modo que a “industria editora nacional não possa concorrer com a portugueza”. Livro e papel impresso. Se o papel vem de fóra em branco para ser impresso aqui paga, como dissemos, o “dobro do custo”; mas se já vem feito da Metropole gosa de “absoluta isenção de direitos”. Este protecționismo, instituido por D. Maria I quando mandou destruir os prelos do Brasil colonia, foi restaurado pelo governo republicano sob o habil disfarce de favorecer o intercambio com a Metropole, intercambio, está claro, que não existe nem pode existir.

Foi um golpe de mestre. A concorrência tornou-se impossivel, porque não ha concorrência possivel quando o protecționismo intervem a favor de uma das partes.

Mas, dirão, tudo é livro, venha da Metropole ou seja feito aqui na colonia. Logo a republica não é de todo infensa ao livro.

Sim, mas os livros que nos vêm da Metropole são livros estrangeiros, que não estudam as nossas cousas, que não gritam, que não petrolizam, que não esperneiam. Innocuos, portanto. Dum roseo cosmetico de Julio Dantas virá uma dóse maior de gravatas ao caixeirinho da esquina — idéa nenhuma; mas dum livro indigena de Oliveira Viana ou José Oiticica podem vir idéas e isso, é o diabo.

Alta sabedoria, portanto, demonstra a colonia em manter a avisada lei de D. Maria I. Dos males o menor. Cosmetico perfumado, sim. Idéas, nunca. E’ de cedo que se torcem os pepinos. Se

a França tivesse queimado vivos os Elzevires e outros diffundidos da peste graphica, não andariam hoje as estantes cheias desse nefasto Anatole France, que sorri de Jehovah, dos reis e dos valetes. Paiz novo que somos é mister que tudo se faça para que jamais prolifere aqui a raça maldita dos que duvidam. E o meio é esse: taxar inda mais o livro, favorecer inda mais o proteccionismo á industria editora da Metropole contra a sua rival da colonia.

Diz Antonio Torres que em Minas o povo inda não está convencido de que D. Maria I morreu. Suppõe-na ainda no throno, velhinha, mas tesa.

Minas pensa muito bem, e a nossa felicidade está em sermos por ella governados.

Amen.

A rosa artificial

Primo de Rivera, num discurso pronunciado em Alcalar, acaba de dizer grandes cousas.

“Não consulto, disse elle, a vontade popular porque tenho a convicção de estar servindo-a e interpretando-a a contento. Com taes consultas se perderia tempo e a perturbação sobrevinda com as eleições seria inutil. E que iríamos fazer com os eleitos? Para que queremos eleitos? Temos órgãos de consulta para todos os problemas do estado. Por conseguinte é inutil resuscitar *esse artifício chamado Parlamento que os povos, que ainda o possuem, não sabem que fazer para abandonar.*”

E’ a primeira vez que sae dum chefe de estado — Rivera não é outra cousa — a verdade nua, a verdade de amanhã.

O artifício chamado parlamento de facto não passa de um artifício, isto é, cousa innatural, não decorrente dum modo logico da arvore da nação. Salvo na Inglaterra.

Só lá elle é natural, porque só lá se originou por força de uma contingencia organica influctavel e intraduzivel por outra fórma.

Abro a interessantissima *Little Arthur’s History of England*, de lady Callcott, ingenuo livrinho

onde as crianças inglezas aprendem a tragica historia do seu paiz, e leio o trecho relativo ás origens do parlamento.

“A’s vezes os reis queriam mudar as velhas leis ou fazel-as novas. O povo, porém, se oppunha, dizendo que não era direito que se fizessem leis para elle povo sem que elle povo fosse ouvido e dissesse se lhe convinha ou não. Assim, sempre que o rei queria fazer uma lei nova, ou reformar uma velha, reunia os *aldermen* (os homens mais velhos), os bispos e os *thanes* (primeiro grau da nobreza por merecimento) para saber delles o que convinha fazer, e conformava-se com o parecer desses homens. Depois tambem chamava o povo para opinar sobre as leis propostas.

E, se o povo concordava, fazia-se a lei e o povo a respeitava e os juizes puniam os desobedientes.

Mas isto trazia muito incommodo a muitas pessoas e o povo achou melhor escolher entre os seus homens mais avisados tres ou quatro dos melhores e mandal-os ao rei para que decidissem pelo povo, que deste modo não se veria perturbado constantemente no seu trabalho dos campos. E então o rei e os nobres e os bispos e os homens do povo passaram a reunir-se, afim de discutir as leis, num lugar chamado *Witena-gemot*, palavras do velho inglez que querem dizer “reunião de homens avisados”. Era alguma cousa parecida com o que chamamos hoje parlamento, que tambem significa “logar de falar”, porque nelle todos falam a respeito dos melhores meios de fazer as leis, antes de fazel-as. Por este processo os anglos e os saxões eram governados por leis que elles mesmos consentiam e ajudavam a fazer.”

Nesta lição em lingua ingenua está patenteada, melhor que em qualquer tratado politico, a origem natural e a formação organica do parlamento na Inglaterra. Nasceu por força da utilidade commum, como nasce a rosa da roseira — a seu tempo, da côr, forma e perfume logicamente predeterminados pela constituição organica e funcional da planta.

Mas ha macacos no mundo. Ha macacos-povos.

Os Bandar-Logs de Kipling não constituem ficção de novellista.

Os povos macacos, vendo o bom resultado do systema inglez, adoptaram-no bananescamente, esquecidos de que imitar o inglez seria, não tomar o rosa da roseira ingleza, mas deixar, como elles, que a planta nacional abrochasse a tempo na sua flôr, qualquer que fosse. O resultado desse erro a historia o vem registrando.

A rosa artificial que occupa nos povos macacos o hastil da flôr que o macaquismo impediu de abrochar, é rosa artificial. Não tem vida, nem côr, nem perfume — não harmoniza com a planta, não responde á sua organologia.

E' o *artificio* de que fala Primo de Rivera.

Assim entre nós. Que relação tem o nosso parlamento — casa mais de xingar e “engrossar” do que de discutir — com o Brasil, suas gentes e cousas? Nenhuma, absolutamente nenhuma! E' um corpo estranho, uma flôr de papel, nem sequer de seda, um artificio e como tal nocivissimo aos interesses da collectividade. Cuida de si, faz negociatas, vende-se a industriaes, explora o imposto, agrava de anno para anno o parasitismo que

entrevia e entrava o paiz, e atamanca as mais extravagantes, ineptas e absurdas leis que ainda se viram no mundo. Não é um corpo technico. Ninguém cae ali porque tem merito, e sim porque sabe entrar por baixo do panno, como os moleques em circo de cavallinhos — pelo suborno, pelo parentesco, pela subserviencia aos chefes ou pela eleição, isto é, pelo indice de papeluchos que uma gente ignara chamada eleitores leva a uma caixa chamada urna num dia chamado dia de eleição.

Não são os *aldermen* dos inglezes, velhos experientes; não são os *thanes*, homens que pelo merito se destacam no conceito publico; não são os *cleverest of our neighbours*, como os delegados da plebe ingleza. São negociastas ou titeres — e se não causam maior mal á nação é que têm o bom senso de, em quasi tudo, escravizarem-se servilmente a um *leader*, portador da voz do Chefe do Estado.

Em Hespanha a mesma cousa. Lá, como cá, foi o parlamento tomado da Inglaterra, por copia conforme.

E' artifício, é rosa de papel fincada num pé de cactus.

Primo de Rivera disse a grande verdade — para a Hespanha. Quem dirá entre nós a nossa grande verdade? Quando o instincto de conservação despertará no Brasil e o fará varrer com o artifício, com a rosa de papel de embrulho, para que surja a flor natural?

Nota. O tom deste artigo mostra como estava agudo o scepticismo em relação ao Congresso nos ultimos annos da Republica Velha. O Congresso não impunha o menor respeito e a grita geral tornara-se "varrer com aquillo"...

O perigo de voar

A insistencia com que foram acclamados no Pará os aviadores argentinos acabou por apavorar os pobres homens. O enthusiasmo da população de Vigia e outros logarejos transitados a pé pelos heroes aereos tornou-se asphyxiante — sobretudo vindo de mistura com o calor, que é lá um caso serio, e as nuvens de carapanans, caso seriissimo. Isto prova mais uma vez que o Brasil é bom para voar por cima, mas derrancador para icaros que põem pé em terra.

O Brasil admira a gritos, a discursos inflamados e abraços de quebrar ossos o homem que vôa. Está no sangue. Quando Dumont, depois da sua victoria em Paris, veio cá a passeio, tanto o maltrataram a marretações de rhetorica, discursos e vivas que elle regressou a Paris correndo, e a fazer cruzes. E mais tarde, se amigos lhe perguntavam porque não vinha ao Brasil matar saudades, respondia:

— Vontade não falta de ir respirar os ares patrios. Mas apavoram-me as manifestações!

Saccadura e Gago, idem. Foram massacrados pelo enthusiasmo popular, vindo um delles a fallecer em consequencia do traumatismo psychico. Tanto o vivaram e abraçaram que o homem

se desarranjou de nervos, perdeu o controle das faculdades e na primeira occasião em que voou foi a pique.

O Brasil ignora — e é natural visto como não lê cousa nenhuma — que a aviação já se tornou comezinha na America do Norte e nos grandes paizes europeus a ponto de industrializar-se como meio de transporte regular. Linhas normaes de aviões e aeronaves funcçionam ligando entre si cidades e capitaes com a mesma regularidade das estradas de ferro. De Berlim e New York, por exemplo, todas as manhãs a tantas horas partem avejões ou charutões sem que o publico dê ao facto maior importancia que á partida dos trens diarios. E á tarde chegam outros, no horario, como a cousa mais natural do mundo. Voar nesses paizes tornou-se, depois da guerra, uma forma de viajar perfeitamente equiparavel ao deslizar dos trens ou ao correr do automovel.

Mas nós aqui ignoramos isso, e quando um jornal qualquer traz noticia a respeito, dizendo que a empresa tal fez no anno tantas mil viagens com um infinitesimal zero virgula de accidente, rimo-nos da *piada*.

— Estes yankees, que bléfistas!

Não acreditamos, positivamente, e se um Sacadura, um Ramon, um Duggan passa por aqui, desconjuntamo-nos na epilepsia dos applausos, convencidos de que o homem é no minimo encantado.

Vem d'ahi a impossibilidade de estabelecer-se uma linha regular aerea no Brasil, entre Rio e S. Paulo, por exemplo. O enthusiasmo popular impediria o funcçionamento della. Ponhamos o

caso na Central. Imaginemos que a cada trem que parte de S. Paulo o povo se agglomerasse na estação para viver o machinista e o foguista, e aclamam-os como os reis do "rail", os Napoleões do apito, etc., e abraçam-os e coram-os de flores. E que ao chegar ao Rio o trem outra catadupa de delírio fosse de encontro a esses homens cansados e só desejosos de um bom banho e melhor cama. Seria possível que a Central continuasse a funcionar? Claro que não. Pois esse nosso entusiasmo pela aviação, que não arrefece nunca, impede-nos de ver adoptado aqui um meio de transporte já normal no velho mundo e na parte civilizada do novo.

Precisamos educar a nossa gente nesse sentido. Começar nas escolas a ensinar aos meninos que isto de voar não é novidade; que a guerra deu um tal empurrão ao invento de Dumont que hoje já se contam por dezenas de milheiros as machinas de voar em uso lá do outro lado do mundo onde ha dinheiro e civilização; e que a boa politica quando um aviador passa sobre nossas cabeças, ou aterra, é segurarmos o abraço incommodo e engulirmos os vivas que incoercivelmente nos sobem da tripa á bocca, pois isso é condição para que tambem aqui se aclime... a unica invenção brasileira.

Porque a continuar como vae o certo é os aviadores de "raids" sportivos riscarem o nosso paiz das suas rotas, ou espetar no Brasil dos mapas-mundis um alfinete com papeleta:

— Zona perigosa, assolada de cyclones de entusiasmo e trombas de rhetorica. Passar de largo, ou a 5 mil metros de altitude.

Quer Antonio Torres que Minas não está convencida de que D. Maria Primeira já morreu. Diz que todos lá a têm como ainda reinante na corte de Lisboa, sendo os Srs. Arthur Bernardes, Mello Vianna e outros simples criaturas de sua real nomeação.

Mas será só Minas que pensa assim? O Pará, o Piauí, a Bahia, o paiz todo não pensará do mesmo modo?

Tudo leva a crer que sim. Só S. Paulo sabe que a boa velha já não existe — e o sabe porque os milhares de immigrants que lhe chegam da Europa falam de Mussolini, Rivera, etc., e juram que em materia de rainhas Marias só ha hoje a da Rumania, que é linda.

Se houvesse um meio de convencer o paiz de que esses immigrants estão bem informados e sabem o que dizem...

Forças novas

Vem de S. Paulo um livro que vale pela mais pura revelação artistica destes ultimos tempos. "O Estrangeiro", de Plinio Salgado. E' menos que um romance. Dá a impressão duma grande obra cyclica, ao molde da "Comedia Humana", de Balzac; qualquer cousa como notas stenographadas com mão febril para ulterior desenvolvimento. E talvez por isso seja tão forte, tão nova a impressão que causa. A mesma que causaria a Comedia Humana se do estado de diluição analytica passasse ao de concentração synthetica num só volume.

Plinio Salgado consegue o milagre de abarcar todo o phenomeno paulista, o mais complexo do Brasil, talvez um dos mais curiosos do mundo inteiro, mettendo-o num quadro panoramico de pintor impressionista.

Que formidavel *steeple-chase* é São Paulo! Confluem para elle não só as incoerciveis energias do homem que arregaça as mangas na Italia, na Syria, na Allemanha, na Russia, no inferno e vem para a America vencer, como os elementos mais eugenicos de todos os Estados do Brasil. E refere a *curée* da terra roxa, em torno do Café, ouro-phenix de eterno rebrotar. O atropelado

rush ao Klondike repete-se. Faca nos dentes, musculos retesados e um grito só: Dinheiro!

Essa onda advena, arreitada de ambição, choca-se com os primeiros occupantes, os desbravadores já victoriosos, e deflagra o drama do *struggle* que Plinio Salgado traceja a espatuladas fulgurantes, com nababesco desperdicio de tintas raras. E, como sempre, vence o mais forte.

Nos Mondolfis descreve Salgado o cyclo ascendente dos colonos de boa cabeça e rijos no trabalho. Com rapidez passam da Hospedaria dos Immigrantes á riqueza e á direcção politica. Formam o amanhã de S. Paulo.

Ao lado delles, cyclo descendente, os Pantojos, familia antiga mas já dessorada das boas energias vitaes, morrem na curva da parabola. Pantojo vende aos Mondolfis suas terras e vae para São Paulo esbanjar em farras o dinheiro. Morre na penuria, com os filhos já a se diluirem na massa anonyma dos vencidos.

Zé Candinho, caboclo rijo de cerne, symboliza a velha guarda que se retira para o sertão mas não se rende. Vae continuar a obra dos seus maiores, néo-bandeirante que é, violador nato de terras virgens.

O professor Juvencio resiste crispado no seu nacionalismo de raciocinio, mas vae sendo posto de banda pelo terrivel parigato, como voz de echo impossivel na algazarra da refrega.

O major Feliciano representa a politica victoriosa, safadissima, toda em resumo no "vencer para gosar".

Eugenio Fortes, o poeta, figura o intellectua-lismo doentio, sem forças para a violencia da acção. Contempla e commenta, mas de palanque.

Ivan, um russo, constitue a figura central do livro. "Synthese de todos os personagens (diz o autor no prefacio onde eschematiza a obra), consciencia de todos os males. Acção norteadá por um realismo *a priori*, annullado por scepticismos crueis em face do utilitarismo ambiente e do preconceito esmagador. Plethora de personalidades contrastantes e incapazes".

Mas de nada valeria o bello eschema prefacial se o autor não introvertesse na realização da obra uma onda revolta de talento, e não a fizesse exactamente como fez, numa desordem procurada e sem preocupação de forma. De tontura em tontura segue o leitor pelo livro a dentro, empolgado pela força do estylo, que é unica e sem rival entre nós. Quadros ha pintados como os pintura Jupiter — a coriscos. A outros esboça o autor com tintas novas, ineditas na palheta academica, audaciosissimas.

Um chá dansante: "Na nuvem dourada do jazz, corpos brancos e macios enroscavam-se na empernada delicia das môrnas chamadas geitosas e discretas. Os roseos labios entreabertos e os olhos de ternura molhada adivinhavam premidas puberdades.

Mas os chás-dansantes, em geral, eram em beneficio de Santa Therezinha de Jesus"...

Mais uma transcripção que dê medida do seu impressionismo. Juvencio, o exasperado nacionalista, vae com seus alumnos em excursão ao salto do Avandava e leva comsigo os tres pa-

papagaios que dera de presente a Carmine Mondolfi e que tomara de novo. Que tomara porque tinham as aves aprendido o hymno fascista e outras italianidades. Queria, dentro da natureza selvagem, restaurar a brasilidade dos papagaios.

— “Vou cural-os no sertão”.

Mas foi inutil...

Uns caboclos de Santa Barbara acercaram-se, curiosos.

Os fords pinoteavam como cabritos na estrada pedrenta que furava a matta-virgem.

O Tieté tombou, de chofre, com ribombo e estilhas. Catadupa de ouro liquido. Piscina larga de muros a pique. E os papagaios de Carmine gritavam, roucos:

— *Giovinezza, giovinezza, primavera di bellezza!*

Uma grande arara gargalhou gostosa no alto de um ipê. Juvencio, de pé sobre a rocha, exclamou:

— Quem ri desta cachoeira? E voltando-se para os discipulos e caipiras amontoados:

— Vamos! E' algum de vocês capaz de rir-se desta cachoeira?

E explicou:

— Esta queda d'agua poderia fornecer força a muitas cidades, mover usinas, illuminar. Assim é o homem da nossa terra. No litoral desmancha-se em arroio, mas aqui é bruto e forte.

Agarrou então os papagaios — *giovinezza! giovinezza!* — e um por um os foi estrangulando e lançando á onda brava da catadupa. — Indignos todos os seres que falam como papagaios, sem pôr nas palavras a força e o calor da Terra!

Indignos os homens que falam com os labios e acabam transformando-se na insensibilidade dos phonographos”!

Todo o livro de Plinio Salgado é uma inaudita riqueza de novidades barbaras, sem metro, sem verniz, sem lixa academica — só força, a força pura inda não enfiada em fios de cobre das grandes cataratas brutas.

Não cabe nesta pagina o muito que ha a dizer de livro tão forte e novo.

Nella fique, pois, apenas um brado de enthusiasmo pelo “algo nuevo” que vem de revelar-se ao paiz. Já tardava que São Paulo, terra de prodigios, dêsse da sua uberdade mental tão saboroso fructo. Plinio Salgado é uma força nova com a qual o paiz tem que contar.

“Em pleno sonho”

Outr’ora, no Brasil de anquinhas, ser poetiza era suspirar. Viera a moda do reino. “Desde 1848 a 1866, diz Camillo, contavam-se por duzias as cantoras que em Portugal poisavam gorgeando nos periodicos do tempo, com grande riqueza de charadas e muitissimos *Suspiros* dignos dos circulos mais lacrimosos do Dante”. Assim, mulheres lá, cá homens e mulheres — todos suspiravam de cortar o coração, quando a musa lhes tumescia o estro.

Hoje, tudo mudou. Se ha suspiros é em casa das doceiras: clara d’ovo batida com assucar e assada em pingões ao forno.

Suspiro poetico, arrancado do imo d’alma, á força de contracções do diaphragma e sibilo de nariz, isso morreu, sahiu da moda, acabou. E é pena. Se não tinha graça num marmanjão de cabelleira que morria hetico aos 20 annos, tinha-a demais nas representantes do sexo hoje ex-fragil, cujos corações não eram consultados nem para o negocio supremo das suas vidinhas: casar.

A poetiza de hoje emparelhou-se com o poeta moderno. E assim como este perdeu a cabelleira, a caspa, as attitudes fataes, e veste-se, come, bebe e lava-se como todo o mundo, assim

tambem a poetiza desfatalizou-se e não ha mais discernil-as á janella pelo negror das olheiras, nem á noite pelo modo canino de ferrar o olho na lua.

Compuzeram-se. Alçapremaram-se a nivel superior. Emparelharam-se ás demais criaturas finas de elegancia mental, distincção e sobriedade de maneiras.

Quem lê uma Francisca Julia tem a impressão duma eleita da linha, no character e na mentalidade.

Gilka Machado dá a sensação nobre de quem está afeita a partir crystaes com martelo de ouro.

Albertina Bertha documenta a capacidade feminina para vôos elegantes sobre cumeadas alpestres onde esvoaçam d'Anuunzios.

E agora Maria Eugenia Celso revela em livro a maneira galharda com que neta e filha podem empunhar um sceptro de nobreza moral legado pelo avô, e uma penna refulgente que inda maneja o pae.

Nem resquicio da poetiza á antiga, aves comicas que "poisavam gorgeando nos periodicos do tempo". Mas a criatura de fina sensibilidade e larga cultura, de nobilissimo character e suave equilibrio, á qual apraz traduzir em versos os mais subteis estados d'alma.

Surge em campo com um livro — *Em pleno sonho* — carruagem da rainha Mab que permite ao leitor um passeio inesquecivel através duma alma. Passear pelas alamedas duma alma!

Pervagar, virgilinamente, pelo jardim das suas impressões, descortinando paisagens psy-

chologicas, florestas palpitantes de anseios, riquíssima de tons emotivos!...

Prazer de encanto redobrado quando nos conduz mão de mulher. Abençoados os livros assim — cartões de ingresso permanente á nobre intimidade das almas encantadoras.

Sentir taes livros, sentem-no todos: é questão apenas de pertencer ao genero *homo*. Já criticar, só os criticos. Fale pois o critico. Venha um, com sua maleta de cirurgião, seus instrumentos de dissecar, seu olho de lynce. Tome o livro; submeta-o á autopsia; desarticule-o; pese; meça; córte; prove; cheire, apalpe e fale. O operador é moço. Tem nariz adunco e olhos cansados da muita leitura. Incuba em si um despota de amanhã. As nossas letras hão de curvar-se á sua fécula como se curvaram as francezas ao bôlo de La Harpe. Vae abrir a bocca. Tosse, pigarrea e diz assim:

— “E’ a critica a manifestação de arte que mais reformas tem soffrido em seus processos. Os estalões estheticos”...

— Não poderá o amigo saltar por cima desse nariz e ferrar logo o assumpto?

— “Paciencia. Sómente Rodin atrevia-se a esculpir corpos sem cabeça. Comecemos do principio. Os estalões estheticos, aferidores da obra d’arte, por mais firmes que pareçam em certas épocas, soffrem constantes reformas. Guerrilhadados sem dó nem folga pelos iconoclastas, caem os padrões como caem os idolos. E poucos vingam transpôr o tempo que medeia entre uma geração de idéas e outra. Ha, entretanto, idéas que sobrenadam e resistem ás mais rudes provas. Dou

um exemplo com a idéa de que em toda a obra d'arte a parte do sentimento é sempre maior que a parte puramente pensada. Disfarcem-no como o quizerem, humilhem-no á lamuria, dilatem-no á revolta, subjuguem-no á logica: elle subsiste e predomina”.

— Até ahí...

— “Espere. Em face dessa verificação força é convir que as mulheres são mais artistas que os homens, devendo, portanto, ser femininos os typos mais superiormente representativos da arte. A conclusão é logica”.

— Mas não tem sido verdadeira.

— “Perfeitamente. A causa dessa anormalidade, desse contrasenso residirá talvez no proprio excesso de sensibilidade muliebre, que redundaria assim numa sensível quebra de equilibrio esthetico e numa consequente, não direi incapacidade, mas inadaptabilidade de poder de expressão artistica”.

— Perfeitamente. Puxe, agora o “mas”...

— “Mas ha casos em contrario. Neste livro, por exemplo, noto o milagre de conjugar-se o poeta com a mulher, isto é, noto um caso onde coexistem extrema sensibilidade feminina e forte poder de expressão artistica.

Toda a poesia não passa duma confissão do que vae de anseios, torturas, desejos, fremitos e volições na alma do poeta. E esta nova poetiza sabe ajoelhar-se ao confessorio da Poetica e ir desfiando aos nossos olhos o rosario inteiro das vibrações emotivas de sua vida de moça: — seus sonhos. Já nos versos liminares declara que não fará senão confessar-se. E pelo livro a dentro

confessa-se. Sua alma é candida e ardente. Dahi o tom pessoal e subjectivo da sua arte, a ternura repassada de nostalgicas tristezas que não chegam até o pessimismo. Isso ennubla o livro na deliciosa névoa de melancholia e suavidade que lhe dá ambiente.

Sincera, seus versos brotam limpidos, duma fonte sempre feminina, sempre despida da preocupação de mascarar o proprio temperamento á força de preciosismos, attitudes de escola ou arrebiques falsos, tão do agrado do sexo.

Divide-se o livro em duas partes: *Devaneios e Aquarellas e Sonho Interior*. Se para intitular a primeira houvesse escolhido o titulo de Th. Gautier, não teria errado. São essas composições pequenos esmaltes de muito brilho e lindos camafeus de acabado lavor. As mesmas qualidades de factura caracterizam-nos a todos. Finura de lavor, desembaraço, vivacidade, elegancia nos recórtés, riqueza de filigranas e em muitos delles grande pureza de traços.

E' uma estreante. Por isso surprehende-nos umas tantas medalhas de ouro vivo, cunhadas dum golpe — desses golpes de que só têm o segredo os velhos ourives de mão trenada.

Cito *O Cypreste, Crepusculo, o Ruço, Os bambús, Canção do rio na serra*. E cito *Musmé*, que se me revela aparentada na familia dos camafeus de Heredia".

— Parentesco proximo, ou...

— "Parentesco em primeiro grau. Nas baladas quero ver quasi um genero seu dilecto, um tanto influenciadas algumas por mestre Rostand.

Todas revelam riqueza de expressão, de côr e rythmo.

Sonho Interior é, como em toda obra lyrica, a confissão do amor. Genero escorregadio, hoje. Tropeçam nelle até mestres, taes exigencias lhe impõe o saturado paladar moderno. Se o poeta não possui um finissimo senso do equilibrio, ai delle! ou cae na pieguice ou rola pela rampa do ridiculo. E por esse motivo o lyrismo constitue hoje a prova suprema, a que o poeta só vence á força de tacto e senso da medida. Ainda este passo, vence-o a sra. Maria Eugenia Celso com grande desembaraço. Revela-se artista segurissima ao serviço de valente psychologa. Destaco a poesia *Antes do Amor*. Devaneio de todas as moças na época em que deliram sob a pressão torturante do amor, estado d'alma por que todas passam, ella o interpreta com extrema habilidade

*"E penso em ti, desconhecido amante,
"abro-te os braços sem saber porque"...*

Esta composição é um poema de sinceridade e de verdade psychologica, e está burilado com summa elegancia. Aliás é a elegancia uma das melhores características deste livro encantador".

— Donde conclues...

— ..."que temos no campo das letras uma poetiza nova de singular valor pessoal, bastante para imprimir aos seus versos um cunho inconfundivel e universal, o sufficiente para fixar o sonho vago dum milhão de criaturas".

Parou ahi o critico, para tomar folego e concertar o pigarro. Que prazer demonstram elles

depois que anatomizam um livro, jogando com o tal arsenal de chavões revelhos que applicam a todos os casos concretos! Alguem, entretanto, torceu o nariz ao La Harpe.

— Terás razão. Espetaste na tala de cortiça, com o teu alfinete de entomologo, uma linda borboleta azul. Mas perdôa-me. Eu cá me fico a pensar que não homenagêa em nada a um poeta a autopsia da sua arte, como nada de bem faz á borboleta o alfinete espetado e o latim classificatorio em baixo. O que vale, a um e a outra, é ouvir ao passante que o lê ou a vê exclamações simples como esta:

— Inda ha bellas cousas na vida!

E esta homenagem rendem ao livro de d. Maria Eugenia, todos quantos abrem uma pausa no torvelim da vida, para nelle repousar o espirito durante uma boa hora.

A i n f l u e n c i a a m e r i c a n a

Havia em Roma um *bull-dog* de mau focinho, aggressivo e avarento, mais venenoso e azedo que o proprio sal de azedas: Marco Porcio Catão.

Essa famosa bisca só sabia rosnar, resingar e morder. Nenhum sentimento generoso encontrava guarida em su'alma de acido citrico. Seus conselhos reviam acidez. "Não emprestar dinheiro ou cousa que o valha a ninguem. Aos escravos inutilizados por doença ou velhice, vender a peso, como cacos velhos".

Foi a Carthago, viu rica e florescente a metropole africana e logo remordeu-se por dentro, como a cobra do odio e da inveja. E veio com um absesso que o empolgou pelo resto da vida: E' preciso destruir Carthago. Nunca mais fez um discurso sem fechal-o com o estribilho sinistro: *Delenda quoque Carthago*.

Nomeado censor, teve o mel cahido na sopa, e o *bull-dog* poude emfim rosnar, morder gososamente. E passou a estragar, a azedar a vida dos seus contemporaneos sob pretexto de refrear a corrupção e forçal-os á volta aos bons costumes antigos.

A simplicidade de costumes desse homem, entretanto, explicava-se pela sordidez de sua avareza, que ia a ponto de auferir lucro até da cohabitação dos seus escravos com as respectivas esposas. Não podiam unir-se sem pagar uma taxa de licença...

Catão deixou semente, a qual vem pelo tempo afóra expluindo em catões minúsculos, todos ao molde da matriz romana — igualmente azedos, mordentes e de coração substituído pelo figado engurgitado de mau fel.

Mas Catão e sua descendencia caracterizam-se por uma cousa muito simples: incompreensão. Como não comprehendem, condemnam. Quem comprehende sorri, como Anatole France.

O grande erro dessa casta de homens é confundir corrupção com evolução. Condemnam as fórmulas novas de vida, que se vão determinando em consequencia do natural progresso humano, em nome das fórmulas revelhas. Logicamente, para elles, o homem é a corrupção do macaco; o automovel é a corrupção do carro de boi; o telephone é a corrupção do moço de recados.

Conheço um que não cessa de catonizar contra os Estados Unidos e sua nefasta influencia na vida brasileira. Isto aqui seria o paraíso terreal se não fôra o *yankee* com a sua penetração irresistivel, diz elle. O paiz vae mal, a machina administrativa não funciona, o povo não enriquece, não aprende a ler, não tem justiça, etc., tudo graças á influencia americana. Rolamos por um despenhadeiro porque o americano nos empurra.

No dia em que m'o apresentaram estava elle num *bar* a sorver regaladamente um *ice cream soda*, muito bem posto dentro de um terno de *Palm Beach*. Viera da Tijuca de bonde, estivera no escriptorio a dictar cartas á dactylographa, tinha falado tres vezes ao telephone e dado um pulo ao Leblon, numa Buick de praça, para concluir um negocio. Depois do *ice* iria ao Capitolio ver a Gloria Swanson na *Folia*.

O *ice* refrescou-lhe as tripas; o terno de *Palm* tornava-lhe supportavel o peso do calor; o bonde o trouxera da Tijuca em trinta minutos por tres tostões; as cartas feitas numa Remington impediram que sua má letra fosse dar origem a atrapalhções commerciaes; as telephonadas pouparam-lhe uma trabalhadeira insana; a Buick permittiu-lhe voar ao Leblon agradavelmente em minutos; o cinema ia fechar o seu dia com uma complexa e delectosa impressão de arte e belleza.

Sem a influencia do norte-americano esse homem teria de vir da Tijuca a pé, a cavallo ou de carro de boi. Gastaria tres horas e chegaria escangalhado. Sem o americano consumiria elle tres horas no minimo para fazer o que fez com as telephonadas. Sem o americano teria de gastar seis horas para ir e vir do Leblon, se não morresse pelo caminho de insolação. Sem o americano teria de escrever á unha suas cartas, com poucas probabilidades de se fazer entendido no seu aranhol de gatafunhos. E se acaso depois de tamanha trabalhadeira inda lhe restassem forças para tomar uma hora de theatro, sem o americano teria elle de ir ver sua beijuda e morrinhenta cozinheira a figurar de "estrella negra" no Largo

do Rocio, em vez de maravilhar-se com o encanto da sereia de olhos de gata, que é a Gloria Swanson.

Catão malsina justamente das unicas cousas que se salvam nesta terra, todas devidas á influencia norte-americana. Se a cidade funciona, isso o deve ao engenho do povo que lhe deu o presente maximo: a velocidade. A velocidade no transporte da carga, a velocidade no transporte do pensamento. E que lhe dá, com os maravilhosos espectaculos da arte muda, uma lição de moral que, se fôra seguida, tiraria ao Rio o seu aspecto de açougue do crime passional. O cinema americano ensina o perdão...

Entretanto, cada vez que o nosso censor debatera contra a influencia americana, os basbaques, com preguiça de pensar, murmuram em côro:

— E' mesmol

K r i s h n a m u r t i

As religiões nascem, crescem, esclerosam-se e morrem. E' ridiculo dizer isto, porque o proprio dos truismos é se tornarem ridiculos á força de evidencia.

No entanto, ao nascerem, taes truismos provocam espanto e suscitam a mais cruel repulsa por parte das verdades de cabellos brancos, bem installadas no officialismo.

Os exemplos classicos destas verdades que viram axiomas — hontem timidas revoltosas, amanhã ferozes legalistas, são tambem ridiculos. Tornaram-se ridiculos á força de repetição, como acontece com as arias celebres, a "La donna é mobile", por exemplo, que não perdeu a belleza, mas cansou. Por isso deixo de citar o caso de Galileu ás voltas com a policia censora da época, firmissima na verdade official do sol em rodopios á volta da terra.

Ora, pois, as religiões nascem e como nascem, crescem, salvo quando nascem mortas. E, como crescem, attingem a maturidade, encruam na arterio-esclerose do officialismo e acabam agonizando ás mãos de debeis religiões meninas.

Erro pensar que é a sciencia que mata uma religião. Só pode com ella, outra religião.

Um periodo da Historia sobremodo interessante ao estudioso occidental é o do choque entre o christianismo revoltoso e a legalidade pagã. Como abundam documentos que reflectem a mentalidade greco-romana durante o longo periodo do choque, facil se nos torna a apprehensão do quadro.

Luciano de Samosata, por exemplo, denuncia em innumerous dialogos como estava combalida a crença nos deuses olympicos, um seculo antes de Christo.

No "Jupiter-Tragico" esse Voltaire syrio tem lanços de humor que lembram Mark-Twain ou Bernardo Shaw.

Travara-se na terra, em presença de numerosa assembléa, uma disputa entre o stoico Timocles e o epicurista Damis. O stoico defendia os deuses e Damis os negava.

A disputa correu animadissima e acabou interrompendo-se no meio para ser decidida no dia seguinte. Como, entretanto, a assistencia se retirasse inclinada para Damis, o Olympo assustou-se e Jove amarrou o burro. Vem Juno e indaga da causa da divina zanga. Teria acaso a Terra partejado novos gigantes que, á imitação dos Titans, pretendessem escalar o céu?

— Nada disso, cousa muito peor! diz Jupiter. Estão lá embaixo, os homens, travados numa disputa de cujo desfecho depende a estabilidade do Olympo. Se sae vencedor Damis, ai de nós!...

O caso foi tido como dos mais serios, e Jove resolveu convocar todos os deuses para que, "de-

bruçados na amplidão”, acompanhassem os debates e “torcessem” pelo paladino da boa causa.

Assim se fez. Quando, porém, os dois disputantes novamente se enfrentaram, um arrepio de presentimento perpassou, gelido, pela espinha de Jupiter.

— Timocles parece-me tremulo e perturbado. Vae estragar tudo. Já vi pela cara que não pode medir-se com Damis.

E os deuses, em desespero de causa, põem-se a rezar pela victoria do campeão...

Começa a disputa. Jupiter manda que as Horas arredem umas nuvens que lhe estão tapando a vista.

Trava-se o duello de argumentos. Damis leva o outro á parede, “dá-lhe na cabeça”, como se diria hoje, e a assistencia percebe que em poucos “rounds” estará Timocles nocaute.

Em certo ponto o stoico puxa um argumento espadagão: o facto de serem deistas todos os povos. Damis responde com o anthropomorphismo e toda a bicharia ou natureza deificada: no Egypto o boi, na Assyria a pomba, na Ethiopia o dia, na Persia a agua, na Pelusia a cebola, em outros paizes o gato, o ibis, o cynocephalo, o crocodilo, etc.

O deus Momus dá um aparte inquieto:

— Eu não disse, Jupiter, que os homens ainda acabavam descobrindo isso?

Jupiter, geitoso, socega-o:

— Tens razão, mas havemos de dar um geito no caso.

A causa dos deuses era positivamente insustentavel depois do rapto de Ganymedes e ou-

tros escandalos olympicos, e Timocles, falto de argumentos, resolve fazer como os Timocles de todas as épocas: insultar o contendor e apedrejal-o. E atira-lhe em rosto um vocabulario muito nosso conhecido: infame, desenterrador de cadaveres, esterco immundo, filho das hervas, adultero, "cocu", monstro de impudicicia, etc.

Os deuses regosijam-se com a "derrota" de Damis; Jupiter, entretanto, scisma:

— E', mas eu preferia ter do meu lado um Damis a dez mil apedrejadores...

Em toda a obra de Luciano o que se vê é a inquietação dos deuses em face dos progressos do epicurismo, isto é, do livre exame.

Estavam as cousas da legalidade religiosa nesse pé quando irrompe a revolta de Christo.

O choque foi tremendo e a repressão feroz. Mas se a repressão esmaga o que resiste, nada pode contra o que não resiste. E' o caso da bala que espedaça a pedra, mas morre de encontro ao sacco cheio de paina.

A religião revoltosa venceu, enthronizou-se, fez-se legalidade, assumiu o sceptro de unica verdadeira e passou com o tempo de ingenua menina a moça bellicosa, e de moça a matrona inimiga de novidades. Por estas alturas é que costuma sobrevir a arterio-esclerose. Os musculos emperram, as articulações endurecem, as veias calcificam-se. Em materia de religião isto equivale a dizer que a religião se "igrejifica", e ao invés de convencer acha mais commodo impôr uma rigida disciplina partidaria. E' a phase do Crê imperativo e absoluto, prenuncio de que o terreno está apto para o advento de uma religião nova.

Assistimos hoje ao bello phenomeno do choque de uma religião velha com uma religião nascente, em estado de nebulosa ainda, muito vaga e tacteante, mas perfeitamente perceptivel em suas linhas geraes. E' o espiritismo.

Ninguém mais de boa fé, nem sequer a sciencia positiva, nega as manifestações do que Crooks chama "força psychica". E como tudo leva a crer que essa força cresce na humanidade e cada dia que se passa mais amplia as suas manifestações, o homem volta-se para ella e inconscientemente a vae ordenando em religião.

Surgem "verdades", crystallizam-se dogmas, uma moral viva e praticante vae-se codificando emquanto cresce prodigiosamente o numero dos adeptos. Inutilmente a religião velha guerreia a nova, e de todos os seus baluartes lhe despeja em cima obuzes anathematizantes. Inutilmente a sciencia positiva, cansada de negar os phenomenos, resolve-se a estudal-os declarando de ante-mão que nada ha sobrenatural nesse psychismo.

A religião nova, em estado cosmico, segue o seu curso, indifferente á negação ou á analyse. Já tem fanaticos, e terá martyres se a antagonista conseguir reacender suas fogueiras depuradoras.

Depois do espantoso abalo mental que soffreu o mundo com a guerra, e por influxo da formidavel injeção de espiritos frescos com que a hecatombe enriqueceu o intermundio astral, o espiritismo ganhou um avanço enorme.

Reflexo disso temos na imprensa. Todos os jornaes abrem secções permanente ás cousas do espiritismo, ao lado das secções consagradas á religião velha.

E os que o não fizeram ainda fal-o-ão amanhã, por injunções da clientela. Editores surgem, especializados em livros espiritas — e prosperam grandemente, num paiz de editores ou falidos ou queixosos. Grandes nomes nas letras e nas sciencias passam-se com estrondo para os novos arraiaes. O espiritismo já não é um riacho. Tem tudo da onda que rola.

Para os sectarios da religião anciã é isso um mal horrivel. Para o philosopho não é bem nem mal. E' apenas um facto. E um facto muito logico do espirito humano.

Que é que determina o surto de uma religião? A afflicção humana. A pobre humanidade soffredora — e soffre 99% da humanidade — para allivio dos seus males, appella para o céo. As formas desse appello chamam-se religiões, e perduram enquanto funccionam como balsamo minorador da humana angustia.

Quando deixam de o fazer, os soffredores, cheios de inquietação, agitam-se em procura de uma forma nova. E esta mata aquella.

Estamos em pleno periodo de entrechoque de duas formas de appello ao incognoscivel. Quanto tempo durará elle? Cem, duzentos annos? O futuro o dirá. O presente só diz que a luta está travada.

E que diz o passado, por meio de suas ferreas lições? Diz que sempre vence a forma que “promette mais”. Ora, uma nos deu a immortalidade da alma, com o paraíso para a alma dos bons legalistas e o inferno para a opposição. A outra dá-nos o paraíso perto de nós; deixa-nos as almas dos entes queridos ao alcance do nosso espirito; podemos ouvil-as, receber seus conselhos, vel-as

em certos casos. Não é isso o “mais” que vae decidir da victoria? Foi muito sabermos que as almas dos mortos não acabavam com o corpo; mas é muitissimo tel-as á mão, consultaveis e mane-javeis.

O homem não se conforma com a morte. Teima em não morrer. Aferra-se a todos os meios de sobrevivencia, inclusive a immortalidade academica. Mas já se não contenta com a immortalidade dogmatica, sem prova provada. O espi-ritismo será a religião de amanhã porque “prova” a sobrevivencia.

E tudo se precipita, no choque entre as duas religiões, para uma batalha de Waterloo, das decisivas.

No fundo da India, eterno ninho de religiões, um messias vem sendo criado a preceito para o grande embate. Iniciou-o Annie Besant, essa mulher-força, talvez a que mais tem influenciado cerebros de quantas mulheres appareceram no mundo a partir de Eva.

Chama-se Krishnamurti, o eleito da luz nova, e seu campo de acção vae ser immenso; abrangerá desta vez todo o mundo buddhista e todo o mundo christão.

A moral da religião nova, provisoriamente denominada espirita, participará das duas mais bellas moraes existentes, a de Buddha e a de Jesus, ecletismo que a fará superior a ambas.

Quem viver verá... e verá um dia o Krishna-murtismo victorioso esclerosar-se em igreja, e por sua vez morrer contrabatido por uma religião que ainda prometta mais — e só poderá ser a que prometta a suppressão da morte.

O “Conto do Petroleo”

O “Globo”, do Rio, publicou uma reportagem sobre a excursão feita pelos accionistas da Cia. Petroleos do Brasil ás margens do Araquá, onde essa empresa está perfurando um poço de petroleo. Ao lado da noticia o vespertino carioca inseria comentarios recordando a opinião sobre as nossas companhias de petroleo, dada áquella folha pela maior autoridade official do Brasil — o sr. Euzebio de Oliveira, director do Serviço Geologico Federal. “Conforme frisamos então, diz o “Globo”, esse technico não teve duvidas em classificar as iniciativas desse genero entre nós como identicas aos celebres “contos do petroleo” muito communs na America do Norte, onde se improvisam e se desfazem grandes companhias para devorar não menores capitaes de accionistas incautos”.

Realmente, o sr. Euzebio tem razão. O que andamos a organziar, nós, os petroleiros do Brasil, não passa do velho “conto do petroleo”, conhecido no mundo inteiro tanto quanto por aqui o “conto do vigario”.

Nos Estados Unidos o “conto do petroleo”, consistente em attrahir dinheiro de accionistas bobos para perfurar o chão, começou a ser praticado muito cedo, logo depois da descoberta do petroleo

na Pennsylvania — e a consequencia foi que com o dinheiro assim tomado ao publico os piratas abriram até hoje nada menos de um milhão de poços, dos quaes jorrou, até a presente data, a brincadeira de 15 billiões de barris, no valor de 22 billiões e meio de dollares. Ao cambio azul do Banco do Brasil isso corresponde a 292 milhões de contos de réis.

Graças á expertise desses “contistas”, o “otario” americano, que “cahiu” com o dinheiro para as perfurações, beneficiou-se com uma somma equivalente a varias vezes a riqueza nacional do Brasil —apesar de ser apenas uma parte do que essa materia prima rendeu depois de desdobrada, pela refinação, na série de productos sob cuja fórmula entra no commercio.

Para melhor realçar o phantastico desenvolvimento que tomou o “conto do petroleo” nos Estados Unidos, aqui pomos os algarismos referentes aos annos de 1929, 1930 e 1931. Unicamente nesse triennio o “celebre conto” fez resultar uma producção de 2.761.323.000 barris, no valor, ao pé dos poços, de 54 milhões de contos de réis — ao cambio azul...

Em vista do excepcional successo do “conto do petroleo” entre os yankees, outros paizes da America principiaram a sentir coceiras, e a pedir pelo amor de Deus, que os expertalhões fossem operar em seus territorios. E os resultados da pirataria insigne não foram menores.

No Mexico, só nesse triennio, o “conto do petroleo” deu como resultado a extracção de 118 milhões de barris. O “otario” mexicano hoje esfrega as mãos e olha com muita ternura para os “contistas” que o enriqueceram.

Na Venezuela os “contistas” conseguiram perfurar poços em numero sufficiente para, nesse triennio, jorrarem 394 milhões de barris. O “otario” venezuelano tambem esfrega as mãos e lambe as unhas, sorridente.

A Colombia quiz logo entrar no bolo. Abriu a bolsa aos “contistas” e obteve em igual periodo uma producção de 60 milhões de barris. Optimo! exclamou o “otario” colombiano, piscando o olho.

Depois veio o Peru’. Quiz da mesma fórma ser “tungado” pelos “contistas do petroleo” — e conseguiu, no triennio em causa, arrancar ao seu subsolo 37 milhões de barris do precioso liquido. Magnifico! grugulejou o Perú, de papo cheio.

Lá em cima, a pequena ilha de Trinidad, invejosa, deixou que os “contistas” viessem operar em seu exíguo territorio — e obteve, nesses tres annos, a ninharia de 4.600.000 barris. Serviu, serviu...

O Canadá, afflicto, chegou a importar da terra de Tio Sam habeis “contistas” — e graças a elles poudé, nesse periodo, extrahir do solo 4.300.000 barris. O rei Jorge, lá em Londres, congratula-se comsigo mesmo.

A Bolivia deixou de puritanismo e entrou no jogo. Está hoje, graças ao “conto”, com os seus “otarios” rejubilantes.

A Argentina foi nas aguas dos demais. Importou “contistas” e deixou que operassem livremente os “contistas creolos”; tomou muito capital de accionistas incautos e já perfurou 1.600 poços, dos quaes, só no periodo acima, obteve 28.300.000 barris, quasi o bastanté para o consumo nacional. Está tambem, essa nossa vizinha, satisfeitissima com ser “otaria” de tal “conto”. Abençôa-o.

Como se vê, na quasi totalidade absoluta dos paizes das tres Americas o “conto do petroleo” deu os melhores resultados, sendo que num delles, os Estados Unidos, contribuiu com altissima quota para fazel-o mais rico e poderoso paiz do mundo.

Emquanto todos esses paizes deixavam que os expertalhões applicassem livremente o fecundissimo “conto do petroleo”, consistente em tirar dinheiro de accionistas incautos afim de perfurar a terra, aqui neste Brasil de immenso territorio, por si só quasi metade da America do Sul, ficamos todos nós — quarenta milhões de bobos — assistindo, de bocca aberta, á comica applicação do “conto do Euzebio”.

Em que consiste? Em applicar annualmente uma verba de 2 ou 3 mil contos “na demonstração de que não ha petroleo no Brasil” e na barragem systematica dos “contistas do petroleo”. Com esse dinheiro extorquido ao povo sob fórmula de impostos dolosos, Euzebio diverte-se abrindo buracos de tatú nas zonas mais indicadas e dizendo: “Não ha petroleo; vocês estão vendo que não ha petroleo”. E se acaso um desses buraquinhos de tatú atreve-se a dar indicios indiscretos de petroleo proximo, baforando gaz, Euzebio, furioso com a irreverencia, tapa-lhe a bocca com cimento...

Nem fura, nem deixa furar — é sua politica geologica.

A desgraça do Brasil e sua derrocada financeira decorrem em grande parte disso — de Euzebio, o Todo-Poderoso, não deixar que se applique aqui o “conto ”que está a enriquecer “todos” os paizes da America. Mal um grupo de “contistas” se reúne para apanhar dinheiro do publico

afim de perfurar (meio unico que se conhece de tirar petroleo), o Cérbero de cócaras no pico do Serviço Geologico dá o grito dos gansos do Capitolio e em entrevistas aos jornaes previne os possiveis “otarios” contra a “marosca”. “No Brasil não ha petroleo, diz elle. Eu, que sou omnisciente, sei disso. Deus, o Supremo Architecto das Anticlinaes e Synclinaes, informou-me em nota confidencial”. E o “conto” falha.

Quando o dr. Romero veio ao Brasil, contratado por uma companhia que se formou especialmente para fazer uso do seu apparelho indicador de oleo e gaz, o Jupiter Tonante do Hydrocarbureto trovejou do alto da sua pilha de tamancos: “Mystificação! Ignoro tudo a respeito desse tal apparelho — mas é uma guitarra. Adivinho-o. Eu, eu, eu, eu, o Grande, o Infallivel Euzebio, o juro de mãos postas sobre uma camada do Devoneano”.

Mas apesar do escabujamento delphico da Vestal Hydrocarburica, firmissima no seu dogma de NÃO HA PETROLEO NO BRASIL, accionistas incautos appareceram, e quatro companhias applicadoras do “conto” estão hoje a pefurar o solo com resultados já bastante promissores.

Mas Euzebio tem razão. O que essas companhias fazem no Brasil não passa de tirar dinheiro de accionistas incautos para perfurar a terra. Logo, “conto do petroleo” perfeitamente caracterizado, do legitimo, do que foi tão intensamente praticado na America do Norte. Sua maldade, porém, esconde o resto, e elle “esquece” de accentuar que justamente por ter sido já commummissimo esse genero de “conto” é que Tio Sam conseguiu abrir um milhão de poços e tirar de dentro delles o “big

stock” com que mantém a sua hegemonia do mundo. Se tivesse havido em Washington uma Vestal Anticlinica ao typo da nossa, com sufficiente prestigio official para impedir a intensa applicação do “conto do petroleo”, os Estados Unidos da America estariam hoje no mesmo pé dos Estados Unidos do Brasil — na miseria, com o serviço da divida externa suspenso pela quarta vez, sem isca de credito e forçado a sangrar-se fundo no bolso para a aquisição no exterior dum combustivel basico que toda a America retira do seu subsolo.

Ha treze annos que este senhor Euzebio mantem o Brasil no regime puritano do “dar para traz no conto do petroleo”, impedindo assim, com a sua immensa autoridade de Iluminando-que-sabe-o-que-está-escondido-lá-no-fundo-da-terra, a fecundissima applicação do “conto do petroleo”. Graças á sua heroica resistencia contra os piratas petroliferos, o pobre e surrado Brasil teve, só nesse periodo, de despende 4 ou 5 milhões de contos para a compra do que já devia estar produzindo e exportando.

Por que, santo Deus? Qual o segredo da furia euzebiana contra todos os que se atrevem a perfurar — isto é, “a fazer aqui o que no mundo inteiro se faz para descobrir petroleo?”

Muito simples. Euzebio dirige a seu bel prazer, e sem controle, uma gorda verba para “investigações de petroleo”, com a qual vae abrindo os seus buracos de tatú e orientando a campanha contra os “contistas”. Se vier petroleo, raciocina elle, não vem para mim — e a verba some-se do orçamento. Ora, entre o Brasil ficar com petro-

leo e eu sem verba, todo seria se vacillasse. A verba é uma realidade; o petroleo é uma hypothese. Viva quem quizer de hypotheses; eu vivo de realidades.

E' este o "conto do Euzebio".

I n d i c e

Prefacio	5
Manuelita Rosas	9
O primeiro livro sobre o Brasil	29
Paiz de tavolagem	41
O hippogrypho	49
Fala Jove	55
Uma opinião de M. Jérôme Coignard	61
Bacillus virgula	69
Idéas Russas	75
Doloi stid	81
O Drama do Brio	87
Literatura de carcere	93
Novo Gulliver	99
O pateo dos milagres	105
Vatel	111
O nosso Dualismo	117
Heroe nacional	125
A feminina	131
O bocejo de leôa	137
Catullo — voz da terra	143
Justiça Oxygenada	147
As cinco pucellas	155
A moda futura	159
Plagio post-mortem	165

Amigos do Brasil	171
O inimigo	175
A rosa artificial	181
O perigo de voar	185
Forças novas	189
"Em pleno sonho"	195
A influencia americana	203
Krishnamurti	207

Este livro foi composto e impresso nas Offi-
nas da Empreza Graphica da "Revista dos Tri-
bunaes", em São Paulo, para a Companhia
Editora Nacional, Rua dos Gusmões, 26-28-30,
em Outubro de 1933.

ULTIMAS EDIÇÕES DA
Companhia Editora Nacional
 RUA DOS GUSMÕES, 26 a 30 - SÃO PAULO

LITERATURA:

AFRANIO PEIXOTO:	Br.	Enc.
FRUTA DO MATO	6\$000	8\$000
UMA MULHER COMO AS OUTRAS	6\$000	8\$000
MARIO SETTE:		
SEU CANDINHO DA PHARMACIA	5\$000	7\$000
MONTEIRO LOBATO:		
NA ANTEVESPERA	5\$000	7\$000

COLLECÇÃO BRASILIANA:

VISCONDE DE TAUNAY:		
PEDRO II	6\$000	8\$000
AFFONSO E. DE TAUNAY:		
VISITANTES DO BRASIL COLONIAL	6\$000	8\$000
ALBERTO DE FARIA:		
MAUA'	10\$000	12\$000
E. ROQUETTE. PINTO:		
ENSAIOS DE ANTHROPOLOGIA BRASI- LIANA	6\$000	8\$000

PEDAGOGIA:

DELGADO DE CARVALHO:		
SOCIOLOGIA EDUCACIONAL	10\$000	12\$000

LITERATURA INFANTIL:

MONTEIRO LOBATO:		
HISTORIA DO MUNDO PARA AS CRIAN- ÇAS		Cart. 10\$000
AS CAÇADAS DE PEDRINHO		7\$000
C. COLLODI:		
PINOCCHIO		7\$000
LEWIS CARROLL:		
ALICE NO PAIZ DAS MARAVILHAS		5\$000
ALICE NO PAIZ DO ESPELHO		5\$000

venda em todas as livrarias do Brasil

89105757215



b89105757215a

89105757215



B89105757215A